

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

O CANTO DOS GANCHOS, GANCHOS DO MEIO E  
GANCHOS DE FORA NARRAM O ROUBO DA NOIVA

Mestranda: Carmem Lúcia Honorato Germann  
Orientadora: Dra. Alai Garcia Diniz

Florianópolis-SC  
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA  
LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA LITERÁRIA

O CANTO DOS GANCHOS, GANCHOS DO MEIO E  
GANCHOS DE FORA NARRAM O ROUBO DA NOIVA

Dissertação apresentada por Carmem  
Lúcia Honorato Germann ao Programa  
de Pós-Graduação em Literatura da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito para obtenção  
do Título de Mestre em Literatura, área  
de concentração em Teoria Literária.

Florianópolis-SC  
2005

Dedico esta Dissertação às mulheres que muito me ajudaram na realização deste trabalho, entre elas Dona Rute, Dona Marlene, Dona Dirce, Dona Maria José, Dona Marluce, Dona Antonieta, Dona Cecília (*in memória*) e a srta Vanessa, mulheres guerreiras do Canto dos Ganchos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por sua proteção na longa jornada em busca do conhecimento.

À profa. Dra. Alai Garcia Diniz, que me orientou e sofreu a dor da criação, durante esta jornada, aos professores do curso, por dividirem seus conhecimentos e experiências e ao prof. Dr. Pedro de Souza que muito me auxiliou, com suas orientações na Banca de qualificação. Agradeço também ao profs. Dr. Michel Sleiman, Dr. Sérgio Luiz Medeiros e a profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos por terem participado da Banca Examinadora.

Ao meu querido amigo Julio Eduardo Olmo Mandagaran, por me agüentar nos momentos difíceis.

A minha amiga Érika M. Soares, que me introduziu na comunidade de Governador Celso Ramos e em sua família. Meu respeito e carinho.

Aos amigos: Alcione, Ana Lúcia, Antonieta, Claudia, Eliazer, Fabíola, Fernando, Gisele, Janete, Jorge, Luana, Maycom, Morgana, Maria Anita, Rafael, Raquel, Sueli, Tânia e todos que mesmo sem se darem conta estiveram a meu lado. Um carinho especial para aquele que me ama de forma incondicional e que está comigo em todos os momentos: Stone

## RESUMO

O roubo da noiva é uma prática ou costume que ainda hoje permanece na comunidade de Governador Celso Ramos – Ganchos. A partir da pesquisa de campo entrei em contato com a realidade desta região e seus moradores. O roubo da noiva é a forma de casamento legitimada e validada pela comunidade em questão, já que quando um rapaz e uma moça resolvem casar, normalmente optam pelo roubo (fala do rapaz) ou pela fuga (fala da moça), para consolidarem o enlace matrimonial, casando-se no religioso ou no civil somente mais tarde, após o nascimento do primeiro filho, para que possam batizar e/ou registrar a criança.

Foi a partir das narrativas, coletadas através da pesquisa de campo, que optei por relatar e analisar o roubo da noiva. Os(as) entrevistados(as) expuseram vários detalhes, através da oralidade e memória, que dizem respeito a esta prática da cultura popular local. Relato e analiso também outras histórias que fazem parte do cotidiano da comunidade de Ganchos, cotidiano este fértil, seja no que concerne ao imaginário popular, as benzeduras do seu Janguinha ou as aventuras dos pescadores e das mulheres que os esperam durante longos períodos, enquanto estes permanecem no mar.

## ABSTRACT

The fiancée's stealing is a practice or custom that still today stay in the Governador Celso Ramos community. Hereby research I get into contact with the reality of this region and the people.

The fiancée's stealing is a form of married legitimate and valid for the community, already that when a boy and a girl decided to get married, generally they choice for the stealing (talk of boy) or for the escape (talk of girl) for to organize the married in the religion and in civil only more late, after the first son's born, for they can to baptize or to register the chills.

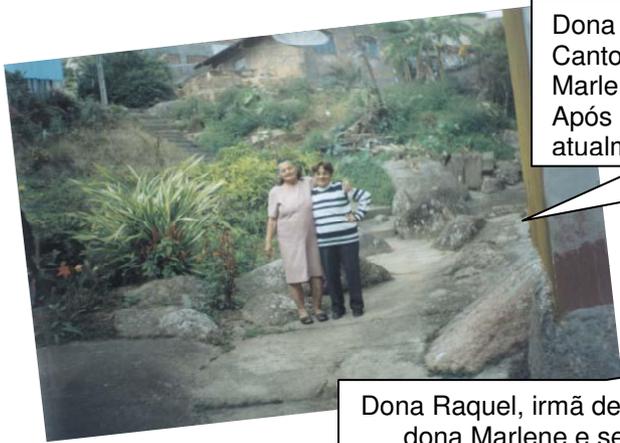
Through the narrative collected for the research I opt for to relate and to analyse the fiancée's stealing. In the interview the people said more details, through the spoken language and the memory about this popular and local custom.

I relate and analyze others histories too that are part of the Ganchos' community. The day by day is fertile, through the popular imagination, the Mr. Janguinha's bless or the fisherman's adventures and the women that waited for long periods while they stayed on the sea.

## SUMÁRIO

PREÂMBULO .....	09
INTRODUÇÃO .....	13
CAPÍTULO I	
1. SEXUALIDADE, CASAMENTOS E FUGAS .....	26
1.1 O matrimônio e a sexualidade sob a ótica do cristianismo .....	31
1.2 Os casais e os casamentos nos Ganchos .....	36
CAPÍTULO II	
2. A ORALIDADE DOS GANCHOS .....	40
2.1 Em Ganchos... <i>naquele tempo era tudo pexe escalado.</i> .....	45
2.2 <i>Que não pedia em casamento nem nada. Era chegá: gosto, robô.</i> ..	65
2.3 <i>A pescaria antigamente era... era muito, muito matoso</i> .....	82
2.4 <i>Por exemplo, eu não posso dizê nada. Contavam!</i> .....	95
2.4.1. <i>Os caras eram caiçaras!</i> .....	107
CAPÍTULO III	
3. MEMÓRIAS DOS GANCHOS .....	114
3.1 As mulheres contam: <i>Aí eu fugi... era fugida.</i> .....	114
3.1.1 <i>Magina! Deus me livre se bejasse.</i> .....	127
3.2 Os homens contam: <i>Eu robei! Robei não, ela acompanhô comigo</i> ...	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	146
REFERÊNCIAS .....	150
ANEXOS .....	157

O Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora apresentam seus personagens



Dona Rute, 74 anos é moradora da comunidade de Canto dos Ganchos (esquerda). Sua irmã Dona Marlene, 67 anos, foi moradora de Ganchos do Meio. Após o casamento mudou-se para Santos-SP, atualmente reside em Itaiá-SC

Dona Raquel, irmã de dona Rute e dona Marlene e seus filhos. (falecida)



Seu Janguinha, 82 anos, morador de Ganchos de Fora.

Dona Maria José, filha de dona Rute. Moradora de Canto dos Ganchos.



Seu Ivaldo, esposo de Dona Dirce, Morador de Canto dos Ganchos



Dona Dirce, 64 anos. Esposa de seu Ivaldo e mãe de Ioná. Moradora de Canto dos Ganchos



## PREÂMBULO

Quem, durante a infância, não escorregou por detrás de uma porta para ouvir uma história proibida, que um adulto - pai, mãe, tia(o) ou vizinho - tinha para contar. Não foi diferente comigo, pois quando criança era demasiadamente curiosa, bisbilhoteira, como dizia minha mãe.

Então em uma pequena localidade no extremo sul de Santa Catarina, com o nome de Praia Grande - comenta-se que é a cidade das duas mentiras: não tem praia nem tampouco é grande -, eu nasci. Sendo esta uma localidade tão pequena, é aceitável que todos se conheçam e não raro participem da vida privada uns dos outros.

Falar deste pequeno pedaço de terra, habitado por descendentes de alemães, me traz à lembrança o cheiro do café de bule, feito na hora com a água aquecida no fogão de lenha e a vovó assando os sequilhos, para servir às visitas. Se vovó estava no fogão, fazendo iguarias, é porque era domingo. Ela não tinha tempo durante a semana, trabalhava na roça. E domingo à tarde era dia de receber as visitas, colocar as fofocas em dia e desfrutar estes momentos de fraterna amizade, em torno da grande mesa da cozinha. As visitas, que na maioria das vezes eram as vizinhas, degustavam entre um café e outro, as novidades da semana.

Não raro foram às vezes em que a “gurizada” abriu mão do banho de rio, ou de roubar os pêssegos da plantação do Vô - e isto era uma grande aventura, pois meu avô tinha verdadeira adoração por seus pêssegos, segundo ele “importados”, não permitindo que ninguém os colhesse sem sua autorização -, para ficar bisbilhotando atrás da porta a conversa dos adultos.

Em algumas ocasiões fomos pegos em flagrante, tendo que rapidamente abandonar o posto de escuta. Outras vezes o assunto era monótono demais e desistíamos em busca de coisas mais interessantes.

Foi com estas escutas clandestinas, que me inteirei de muitas das histórias da região, uma delas é a do “rapaz que fez mal pra moça”, ou a “filha do fulano que fugiu.”

Quando um rapaz tinha feito mal pra uma moça, era o tema que mais me interessava, devido à importância que era dado ao fato, embora, naquela época, eu não soubesse exatamente o significava isso. As “tias” comentavam que a pobre moça, agora estava “mal falada”, portanto, tinha que casar. Esclarecendo: fazer a mal a moça, nada mais é do que a jovem ter feito sexo antes do casamento. Se, em consequência disto, acarretasse uma gravidez, o “falatório” era muito maior, além da especulação sobre o fato de a moça não ser mais virgem.

Comentava-se algumas vezes que uma determinada moça casou de branco e não era mais pura. Como as mulheres reunidas para análise da vida alheia chegavam a esta conclusão? A um entendimento popular nesta região, que afirma que toda noiva deve entrar na igreja para o casamento vestida de branco, segurando um buquê de flores na mão, como é na maioria dos

casamentos que conhecemos. Porém, nesta região, havia uma especificidade a mais, as velas do altar da igreja eram acesas para o ritual, caso alguma vela se apague durante a cerimônia, era a prova de que a noiva não era mais virgem.

Especulação à parte, me pergunto se isso era capaz de interferir na vida destas noivas, a ponto de sentirem medo, caso uma rajada de vento apagasse as velas durante a cerimônia e estas acabassem caindo na boca do povo, digo das fofoqueiras, ou se isso não era assim tão relevante, pois de qualquer forma o casamento não seria interrompido, tampouco anulado com a vela apagada ou acesa, e estando casadas nada mudaria esta realidade.

Um outro prato cheio para as conversas de domingo, eram as moças que fugiam. Estas estavam destinadas à exclusão completa da sociedade comunitária. Virava notícia por muito tempo, tanto quanto as que tinham sido vítimas do “mal” do namorado e por infelicidade haviam engravidado.

Estas histórias fizeram parte de minha infância, até que por necessidade de complementar meus estudos e trabalho tive que sair desta pequena localidade. Assim sendo, vim para Balneário Camboriú em 1991. Aqui fiz amigos, encontrei uma nova família e passei a conhecer as histórias desta região que é basicamente povoada de descendentes de portugueses.

Conheci a história do “roubo da noiva”, porém de uma forma diferente daquela de minha região de origem. Aqui, e mais especificamente no vizinho município de Governador Celso Ramos - Ganchos, o roubo da noiva ou a fuga da noiva é visto como algo do cotidiano, ou seja, não caracteriza nenhuma

desonra, como no caso do sul do estado, e que me despertou a curiosidade da pesquisa.

Conhecer os detalhes da “fuga” para juntar-se ao parceiro, na fala das mulheres ou de “roubar” a futura companheira, na fala dos homens é motivador pelas peculiaridades que compõe esta prática, ainda hoje como parte do cotidiano dos habitantes da região de Ganchos. Se pensarmos que ainda na atualidade, as mulheres dos três Ganchos: Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora têm uma certa “obrigatoriedade” de fugir é no mínimo curioso. Assim sendo, em minha pesquisa de campo, ouço as mulheres que me contam suas aventuras noturnas, durante as fugas pela praia, pelo cafezal com o homem que escolheram para juntos, passarem o resto de suas vidas, em contrapartida escuto as histórias dos homens que roubaram as companheiras, para constituírem suas famílias e serem as mães de seus filhos.

## INTRODUÇÃO

Todo discurso oral va cambiando en el tiempo, adecuándose a sus circunstancias históricas y siempre es producto del contacto y la mezcla cultural. (Victor Vich)<sup>1</sup>

“*Era chegá: gostô, robô*”, – O convívio com integrantes da cultura popular local<sup>2</sup> possibilita perceber que a fala não se enquadra nas convenções da escrita, como afirma Maria Ighes Novais Ayala<sup>3</sup>, pois o ritmo é outro, as pausas são utilizadas de maneira diferente daquela que se aprende na escola. Encharcando-se dessas vozes, desses ritmos da palavra falada é possível chegar a um texto escrito que tenha a pretensão de falar.

Assim sendo é a partir da oralidade e das histórias orais, que começo a delinear esta dissertação que tem como um dos objetivos principais, entender o costume de roubar a companheira - noiva, no discurso dos homens e de fugir

---

<sup>1</sup> VICH FLORES, Victor.; ZAVALA, Virginia. *Oralidad y poder: Herramientas metodológicas*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004. p.37

<sup>2</sup> Embora tenha utilizado a expressão “cultura popular local” concordo com Rolnik quando diz que “*não existe, a meu ver, cultura popular e cultura erudita. Há uma cultura capitalista que permeia todos os campos de expressão semiótica. [...] não há coisa mais horripilante do que fazer a apologia da cultura popular, ou da cultura proletária, ou sabe-se lá o que desta natureza. Há processos de singularização, em práticas determinadas, e há procedimentos de reapropriação, de recuperação, operados pelos diferentes sistemas capitalísticos.*” Ver GUATARRI, Félix. ROLNIK, Sueli. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 23.

<sup>3</sup> AYALA, Maria Ighes Novais. Cultura popular: diferentes meios para representação da oralidade e do contexto cultural. (texto-base para palestra – Encontro Intermediário da ANPOLL GT Literatura oral e popular. Cuiabá. 9 de nov de 2001.

com o companheiro – noivo, no discurso das mulheres, através das narrativas dos(as) moradores(as) das comunidades de Canto dos Ganchos, Ganchos de Meio e Ganchos de Fora, no município de Governador Celso Ramos<sup>4</sup>.

As narrativas do roubo da noiva demonstram ser este um costume<sup>5</sup> que permeia o cotidiano dos envolvidos e se processa da seguinte forma: Dois jovens (homem e mulher) decidem “casar-se”, planejam a fuga, que na comunidade de Ganchos tem a equivalência ao casamento formal. O homem propõe à mulher que esta fuja com ele, para que possam efetivar o enlace matrimonial. As entrevistas demonstraram que é sempre o homem quem toma a iniciativa de propor a fuga, sendo que a mulher tem a opção de aceitar ou não, dependendo do seu interesse pelo parceiro. Quando aceita a proposta, ela é roubada da residência dos pais pelo futuro marido.

Para que o roubo/fuga se realize, os dois planejam um determinado horário, e ele a seqüestra da residência paterna/materna. Dona Rute, 72 anos moradora de Canto dos Ganchos, nos conta como foi sua fuga:... *... aí... à noite eu peguei uma muda e ropa, numa troxa, amarrei..., e então essa noite ele veio me buscá...*<sup>6</sup>

Como se observa na narrativa de Dona Rute o roubo/fuga, ocorre, normalmente durante a noite e sem o conhecimento dos pais da moça. Os preparativos para a fuga não exigem muitos complicadores, bastando uma peça de roupa, embrulhada numa trouxa para que o novo casal possa começar

---

<sup>4</sup> Ver Etnografia em anexo.

<sup>5</sup> “Thompson entende o costume [...] *não como posterior a algo, mas como sui generis: ambiência, mentalité, um vocabulário completo de discurso, de legitimação e de expectativa {...}*” já que este termo foi utilizado para designar boa parte daquilo que hoje está inserido na palavra cultura. Ver THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 14.

<sup>6</sup> Entrevista realizada em 14/08/04, na casa de Dona Rute em Canto dos Ganchos.

a nova vida, e essa forma de encarar a vida, de recomeçar, entendemos como processos de singularização que Guattari<sup>7</sup> explica da seguinte maneira:

*“Aquilo que eu chamo de processos de singularização – poder simplesmente viver, sobreviver num determinado lugar, num determinado momento ser a gente mesmo – não tem nada a ver com a identidade [...]. tem a ver, sim, com a maneira como, em principio todos os elementos que constituem o ego funcionam e se articulam; ou seja, - a maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora...”.*

E essa maneira de sentir, de estar ou não em consonância com o ambiente e as condições socioeconômicas em que vivem estas mulheres e homens dos Ganchos que os fazem atores de suas próprias vidas, como por exemplo, transgredindo a autoridade paterna/materna para formarem a nova família.

Dona Dirce reforça, em seu depoimento, a não autorização dos pais, e consciente da transgressão, diz: *“...Me deu um estado de nervo, quando ele me robô... Meus pais não sabiam, que eu ia fugí. Que era fugida.”*, evidenciando, desta forma que seus pais não sabiam do que estava por acontecer e que tampouco incentivavam o procedimento, e complementa: *“Porque as minhas irmãs casaram de noiva, eu sendo, a mais moça de mulher, eles gostavam mais de mim... E eu fugí. Meu pai ficô apavorado...”*.

Um dos objetivos a que nos propomos é analisar o “roubo da noiva”, não como uma atitude masculina de rapto ou seqüestro da futura esposa, pois os entrevistados não pensam sob esta ótica, já que há o consentimento da mulher

---

<sup>7</sup> GUATTARI, Félix. ROLNIK, Sueli. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 69.

e o rapto/fuga é consensual, pois ambas as partes concordam com o advento, mas também sob a ótica da mulher que afirma: *eu fugí*, se colocando na condição de fugida, não de seqüestrada. Isso me leva a analisar a expressão “roubar a noiva” sob o ponto de vista da família e do noivo, já que ela é “noiva fugida” na autoconcepção das mulheres. Além do que não identifiquei, a partir dos registros orais, nenhuma situação em que a noiva tenha sido forçada fisicamente ao rapto.

Analiso também as questões relativas a moral local, quanto as possibilidades de casamento ou não das mulheres, frente à sociedade no que se refere à virgindade, a religião e como as mulheres entrevistadas se posicionam em relação ao fato de terem sido roubadas. Procuo explicar estes posicionamentos através de pensadores como Pierre Bourdieu, Félix Guattari, Michel Foucault entre outros, fazendo uma abordagem desde a Antiguidade até a contemporaneidade.

Tomo como ponto de partida o que Nascimento<sup>8</sup> afirma com relação a reconstrução da moral greco-romana proposto por Foucault em *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si* que mostra um tipo de relação do homem consigo mesmo que não se baseia nem na universalidade de um fundamento nem em uma reflexão sistemática sobre o sujeito como algo preexistente, como um dado prévio à experiência e à ação. Na moral grega se respeita o caráter individual da conduta: a escolha do modo de vida é uma questão pessoal e a elaboração, o trabalho sobre a própria vida, se apóia em uma série de técnicas, que não tem caráter normativo nem pretende se organizar em forma de código.

---

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Nos rastros de Foucault: Ética e subjetivação*. UnB, Brasília. 2005, p. 2.

O elemento sobre o qual descansa a moral antiga é o trabalho sobre si, a *ascética* elevada à categoria e matriz constitutiva do *êthos*, onde *êthos* implica na relação do indivíduo consigo mesmo, na relação com os outros e na relação com a verdade. Verdade que no entendimento de Dona Dirce, se reforça quando nos conta: “... *tava com 17 anos. Rainha do carnaval em fevereiro. Quando chegô em março, eu casei. Ele me robô. Quando vi tava roubada... que não pedia em casamento nem nada. Era chegá: gostô, robô. Ai eu fugí.*”

E seu marido, Sr. Ivaldo, de 70 anos, nos conta a sua versão deste fato: “*Não tinha namoro, não tinha nada. Convidô pra fugi, – Vamo embora! – Tratei c’as duas. A outra era mais velha treis anos. Eu pensei: vou robá a mais nova.*”

Evidencia-se, assim, uma diferenciação na concepção de verdade das mulheres quando afirmam que fugiram com o marido, demonstrando que há uma aceitação, uma permissão para o ato, enquanto que nos discursos de alguns dos homens denota-se o poder subjetivo da força do macho que impõe a escolha à fêmea. Seu Ivaldo afirma que foi ele quem determinou o roubo, sujeitando a mulher à condição de “roubada”, não oportunizando questionamentos quanto a sua decisão.

Assim sendo e a partir da noção de que o campo da literatura constrói-se dinamicamente, este estudo do roubo da noiva tem por base a idéia de que através da oralidade, há uma representação que emerge sob a forma de discurso em uma determinada comunidade e que conjuga o fictício ao imaginário coletivo, base da literatura, que segundo Wolfgang Iser e Martin-Barbero<sup>9</sup>, o discurso não é um instrumento passivo na construção do sentido

---

<sup>9</sup> BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios as medições*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p.33

dos processos sociais, das estruturas econômicas ou dos conflitos sociais e Michel Foucault<sup>10</sup> entende o discurso como atividade humana central, não como um texto geral, universal ou um vasto oceano de significação, mas sim a dimensão histórica da mudança discursiva, pois aquilo que se pode “dizer” muda de uma época para outra, portanto, não basta dizer a verdade, é preciso estar “na verdade”.

Vich Flores<sup>11</sup> admite a idéia de que todos os textos (orais ou escritos) estão simultaneamente constituindo representações, relações e identidades, e que é na história oral que a produção do discurso sobre o passado assume a introdução de novos atores que passam a ter voz na interpretação dos sentidos. *A história oral se interessa pelo conjunto de significados que as pessoas produzem sobre seu presente e sobre sua relação com os demais*<sup>12</sup>.

Enquanto que Caldin<sup>13</sup> diz que a oralidade, depende de uma poética da voz, manifestada por diversas funções sociais ritualizadas através da palavra. A tradição da oralidade se apresenta em vários aspectos da vida cotidiana, como no ensino, no testemunho judiciário e na consulta médica. A transmissão oral ou a escritura oferecem problemas complexos e de natureza diversa, e estão internamente ligadas, portanto a oralidade é dinâmica na transmissão cultural e de valores. A oralidade é movimento.

Se a oralidade tem um movimento maleável, que se adequa, se molda, se transforma, como a água que ao ser *revestida* pelo espaço delimitador de

---

<sup>10</sup> SELDEN, Ramam; WIDDOWSON, Peter, BROOKER, Peter. *La teoria literária contemporanea*. 3. ed. Barcelona: Ariel S.A.224.225

<sup>11</sup> op. cit, p. 67

<sup>12</sup> op. cit, p.89.

<sup>13</sup> CALDIN, Clarice Fortklamp. *A Oralidade e a escritura a literatura infantil*: Referencial teórico para a hora do conto. Artigo eletrônico. UFSC, 2001.

um vaso de cristal – vaso esse que nada mais é do que uma metáfora do texto, em que contém dimensões, limitações, forma definida e conteúdo, permite ao leitor vislumbrar através da transparência, a sonoridade e a musicalidade da voz. Então esta oralidade é percebida pelo olhar que filtra a trans-lucidez do texto, os ouvidos que sentem a *escritura em voz alta*<sup>14</sup>, e o corpo na sua totalidade absorve o *prazer do texto* que na *vontade da fruição*<sup>15</sup>, torna-se uma constante, sem perder a essência, a estética. *O prazer do texto é isso: o valor passado ao grau suntuoso de significante*<sup>16</sup>.

Valendo-me do que afirma Maria Ignes N. Aylala, quando diz que a representação escrita do texto oral, para recriar em palavras seus belos efeitos exige um empenho enorme e coragem para ousar, para transgredir normas de estabelecimento de textos e manter a pulsação viva da fala, ainda que por escrito, desta forma ousou transgredir as normas e transformar em texto as narrativas orais das mulheres e homens dos Ganchos.

Quanto a memória, que este trabalho também se propõe a analisar, utilizo-me de autores como Vogt<sup>17</sup> que afirma que a memória funciona sob um paradigma de oposição representada pelos pares *aqui-lá* e *agora-ontem*, definindo o tempo e espaço que são variáveis fundamentais para constituírem o jogo de atuação da memória, manifestado como *memória retentiva* e, *memória de recordação*.

---

<sup>14</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva. 1973, p.86.

<sup>15</sup> op. cit. p.21

<sup>16</sup> op. cit p.85

<sup>17</sup> VOGT, Carlos. *Memória e linguagem*. *Revista eletrônica de jornalismo científico*. Com ciência: no. 69, ago2005. SBPC. Disponível: [www.comciencia.br](http://www.comciencia.br) capturado em: 06/10/2005.

Enquanto que Nelly Richard<sup>18</sup> entende a memória como residual de uma narrativa tematizada pela recordação e esta se apresenta composta de pequenos cenários a deriva.

Além da memória, as narrativas orais dos(as) entrevistados(as), apresentam o imaginário popular, permeado pelas histórias de bruxas e lobisomens e que optei por analisar, buscando em Barthes<sup>19</sup>, por exemplo, subsídios para entender este imaginário ... *presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, na conversação. Além disso, sob estas forma quase infinitas, a narrativa deste imaginário popular está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, admite o autor.*

Além da oralidade, memória e imaginário, uma questão que se manifesta com certa regularidade durante as entrevistas é quanto ao racismo contra negro, e que analiso sob a ótica de alguns autores como Johnson<sup>20</sup> que afirma ser o *preconceito a teoria da desigualdade racial e a discriminação é a sua prática* aplicada ao real. Enquanto que Tragtenberg<sup>21</sup> chama esta discriminação atual como a de *um olhar branco*, de uma sociedade acostumada a um *racismo cordial*, e que em Ganchos não se observa na

---

<sup>18</sup>RICHARD, Nelly. *Resíduos y Metáforas*. (Ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición). Santiago: Cuarto propio. [s.d]

<sup>19</sup> BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J. et all. *Análise estrutural da Narrativa*. Pesquisas semiológicas. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p.19.

<sup>20</sup> JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Guia prático da linguagem sociológica. Trad. Ruy Jungamnn. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.180/181

<sup>21</sup> TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. *Um olhar branco sobre ações afirmativas*. Disponível [on-line] [www.espacoacademico.com.br](http://www.espacoacademico.com.br). 2003, capturado em 04/10/2005.

postura dos entrevistados, constrangimento ou desconforto em relatar ou manifestar *discriminação negativa – preconceito racial*.

Outras questões que aparecem nas narrativas e que analiso é com relação à família. Johnson<sup>22</sup> afirma que a família é uma instituição social, com responsabilidades sobre os filhos, quanto à educação e manutenção destes, apoio emocional aos adultos componentes desta família entre outros atributos. A família vista como instituição é um modelo abstrato que descreve sua organização e atividades. Mas ao que nos parece, em Ganchos o modelo vigente é o da família nuclear, em que sua base é composta por pais, filhos naturais ou adotados residentes na mesma casa, modelo este predominante nas sociedades contemporâneas, e que adotaremos como conceito básico quando nos referirmos à família, salvo as exceções.

Alguns questionamentos acreditamos serem necessários, tais como: Até que ponto as famílias estão de acordo ou não com a fuga das mulheres?. Qual dos pais tem melhor aceitação quanto à fuga da filha? A mãe ou o pai? As mulheres escolhem previamente seus maridos ou não tem esta opção? Existe nesta escolha um jogo de papéis que reforça a autoridade masculina, tanto do futuro marido quanto do pai? As mulheres exercem poder sobre os homens? Como as mulheres se vêem no jogo de seduzir e de serem seduzidas?

Com base nestes questionamentos, busco as respostas no que Guattari<sup>23</sup>, afirma sobre não haver modelos de relações pré definidos, pois cada indivíduo percebe e interage com o mundo a sua volta conforme e a partir do contexto social em que estejam envolvidos, cita-se:

---

<sup>22</sup> op. cit. p. 107.

<sup>23</sup> op. cit. p. 27.

*“Tudo que é produzido pela subjetivação capitalista – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com pólos maternos, paternos, etc. trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas de definem a maneira de perceber o mundo”.*

É a partir desta maneira de perceber o mundo e ao escolher para análise homens e mulheres de várias idades e condições sociais, que procuro ao longo da pesquisa de campo e através das entrevistas realizadas no Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora, responder aos questionamentos a que este estudo se propõe.

Penso ser necessário fazer um esclarecimento, já que o meu enfoque estava, primeiramente, centrado apenas nas mulheres da localidade de Canto dos Ganchos, tanto as mais velhas quanto as mais jovens, e ouvir os homens não era inicialmente uma das prerrogativas do meu trabalho, porém a pesquisa de campo me foi exigindo fazer um parêntese e ouvir as histórias e os pareceres dos homens desta comunidade, para então confrontar com as histórias contadas pelas mulheres, pois a partir deste momento pude perceber que o estudo tornou-se mais completo, enriquecendo sobremaneira a pesquisa e a análise com os dados agregados.

Entendemos que é a partir das histórias dos homens que será possível fazer uma análise comparativa dos dois discursos presentes no roubo da noiva, e responder aos questionamentos anteriores, além do que foi necessário estender a pesquisa aos arredores, incluindo as demais localidades, pela rede de relações que há entre estes locais.

Quanto ao método de pesquisa, utilizo a pesquisa qualitativa com indicação, metodologia utilizada por pesquisadores da Antropologia, para coletarem informações sobre a vida dos povos que não podem ser quantificados e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla do que circunscrita ao simples dado objetivo<sup>24</sup>, neste contexto inclui-se a prática do roubo da noiva em Ganchos.

Partindo do pressuposto de que algumas condições mínimas devem ter proeminência no processo de escolha dos informantes, conforme Triviños<sup>25</sup> adoto os seguintes requisitos para a seleção dos informantes, na comunidade de Ganchos. São eles: *Antiguidade na comunidade e envolvimento desde o começo que se quer estudar; conhecimento amplo e detalhado das circunstâncias que têm envolvido o foco de análise; disponibilidade adequada de tempo para participar no desenrolar das entrevistas e encontros; capacidade para expressar especialmente o essencial do fenômeno e o detalhe vital que enriquece a compreensão do mesmo.*

A metodologia aplicada é a pesquisa qualitativa por indicação como mencionei, porém com o diferencial de ser uma pesquisa oral. Em se tratando de pesquisas relacionadas à oralidade, o registro das entrevistas, visando sua utilização, apresenta distintas fases, que vão desde o registro em si (auditivo, no meu caso, pois utilizei gravador), o bloco de anotações, a transcrição, a textualização, a divulgação até a publicação ou arquivamento do material trabalhado. Meihy<sup>26</sup> diz que “o que deve vir a público é um texto trabalhado,

---

<sup>24</sup> TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo; Atlas. 1987. p.120

<sup>25</sup> op. cit. p. 144.

<sup>26</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual da História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996. p.59.

onde a interferência do autor seja clara, dirigida à melhoria do texto” assim sendo, procuro ao longo deste trabalho, a melhor maneira de transformar uma entrevista ou um relato oral num texto escrito que contenha e permita a *fruição*<sup>27</sup>, que seja inteligível e preserve a sonoridade e as peculiaridades da fala dos entrevistados. Dentro daquilo que se entende na gravação, “transcrevo” o mais fielmente possível, pois se trata de uma maneira peculiar de sonoridade, com entonações próprias do falar da comunidade dos Ganchos e que dificulta sobremaneira o entendimento auditivo.

### **Estrutura**

No primeiro capítulo – Sexualidade, casamentos e fugas. – Busco relatar a sexualidade humana, os casamentos e outras práticas de enlaces matrimoniais, a partir de estudos realizados por pesquisadores ao longo da história. Identifico os rituais de casamentos ocorridos desde a Idade Antiga, sob a ótica do Cristianismo, chegando até o roubo da noiva, legitimado pelas comunidades de Canto dos Ganchos, Ganchos do meio e Ganchos de Fora, como casamento, efetivando-se a ritualização no religioso e/ou no civil posteriormente. O casamento – *roubo da noiva*, relato e analiso na forma como é praticado nos Ganchos.

No segundo capítulo – A Oralidade dos Ganchos. – Apresento as questões da oralidade e como ela se manifesta no contar e recontar o “roubo/fuga da noiva” principalmente no que tange aos relatos, referente aos fatos ocorridos durante

---

<sup>27</sup> op. cit, BARTHES, p.68

a fuga destas mulheres e homens, que rememoram o passado, mas também narram casos ocorridos recentemente.

Identifico as causas para que o roubo da noiva se efetivasse no passado e aconteça no presente, pois as entrevistas mostraram que a questão econômica era um dos fatores preponderante, porém outras particularidades se fizeram presentes com o avançar da pesquisa, como por exemplo, o trabalho dos homens no mar e a urgência de atenderem seus apelos sexuais. No presente se evidencia também a questão social, em que as moças se sentem pressionadas a casar-se para não ficarem solteiras, entre outras prerrogativas.

Relato o trabalho na comunidade, principalmente a atividade pesqueira, de fundamental importância na manutenção e sobrevivência das famílias gancheiras e o trabalho feminino.

Ainda neste capítulo, abro dois sub-itens: *“Por exemplo, eu não posso dizê nada. Contavam!”*- para relatar as histórias que compõem o imaginário desta comunidade e que os entrevistados fizeram questão de contar e *“Os caras eram caixaras!”*, em que apresento a questão do racismo contra negros.

No terceiro capítulo - Memória dos Ganchos. - Faço uma análise dos discursos vigentes na comunidade, as relações de poder constituídas, pois a partir das entrevistas pude observar diferentes pontos de vista, que, em geral determinam as relações de gênero referentes à ação nupcial. As narrativas mostram que os homens “roubam a noiva” e as mulheres “fogem com o noivo”. Relato e analiso o discurso destas mulheres fugidas quanto às questões de namoro e virgindade e dos homens enquanto “raptos” de noivas.

## CAPÍTULO I

### 1. SEXUALIDADE, CASAMENTOS E FUGAS

Neste capítulo relatamos a sexualidade humana, no sentido do acasalamento e uniões nas diversas modalidades pelas quais a humanidade vem passando ao longo de sua trajetória. Quando nos referimos a sexualidade humana, estamos falando de um tema há muito pesquisado nas mais diversas áreas do conhecimento. A busca do entendimento e funcionamento desta sexualidade é talvez um dos mais complexos itens do comportamento do ser humano. Portanto, não objetivamos aqui apresentar nenhuma nova pesquisa nesta área, apenas relatar aquilo que pesquisadores já entenderam por bem divulgar.

Conforme o que as pesquisas demonstraram é possível considerar as mudanças do comportamento sexual humano em diferentes níveis, do ponto de vista dos organismos de reprodução sexuada, entre as várias espécies ou subespécies existentes. Mas nosso interesse situa-se no entendimento do comportamento sexual humano e suas especificidades. Porém vamos primeiramente nos situar quanto ao reino animal, em que a reprodução impõe certas condições para a troca do material genéticos entre fêmeas e machos. As

fêmeas utilizam um critério de seleção próprio de cada espécie, na escolha do macho reprodutor e, apenas uma minoria de machos consegue se reproduzir, enquanto que de modo geral todas as fêmeas conseguem fazê-lo pelo menos uma vez durante sua vida fértil.

Do ponto de vista da reprodução, os machos têm a vantagem de se acasalar com tantas fêmeas quanto puderem ou forem pertencentes ao grupo de domínio, enquanto que as fêmeas, somente com uma única oportunidade – a do cio –, disputam a conquista dos melhores genes.

Alguns autores supõem que estes fatores produziram uma grande influência, mas não neutralizaram os processos de seleção sexual ou de seleção de parentesco, apenas modificaram-nos e, esta modificação foi um dos primeiros passos no caminho que conduziu ao comportamento sexual humano, ou seja, deste modelo teria se originado os primeiros passos da formação da sociedade dos homínídeos e desse sistema de relações sexuais, o sistema social propriamente dito.

Segundo Fox<sup>28</sup> o fato modificador crucial na relação entre homínídeos e os demais mamíferos foi a rapidez da evolução cerebral destes homínídeos (cujo volume triplicou em dois milhões de anos) e isto ocorreu durante e em decorrência da fartura de alimento, ou seja, de caça abundante. O autor entende que a partir deste contexto, os machos tinham que criar soluções inteligentes para o desafio da captura dos animais e a vantagem seletiva

---

<sup>28</sup>FOX, Robin. *As condições da evolução sexual*. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 09/24.

estava assim relacionada à inteligência e não mais apenas a força e outras capacidades. Quanto às fêmeas, a transformação ocorreu no sistema de trabalho e obrigações, pois a partir de então a principal mudança efetiva-se na divisão do trabalho por sexos, modificando não apenas as relações entre estes, mas também os relacionamentos internos do grupo.

No novo sistema de relações sociais as condições e a divisão sexual do trabalho e de caça, em colaboração, resulta na impossibilidade da manutenção do sistema “o vencedor leva tudo”, surgindo assim o sistema de alianças e partilhas.

Já na Antiguidade, os naturalistas distinguiam os animais que viviam em rebanho daqueles que viviam a dois. Foucault<sup>29</sup> afirma que *Hierócles fundamenta o casamento na natureza humana, ou seja, os homens são animais conjugais, e Platão se referia numa passagem das Leis a essa distinção e recomendava aos humanos que observassem e seguissem o exemplo dos animais que são castos enquanto vivem em bando, mas começam a formar duplas e tornam-se animais “conjugais” quando chega a estação dos amores.*

Hierócles, afirmava que o ser humano é um ser binário por constituição, ou seja, é de sua natureza viver a dois, numa relação que lhe dê descendência e lhe permita passar a vida com um parceiro. A natureza e a razão coincidem no movimento que impulsiona o ser humano para o casamento, sendo “O

---

<sup>29</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3*. O cuidado de si. 6.ed. Trad. Maria Thereza da Costa Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.155.

*homem ao mesmo tempo conjugal e social: a relação dual e a relação plural são ligadas”.*

Foucault<sup>30</sup> em suas reflexões sobre o casamento, através de textos estóicos dos dois primeiros séculos, admite a naturalidade do casamento. Embora esta naturalidade seja contestada por algumas escolas filosóficas, como no caso dos cínicos, foi fundamentada sobre uma série de razões, tais como a necessidade de prolongar a união, numa ligação estável objetivando assegurar a educação e progeneração; o conjunto de ajudas, comodidades e prazeres que a vida a dois proporciona com suas obrigações e serviços; e finalmente, *a formação da família como elemento base para a cidade*. Foucault diz que *“Quanto à primeira dessas funções, a união entre homem e mulher implicava um princípio que é comum a todos os animais; e quanto às outras, ela marcava as formas de uma existência que era em geral considerada como propriamente humana e racional”.*

Os estóicos entendem que o casamento é antes de tudo uma obrigação do ser humano, desde o momento que esse se reconhece como membro de uma comunidade e parte do gênero humano. A discussão de Epicteto com um epicurista, mostra claramente, diz Foucault<sup>31</sup>, que o casamento é um dever universal para todo ser humano que busca viver em conformidade com a natureza, que proporciona uma vida útil para os que o cercam e toda a humanidade.

---

<sup>30</sup> Op. cit, p. 153.

<sup>31</sup> Op. cit, p.156.

A discussão com o epicurista deve-se ao fato de este, por fidelidade filosófica, se recusar ao casamento. Epicteto argumenta que se cada cidadão se recusar a casar, de onde virão os cidadãos? Quem os educará? Como se formarão as cidades?

Além de o casamento conter as obrigações sociais as quais nenhum homem deve se furtar, deverá ele também cumprir seu papel de cidadão, casar-se, ter filhos, honrar a Deus, cuidar dos próprios pais<sup>32</sup> e como último argumento, o casamento é uma forma de subordinar os desejos, provocar o ardor e conter os impulsos nos atos conformes à natureza, argumentava Epicteto.

Foucault<sup>33</sup> afirma que toda uma reflexão moral sobre a atividade sexual e seus prazeres parece marcar, nos dois primeiros séculos de nossa era, um reforço dos temas de austeridade. Médicos recomendam a abstinência sexual, declaram que preferem a virgindade ao uso dos prazeres, pois desconhecem os efeitos da prática sexual. Filósofos condenam qualquer relação sexual fora do casamento e prescrevem aos esposos fidelidade rigorosa e sem exceção.

Essa concepção vem desde o século IV, quando se encontrava claramente formulada, a idéia de que atividade sexual é em si demasiada perigosa e custosa, no que se refere à perda da substancia vital, e portanto deve-se limitar a prática sexual, na medida em que esta não seja estritamente necessária, além da exigência da fidelidade por parte dos cônjuges, com absoluta abstenção de práticas de prazer “extraconjugais<sup>34</sup>”.

---

<sup>32</sup> Op. cit. p. 157.

<sup>33</sup> Op. cit. p. 231.

<sup>34</sup> Op. cit. FOUCAULT, Michel. . p.218.

Começa a se delinear assim a futura moral cristã, quando então o próprio ato sexual será considerado um mal, sendo atribuído sua legitimidade somente no interior do vínculo conjugal.

## 1.2 O matrimônio e a sexualidade sob a ótica do cristianismo

*“Há no centro da moral cristã, uma desconfiança muito aguda em relação aos prazeres carnis, porque eles mantêm o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar na direção de Deus<sup>35</sup>”.*

Os documentos eclesiásticos, como os tratados de teologia moral, as coletâneas de casos de consciência e os manuais de confissões entre outros, tratam da sexualidade conjugal minuciosamente, reforçando e impondo as prescrições para a vida regrada conforme as normas da Igreja. A união entre duas pessoas dava-se apenas para a procriação, qualquer outro motivo era pecado e os desejos sexuais deviam ser reprimidos, pois o sexo tinha como único e, somente esta finalidade: procriação.

Os teólogos cristãos da sociedade antiga entendiam que a união sexual só era legítima, dentro do casamento, e sendo realizada para uma boa finalidade, como por exemplo, para gerar filhos ou para dar ao cônjuge o que se lhe havia prometido no contrato de casamento. A partir do século XIII estes

---

<sup>35</sup> FLANDRIN, Jean-Louis. *A vida sexual dos casados na sociedade antiga: Da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos*. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 135

mesmos teólogos acrescentaram uma terceira razão: a intenção de lutar contra um desejo culposo.<sup>36</sup>

Monseñor Streng<sup>37</sup> em sua *Instrucción para novios y casados* é bastante claro, ao afirmar: “*De esto se desprende com evidencia que toda relación sexual entre personas no unidas por el matrimonio está prohibida y es gravemente culpable...*”

Desta forma a Igreja entendia como sendo o casamento um remédio que Deus deu ao homem para que este se preservasse da impudência. Se um dos esposos cair em tentação de adultério ou de poluição, deve-se utilizar o remédio do casamento para não sucumbir a essa tentação. A partir do século XV, alguns teólogos entendem que não se comete pecado algum ao unir-se a esposo(a) com este objetivo, ou seja, por desejo sexual – embora não se usasse ainda este termo - pois antes todos os teólogos viam nesta prática o pecado venial. O mesmo acontecia com os esposos que se uniam deliberadamente ao cônjuge por prazer, cometiam o pecado mortal.

A partir dos séculos XVI e XVII a união entre casais já permite o prazer não intencional, porém a condição explícita é de que o ato tenha como finalidade a procriação. Agora não se condena a busca do prazer, mas apenas a “busca do prazer” ou seja, o ato sexual tem sua obrigatoriedade na procriação.

---

<sup>36</sup> Op. cit. p. 136.

<sup>37</sup> STRENG, Monseñor. *Amor y vida conyugal*. Instrucción para novios y casados. Madrid: Ediciones Daimon, 1958. p.50

Monseñor Streng<sup>38</sup>, reforça *“Cuando el hombre satisface esse instinto em el pecado, las Sagradas Escrituras lo denominan de ‘placer da la carne’. Y entonces se habla de ‘voluptuosidad culpable’ o ‘placer malsano’.”*

Além da condenação do uso dos prazeres, os teólogos entendiam o casamento como indissolúvel, pois segundo o preceito bíblico: *“Aquilo que Deus uniu, não separe o homem”* (Mat. XIX, 6).

Ariés<sup>39</sup> afirma que o *grande fato da história da sexualidade ocidental é a persistência, durante longos séculos, até nossos dias, de um modelo de casamento limitador, o casamento monogâmico e indissolúvel. Este se opõe aos outros modelos que o precederam na época romana, ou que coexistem ainda com ele no mundo de hoje e comportam, pelo menos para o homem, o direito de dissolvê-lo e de recomeçar”.*

Surge na antiga igreja romana, uma certa estabilidade matrimonial, pois durante os primeiros séculos da nossa era, ocorreu uma profunda transformação dos costumes e valores do casamento romano, quando se introduziu um maior sentimento, uma exigência moral mais rigorosa e um reconhecido valor à duração deste, ou seja, foi a partir daí que se impôs o valor moral que se transformará na moral cristã, segundo Ariés, e que era originariamente pagã. A tendência da época era reconhecer um valor à estabilidade de uma união, fortalecendo os laços familiares e econômicos.

---

<sup>38</sup> Op. cit. p. 51.

<sup>39</sup> Op. cit. p. 163.

Monseñor Streng<sup>40</sup> *Para que la vida humana se propague de una manera digna del hombre, y para el mayor provecho espiritual y material do los hijos, Dios ha instituído el matrimonio*”.

Para que possamos compreender melhor este processo, faz-se necessário entendermos como isso aconteceu, ou seja, ocorreu primeiramente nas classes aristocráticas e na Igreja, por volta dos séculos IX e XII. *“É durante esse período e nesses meios que o casamento ocidental foi implantado, tal como o praticamos ainda hoje, sob formas laicizadas, tornadas mais leves pela possibilidade do divórcio, mas fixadas pelo direito”<sup>41</sup>.*

Os rituais de casamento surgem a partir do século XI, no entanto, os mais antigos ainda aceitavam e validavam os compromissos domésticos ou contentavam-se em agregar uma solenidade diante da igreja, pois ainda não se praticava o ritual no interior da igreja. Diante das portas da igreja, designado o lugar mais público da aldeia. A grande mudança eclesiástica foi consentir a transferência da cerimônia - que até então era realizada em casa, o local tradicional - para as portas da igreja.

As cerimônias às portas de igreja compreendem, a partir dos séculos XIII-XIV, duas questões bem diferenciadas: a primeira era que os pais entregavam a moça ao padre, para que então somente este entregasse ao futuro esposo. *Entre os séculos XIV e XVI o padre perde esta função e são os noivos que assumem o compromisso recíproco, sua doação é mutua, sinal*

---

<sup>40</sup> Op. cit. p. 13

<sup>41</sup> Op. cit. ARIÉS, p. 164.

*evidente de uma profunda mudança das mentalidades (Eu, Fulano, dou a ti, Fulana, meu corpo como esposo e marido)*<sup>42</sup>.

Aproximadamente no século XVII, finalmente a igreja autoriza o casamento no interior da igreja, onde tem lugar até os dias de hoje. No entendimento de Ariés, a clericalização teve como efeito apenas acrescentar mais uma cerimônia aos ritos domésticos já existentes, e conseqüentemente aumentar o tempo das bodas.

A igreja começa a validar mais o registro por escrito do que a própria cerimônia religiosa. A escrita fundamentava o ato cerimonial, ao mesmo tempo em que o controlava. Para se celebrar o casamento na igreja, implicava em dois atos fundamentais: a publicidade do casamento; seu registro por escrito, transformando em legítimo e ilegítimos os filhos nascidos fora destes fundamentos.

No entanto, o estado sucedeu à igreja impondo seu modelo. Nem as transformações no interior do casal e da família, ou aproximação entre amor-paixão e o amor conjugal ou a substituição do casamento negociado pelo casamento consentido, nem tampouco as ressalvas trazidas pela indissolubilidade, nada disso liberou o casamento de suas pressões legais, nem o devolveu ao domínio privado, continua sendo um ato público.

---

<sup>42</sup> Op. cit. ARIÉS, p. 178./179

## 1.2 Os casais e os casamentos nos Ganchos

Conforme o memorialista Francisco Machado Ferreira, em 16 de maio de 1751, vários casais açorianos estavam inscritos para empreenderem a viagem rumo a Santa Catarina, no Brasil. Na Ilha de Açores o trabalho escasseava e a sobrevivência estava ficando cada dia mais difícil. Com o desenvolvimento do capitalismo e as transformações na estrutura agrária, os camponeses e artesões que ficaram sem trabalho, procuraram o Novo Mundo para tentar a sorte. Pesquisas indicam que no século XIX, a emigração açoriana constituiu um grande problema social e político<sup>43</sup>.

Para a viagem não se exigia passaportes, assim sendo, muitos foram os que se dirigiram ao Brasil. Os demais homens e mulheres que povoaram a costa catarinense vieram da África, como escravos. Porém os casais portugueses que aqui aportaram não eram somente de pobres e degradados, mas alguns abastados empresários também se estabeleceram vindo de além mar, com o intuito de aumentarem suas posses no Novo mundo. No entanto, *a grande maioria dos alistados eram agricultores, pois os homens demonstravam apego ao amanhã do campo e as mulheres aos serviços domésticos*<sup>44</sup>.

Estes casais que formaram a comunidade São Miguel da Terra Firme, hoje Governador Celso Ramos ou simplesmente Ganchos são os precursores das famílias gancheiras.

---

<sup>43</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos (org.) *Povoadores da fronteira*. Os casais açorianos rumo ao sul do Brasil. Florianópolis: EDIUSFC, 2000. p.14/15.

<sup>44</sup> Op. cit. FLORES, p. 45.

Nos estudos realizados, não obtive resposta quanto ao tipo de casamento realizado pelos aqui chegaram. Mas por volta do século XVIII, principalmente na Europa, a sociedade entendia que o casamento ideal era aquele em que os esposos se amassem ou que fizessem de conta que se amavam, com aconselhamento da igreja para que fosse longo e duradouro. A indissolubilidade do vínculo conjugal estava ligada ao respeito geral que a sociedade impunha.

Lembramos que os casais vindos de Açores eram camponeses, provenientes da área rural onde o casamento era um ato doméstico, ou seja, o casamento era um tratado que empenhava a palavra dos contratantes entre duas famílias. Uma família dava a mulher, a outra família a recebia em troca de um *dos*, de um dote (*donatio puellae*)<sup>45</sup>.

Nas classes aristocráticas, onde os interesses em jogo tinham grande peso, o casamento selava alianças e eram realizados somente os *casamentos reais*, reservados aos poderosos e apenas a alguns dentre seus filhos<sup>46</sup>.

Não sabemos ao certo, mas não pode ser descartada a idéia de que o roubo da noiva, costume praticado nos Ganchos desde a época da colonização, tenha alguma raiz neste ritual de casamento rural praticado na Europa, em que os esposos oficializavam o ritual em casa, na presença dos vizinhos e parentes que validavam a união do casal ou se devido às condições precárias da vida no Novo Mundo obrigou-os a mudarem os costumes e tradições, adequando-se a nova realidade.

---

<sup>45</sup> Op. cit. ARIÉS, p. 165.

<sup>46</sup> Op. cit. ARIÉS, p. 166.

O roubo da noiva na comunidade de Ganchos tem a anuência da moça, diferindo, portanto, do rapto descrito por Flandrin<sup>47</sup>. *“Neste momento, os prantos da noiva redobram: ela foge com as amigas e o marido corre atrás com o seu cortejo. Segue-se uma luta que parece bastante séria. Os esforços para levar a noiva para o domicílio conjugal muitas vezes fazem com que suas roupas acabem sendo rasgadas, o que é para ela um título de honra, pois quanto mais uma moça, nessa oportunidade, oferece resistência”, mais ela passa por virtuosa na Cantão, e mais seu marido acredita ter o direito de contar com sua fidelidade”* (Abel Hugo, A França pitoresca, II, 82 in: Flandrin, 1986, p.151)

As mulheres e homens de Ganchos entendem como casamento, o roubo/fuga da moça, como nos confirma Dona Marlene ao dizer: *Eu casei em dezembro*, referindo-se ao mês em que fugiu. No entanto utilizam a expressão “casar de noiva(o)” para os casamentos com rituais religiosos, em que a moça usa o tradicional vestido de noiva.

Segundo as entrevistadas este é uma tradição que se realiza desde o tempo dos mais antigos, e que, na atualidade, ainda é costume as moças fugirem ao invés de fazerem “casamento de noiva” ou quando falam dos rapazes, é pressuposto que eles roubem a moça, formalizando o casamento somente mais tarde com o nascimento do primeiro filho, pois para o batismo é exigência da igreja que os pais sejam casados e o mesmo acontece quando vão registrar a criança, é prerrogativa a formalização do casamento no civil, para conseguirem a certidão de nascimento do filho.

---

<sup>47</sup> Op. cit. p. 151.

Quando se trata de uniões, desde os tempos mais antigos até os dias de hoje, sejam casamentos ou roubo de noivas, a problemática social se faz presente, no que tange aos cerimoniais ou ao fator econômico, que permeou e permeia o cotidiano dos familiares envolvidos. A partir das entrevistas sobre o roubo da noiva, apresentamos e analisamos as questões relativas à oralidade e a memória do roubo da noiva, sob a ótica das mulheres fugidas e dos homens raptos de noivas. Além do que citamos as prováveis causas para que o roubo da noiva se processe.

## CAPÍTULO II

### 2. A ORALIDADE DOS GANCHOS

“La oralidad es un *suceso* que *ocurre* y, como tal, muchos de sus significados se encuentran fuera del texto y radicalmente condicionados por la situación histórica en la que han sido producidos”. (Victor Vich).<sup>48</sup>

Neste capítulo apresento um panorama dos elementos que compõem as manifestações orais dos relatos sobre o roubo da noiva e recortes que fazem parte do contexto desta prática no Canto dos Ganchos, sem deixar de lado as comunidades de Ganchos do Meio e Ganchos de Fora. Agregar as demais localidades foi uma necessidade que surgiu pela rede de relações entre as comunidades, já que, mesmo com um forte sentimento de independência entre elas, as relações são intensas através do contato ou dos deslocamentos das comunidades, participação de atividades econômicas comuns, trabalho e festas, sem falar nas relações de parentescos existentes.

---

<sup>48</sup> VICH, Victor. *El discurso de la calle*: Los cómicos ambulantes y las tensiones de la modernidad en el Perú. Lima: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2001. p. 48/49.

A partir das entrevistas, diário de campo e ainda outras informações coletadas durante a pesquisa, detalho os contextos quanto à cronologia e localização das narrativas e os sujeitos envolvidos nos fatos.

Nesta breve introdução justifico o roubo da noiva como um costume quando as mulheres contam suas vivências na fuga e os homens narram suas performances durante o roubo da noiva, conforme Thompson<sup>49</sup> as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas.

Assim a oralidade se faz presente no discurso dos moradores do Canto Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora, quando trazem à tona pormenores de fatos acontecidos no passado, sejam em suas vidas particulares, seja nas histórias contadas pelos mais antigos que ainda hoje permeiam o cotidiano da comunidade em questão.

A oralidade não é apenas uma prática, uma experiência que se realiza ou um evento de que se participa, mas produz uma reação em cadeia, em que os participantes se comunicam e se dispõem a construir esta oralidade, pois o discurso oral não tem seu significado em si mesmo, mas é construído a partir de uma imagem destinada a um foco e esta imagem é produzida de acordo com as circunstâncias do fato e do público ao qual é direcionado, ou seja, cada público tem sua relevância na composição da história oral, afirma Vich Flores,<sup>50</sup> e complementa, além do que esta mesma história oral não fala apenas sobre o

---

<sup>49</sup> Thompson, E. P. *Costumes em comum*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 18.

<sup>50</sup> VICH FLORES, Victor.; ZAVALA, Virginia. *Oralidad y poder: Herramientas metodológicas*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004. p. 11; p. 89/90. Tradução e adaptação minha.

que aconteceu, mas do que as pessoas quiseram que acontecesse, o que acreditavam que estava acontecendo e finalmente o que realmente aconteceu.

Dona Maria José nos esclarece:

*Como diziam, isso aí já vem da parte de minha bisa<sup>51</sup>..*  
*[...]*  
*A minha vó sempre namoravam, antes não tinham esse prolongamento do namoro como tem hoje.*  
*Namoravam, gostavam e até se casavam sem se amar... Gostavam! A família fazia o casamento, porque era interesse daquela família.*  
*Hoje já mudô muito, mais eu me lembro quando eu era mas nova, as famílias miravam muito pela parte financeira de uma e da outra.*  
*Também se aquela família não tinha antepassados meios ruim, né...*  
*Como hoje mudô, a vida mudô muito, né.*  
*Até a geração, é diferente, né.*  
*Então namoravam e fugiam depois de alguns meses, fugiam, né.*  
*Eu no meu caso fugi, e quando feiz seis meis casei no civil.*  
*E na igreja casei quando foi para batizá meus filhos.*  
*Daí que casei na igreja...*

Embora os moradores de Canto dos Ganchos, Gancho do Meio e Canto dos Ganchos sejam agentes atuantes de sua história particular, o que se observa é a negação do conhecimento próprio quanto aos fatos que envolvem demais pessoas. Isto se compara ao que diz Hartmann<sup>52</sup> sobre os contadores de causos do Rio Grande do Sul, que ao serem interpelados, negam sua habilidade como contadores de causos, mas, “*se apressavam em se desculpar: eu não conheço nada*”, *eu não sei contar*”, *mas invariavelmente conheciam um grande contador, normalmente alguma pessoa mais idosa nas proximidades.*

<sup>51</sup> Bisavó.

<sup>52</sup> HARTMANN, Luciana. *Oralidades, corpos, memórias*: Performances de contadores e contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul. Dissertação: Florianópolis. UFSC. 2000. p. 68

O mesmo acontece nos Ganchos, as pessoas mais idosas detêm o conhecimento das histórias do imaginário, das rezas, das benzeduras, como relata Rosa Maria<sup>53</sup>:

*A minha vó me contava, quando eu era criança as histórias do tempo dela. Tudo que vou te contar foi minha vó que contava: ela falava das bruxas, porque aqui tinha muita bruxa. Era assim, os pecadores votavam do mar. iam dormir, por que tavam casando, as mulheres, passavam a roupa até eles dormirem, depois saíam. Pegavam as bateras e iam pro mar. Só se escutava elas dizerem: “cada remada, sete léguas” as bruxas iam até a Índia, numa noite e voltavam antes do sol nascer. A gente sabe que elas não iam pra Índia, elas iam pra Ilha Grande, aqui perto, pra fazerem os rituais, as oferendas. Os maridos sabiam que elas tinham saído à noite, por que as embarcações voltavam molhada, suja de areia.*

*A gente ouvia minha vó contar das crianças embruxadas, coitadinhas ficavam entre a vida e a morte, cheia de manchas roxas pelo corpo. Se de manhã elas acordavam assim, podia levar pra benzer que era bruxa. E a criança morria se a mãe não levasse pra benzer. Você conhece Seu Janguinha, lá do Canto de Fora? Ele benze e sabe dessas histórias também, tu divia ir lá, falar com ele. Ele sabe muito, porque ele tem oitenta e dois anos, ele viu muita coisa nesses Ganchos.*

*Não sei se você já ouviu falar do lobisome. Sabe lá na Armação da Piedade, lá onde tem aquelas conchas, que agora não tem mais...meu tio, viu um lobisome. Era de noite, tudo muito escuro, por que não tinha luz elétrica, naquele tempo. O tio vinha vindo pra casa, quando um lobisome começou a perseguir ele. Ele correu, na escuridão e o lobisome atrás, chegou em casa quase morto.*

*O lobisome é assim... o sétimo filho de carrera é o lobisome. Ele se transforma num cachorro, num porco, num bicho meio home meio bicho, é o que a minha avó dizia, por que a gente sabe que isso não existe. Meu outro tio sabia a reza de São Marcos. É uma reza que transforma tudo, que você pode virar o que quiser, pode também sumir, ficar invisível. Mas o seu Janguinha sabe de tudo isso, ele também sabe a reza de responso, que quando a gente perde alguma coisa, e só rezá. Tem também a reza de zipra. Todas estas rezas o seu Janguinha, sabe. Ele Também sabe a reza de São Marcos... Ele te conta. Mora lá nos Ganchos de Fora. Vai lá.*

---

<sup>53</sup> Rosa Maria, 32 anos, moradora de Ganchos do Meio e funcionária pública municipal.

Quando convidamos Seu Janguinha para contar as histórias, primeiramente disse não saber, não ter conhecimento próprio, mas que já tinha ouvido contar. Diz:

*Parecia que é.  
Dizem que existia.  
Por exemplo, eu não posso dizê nada...  
Por que eu nunca vi.  
\_ Eeeh, lá vai o lobisome, lá vai , lá vai o lobisome.  
Mas onde?  
Mas a cachorrada... diz que é lobisome.  
Mas acontece que não vi.  
Contavam.*

É necessário entendermos que todo trabalho de identificação da história oral deve levar em conta que os informantes, estando eles conscientes ou não, constroem uma imagem de si mesmo, que “*corresponde a certos marcos de significado previamente estabelecidos pelas agendas ideológicas de seu presente*”<sup>54</sup>, pois ao converter uma narrativa oral em texto, entram em jogo múltiplas determinações e formas de contar os fatos, já que cada indivíduo pode contar e dar sentido a sua história pessoal de acordo a sua vivência específica, como no caso de seu Janguinha que é benzedor e detém o conhecimento das orações e das histórias de seus “pacientes”. Vich Flores<sup>55</sup> diz que não importa apenas “o acontecido” mas também a maneira como as pessoas experimentam este acontecimento e a partir daí passam a interpretá-lo desde a posição que ocupam no contexto social do qual estejam envolvidos.

---

<sup>54</sup> VICH FLORES, Víctor.; ZAVALA, Virginia. *Oralidad y poder: Herramientas metodológicas*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004. p. 92. Tradução minha.

<sup>55</sup> Op. cit. 90.

Desta forma a história oral oportuniza e apresenta novos atores anônimos e revela novos sentidos e interpretações, já que estes “atores anônimos”, são atores populares e que no entendimento de Vich Flores são os portadores de novas interpretações sobre o passado.

Desta forma os envolvidos nas histórias de roubo/fuga de noiva nos Ganchos passam a atuar sobre suas histórias interpretando-as e dando significados de acordo a vivência, não apenas do fato mas de todo o contexto em que se sente como sujeitos atuantes nos feitos e fatos da vida cotidiana da comunidade de Ganchos.

### 2.1 Em Ganchos... *naquele tempo era tudo peixe escalado!*

É importante lembrarmos que a comunidade dos Ganchos foi constituída a partir de algumas famílias remanescentes da Armação da Piedade, após a falência empresarial da pesca da baleia. Esta migração estava destinada aos povoados vizinhos e a localidade que mais recebeu estes migrantes foi Ganchos do Meio, atingindo em 1883, 208 moradores, entre brancos e negros<sup>56</sup>.

Canto dos Ganchos também recebeu um certo contingente de migrantes, porém o fator determinante para o desenvolvimento econômico e povoamento foi a instalação do engenho de farinha de Inácio Vieira da Cunha,

---

<sup>56</sup> Ver SILVA, Célia Maria e. *Ganchos/SC*. Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira. Florianópolis: UFSC, 1992. Quando Célia Maria Fala de migrantes negros está se referindo aos negros escravos, pois a abolição aconteceu somente anos mais tarde, em 1888, e como se sabe através de registros históricos, muitos indivíduos ainda permaneceram na condição de escravos durante algum tempo, mesmo depois de assinada a Lei Áurea.

que se utilizou da mão de obra local, tanto de brancos como de negros. Em Ganchos do Meio o fator preponderante quanto à infra-estrutura econômica foi a fazenda de Manoel José Sabino, que também construiu casa grande, senzala e engenho de farinha, fazendo pastagens à beira mar para a criação de gado, e utilizando mão de obra assalariada dos migrantes dissidentes.

As narrativas dos entrevistados e os registros históricos de Célia Maria e Silva nos dão conta de que a formação social de Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora se constituíram a partir destas famílias. Assim sendo é compreensível que as pessoas das três localidades tenham laços familiares e afetivos bastante restritos, pois como afirma Sônia Maluf<sup>57</sup> em relação à comunidade da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, *é forte a idéia de que os nativos dali são descendentes dessas famílias e de que todos têm algum grau de parentesco entre si.*

Ficou bastante evidente, nos depoimentos, principalmente das mulheres mais velhas esta relação de parentesco, pois a vida familiar está associada à ajuda dos vizinhos, padrinhos ou parentes. Os laços familiares ou afetivos se dão por consangüinidade, adoção de crianças órfãs ou através das uniões conjugais. O que observamos a partir do relato de Dona Marlene de 67 anos, que morou no Canto dos Ganchos até se casar e ir viver em Santos com o marido. Ela nos relata que foi adotada por dona Olga.

---

<sup>57</sup> MALUF, Sônia W. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio e Janeiro: Rosa dos Tempos. 1993 p.19

– *Aí onde que a mãe<sup>58</sup> veio em casa e pediu.*  
 – *A Raquel não queria ir.*  
*A Rute tava morando com padrinho.*  
*E eu disse:*  
 – *Eu vô!*  
 – *O que é que eu vô fazê?*  
*Se a dindinha não podia cuidá de nós.*  
*Pra onde é que nós ia?*  
*Eu falei:*  
 – *Eu vô!*  
*E fui junto c'a mãe.*  
*Eu tinha cinco anos, quando eu fui morá com a mãe.*  
*Eu quase morri trabalhando.*

A partir dos relatos orais se observa que quando ocorria a morte da mãe, os filhos eram dados a outras famílias para que fossem criados. Primeiramente aos avós (maternos ou paternos), depois aos padrinhos e por último a outras famílias. Não raro eram aceitos com o objetivo de servirem como força de trabalho na nova família, não havendo muita preocupação com a idade destas crianças, ao serem inseridas nos trabalhos domésticos e até nos trabalhos braçais da roça, assumindo tarefas muitas vezes superiores a sua condição física para tal. Fica claro que o cumprimento dos direitos da criança, não só não era observado como ficava na impunidade os maus tratos praticados contra as crianças e adolescentes.<sup>59</sup>

Dona Marlene relata sua vivência: *Eu tinha cinco anos, quando eu fui morá c'a mãe. Eu quase morri trabalhando.* Ou ainda como conta Dona Rute, os maus tratos praticados por seu padrinho, quando ela foi morar com ele após a morte de sua mãe:

<sup>58</sup> Dona Marlene foi adotada por D. Olga, que a criou até que se casou com seu Orpiano, seu marido. Foi morar na casa de Olga como empregada, para cuidar da casa e dos afazeres domésticos.

<sup>59</sup> Ver Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no. 8.069 de 31 de julho de 1990. Esta lei dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providencias. p. 7. ECA.

*A gente cortava capim.  
 Mas tinha que cortá o capim verde, né.  
 Que era pra botá no colchão, secado no sol.  
 Aí aí eu não sabia, né.  
 Ele disse:  
 – Agora eu vô lá no lado da cachoera pegá um molhe de lenha, tu me corta dois saco de capim.  
 Eu já chorando, porque eu não ia conseguí cortá dois sacos de capim enquanto ele tirasse um molhe de lenha, né...  
 Aí eu pensava que cortava o seco e deixava o verde.  
 Quando ele chegô só tinha um saco de capim cortado.  
 Olha, ele passô a mão naquela faca.  
 Ele cortô dois sacos de capim.  
 Socô, socô!  
 Disse:  
 – Agora leva!  
 Como é que eu podia levá?  
 Eu amarrei um aqui (mostra a cintura), a corda aqui e arrastava... e outro nas costas.  
 Aí um senhor foi lá e disse:  
 – Minha filha me dá aqui, seu Ventura leva o saco pra ti!  
 Cheguei em casa, apanhei uma surra do meu padrinho.*

Além de relatar fatos ocorridos consigo, durante sua infância, dona Rute nos conta os maus tratos sofridos por sua irmã Marlene:

*O que eu já passei na vida, eu e essa minha irmã, a Marlene.  
 A minha irmã Marlene... tenho pena dela.  
 Ela já passô por tanta coisa nessa vida.  
 A madrasta quebrô a perna dela, quebrô um braço, judiava...  
 De tudo a gente pasô, no trabalho, na vida, né.  
 Por isso ela ficô corcundinha<sup>60</sup>, né.  
 Então eu tenho pena dela...*

---

<sup>60</sup> Dona Marlene tem uma deformação na coluna cervical, possivelmente provocada pelos maus tratos na infância, o que lhe dá uma aparência corcunda, segundo ela, isto lhe acarreta muitas dores desde quando era ainda pequena. Por isso dona Rute diz que ela é corcundinha.

Dona Marlene confirma:

*Também quando fui mora com a mãe<sup>61</sup> passei trabalho.  
Ela me batia.  
Andava naqueles morros pegando lenha, molhe de lenha.  
Na cabeça c'aquele sol quente, meio dia...  
A gente chegava em casa, quais morta  
Chegava em casa, não tinha nada pra comê.  
Só feijão na panela, ai:  
– Mãe não tem peixe?  
Ela dizia:  
– Ah, as lancha ainda não chegaram, espera.  
Ai eu pegava uma laranja, uma banana, cortava tudo,  
botava dentro do feijão e comia aquilo prá podê passá a  
fome.*

Os maus tratos às crianças eram freqüentes pelo que se percebe nos relatos, principalmente no que tange as crianças órfãs, que não tendo mais a proteção materna eram relegadas a um abandono supervisionado, ou seja, embora tivessem direito ao abrigo e a alguma alimentação, não contavam com o amor, proteção e carinho da família adotiva.

Ao analisarmos as questões relativas aos processos de sobrevivência, destas crianças e, não apenas das crianças em si, mas também dos familiares destas, é perceptível a falta de condições básicas de manutenção de condições de vida, pois os relatos são bastante claros no que tange à questão de moradia e alimentação. No relato de dona Marlene, a fome parecia ser uma constante na vida dela e de suas irmãs, sendo que encontramos a mesma situação em outros relatos como nos explica seu Janguinha, com relação a dificuldade de ganhar o sustento, já que a comunidade de Ganchos depende da pesca e seus

---

<sup>61</sup> Dona Marlene está se referindo a D. Olga, sua Madrasta.

recursos, pois os trabalhadores estão diretamente ligados ao mar. No entanto, nem sempre estes recursos são suficientes para proporcionar uma boa qualidade de vida, dentro daquilo que a sociedade contemporânea, pós-revolução industrial, entende como sendo condições ideais para o desenvolvimento humano, assim sendo, *a pescaria antigamente era... Era muito... muito matoso... né*. Seu Janguinha afirma o que trabalho no mar era *matoso*. Este vocábulo nos remete ao verbo matar, como algo que finaliza, extingue, sacrifica, tortura, angustia, e não permite esquecer a fragilidade da vida. *Matoso*, não é apenas um vocábulo regional, constituído através da cultura local, que permite repassar o conhecimento através da linguagem característica dos pescadores, nem apenas o ato de matar peixes, mas o palco diário de vida e morte do homem do mar, que sai num dia de calmaria, mas que não sabe se vai afundar numa tempestade ou atracar com a bonança.

Seu Janguinha relembra [...] *a gente trabalhava muito... ganhava pouco dinheiro*, afirma que *não existia dinheiro...* Isso não significa que não havia a moeda em circulação, mas difícil o acesso, pois a pesca era mal remunerada, sendo preciso um grande esforço para ganhar o sustento. E os trabalhadores se sujeitavam aos rigores da vida laboral adversa.

No entanto sabemos esta não é uma questão meramente local, ou exclusiva da comunidade de Ganchos, as condições não ideais de vida e que em todo o mundo a questão da fome foi e é presente na vida dos seres humanos. São muitas as pesquisas que demonstram esta realidade e por mais que haja esforços para minimizar esta situação, não se vislumbra, em curto prazo nenhuma solução plausível.

Segundo Rolnik<sup>62</sup> estes processos excludentes, fazem com que a sociedade passe por um conjunto marginalizador que acaba desembocando numa visão de miséria, desespero, abandono à fatalidade. Mas este é apenas um dos lados da vida, pois como afirma a autora, o outro lado se manifesta na resistência, na potencialização dos processos de transformação que a sociedade busca e retoma, transformando assim o tecido social.

Retornando ao tema da desintegração do núcleo familiar, os relatos nos dão conta de que as famílias eram desfeitas pela morte da mãe, mesmo sendo o trabalho do pai o de maior risco, pois, em se tratando de pescadores, estes homens estavam mais vulneráveis a acidentes e conseqüentemente a morte, visto que o mar sempre foi um risco para os trabalhadores embarcados. Os naufrágios, as doenças adquiridas em conseqüência do trabalho e a não prevenção as DSTs<sup>63</sup>, entre outros fatores colocavam em risco a saúde da população masculina de Ganchos, em primeira instância e na seqüência suas mulheres. Isto interferia na manutenção familiar de responsabilidade dos homens casados ou dos que sustentavam as mães viúvas com filhos menores<sup>64</sup>, conforme nos dão conta os relatos das mulheres entrevistadas.

Mas apesar destas questões anteriormente citadas, as famílias não se desfaziam com a morte do pai, sendo que, nestes casos, o filho mais velho,

---

<sup>62</sup> GUATTARI, Félix. ROLNIK, Sueli. *Micropolítica*. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 75.

<sup>63</sup> As doenças que dona Rute se refere são as DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis. Sugiro maiores pesquisas nesta área, envolvendo não apenas as mulheres, que na atualidade ainda sofrem com as doenças transmitidas por seus infiéis maridos, que não tomam os devidos cuidados nos relacionamentos extraconjugais, e portanto, comprometem a saúde da esposa, mas investigar a história destas contaminações em épocas passadas. Seria interessante desenvolver programas de educação em saúde para com os pescadores, no sentido de orientar quanto a estas enfermidades.

<sup>64</sup> Ver tabela do Censo/IBGE em anexo.

quando em condições de trabalho assumia o sustento da família, ajudando a mãe na manutenção da casa.

Seu Janguinha nos conta que aos quinze anos de idade começou a pescar, para ajudar no sustento da casa, pois seu pai era doente e ele precisava ajudar a mãe a criar os cinco irmãos. Enquanto Amélio, filho de Dona Rute, também pescador, ainda hoje ajuda nas despesas da casa, desde que esta enviuvou. Dona Rute me diz: *É um filho muito bom, me ajuda muito.*

Com relação a doação/adoção das órfãs, estas eram dadas quando ocorria a morte da mãe, como evidencia os relatos. Com relação às mulheres que davam em adoção as crianças, constatamos apenas o caso das madrastas, pois conforme Dona Rute, as “novas esposas” ao se casarem com o viúvo, se desfaziam dos filhos deste, doando-os a outras famílias, ou interferindo de forma que o marido se desfizesse dos filhos, como nos conta:

*Eu não tinha mãe.  
Eu fui criada por minha tia.  
Porque a minha mãe quando faleceu, eu era a mais velha.  
Eu ia fazer doze anos.  
Aí ficô cinco filhos.  
Porque quando ela estava grávida ela nunca tinha dado sarampo.  
Ai quando ela ganhou neném ela estava na cama com sarampo.  
Ai ela ganhô a criança, foi ficando doente, foi ficando doente.  
Ela foi tratada de recaída, e ela estava com sarampo.  
Aí quando descobriram que era com sarampo, ela já estava morta.  
Aí deixô a menina c'um meizinho.  
A menina c'um ano faleceu.  
Meu pai casô!  
Quando fez dois meis que estava casado, ele deu nós tudo, como quem dá filhinho de cachorro.*

***Ela não quis mais nós<sup>65</sup>.****Eu tenho um irmão lá, que mora no Rio, quatorze anos.**Só um irmão homem que eu tinha.**Faiz uns trinta i oitu anos que eu não via ele.**A Marlene mal conheceu ele.**Minha Irmã que morreu lá em Barreiros, a Raquel, também não conheceu ele.**Só eu que conheci.**Aí, eu tenho uma irmã que mora em Santos e a Marlene que foi criada lá no Ganchos com a Dona Olga, que depois foi para Itajaí.**Nóis vivemo todos assim cada um pelo seu lado.*

As crianças eram relegadas ao abandono ou a boa vontade de alguma família que os abrigasse. Conforme as narrativas, a morte de mães acontecia com certa freqüência, pois mesmo as jovens estavam vulneráveis às condições de vida da época. As principais vítimas era as parturientes, que não tendo assistência médica, nos casos em que ocorriam complicações, morriam ao dar à luz ou senão no período pós-parto, deixando as crianças com tenra idade, a mercê da sorte, conforme os relatos das entrevistadas.

Naquela época contavam apenas com a ajuda das parteiras<sup>66</sup> e benzedeiros, que nem sempre dispunham dos meios necessários para a realização do parto não normal, além das doenças infecciosas como sarampo, gripe, rubéola entre outras, consideradas fatais para a época<sup>67</sup>, como aconteceu com a mãe de Dona Rute que morreu de sarampo.

O diminutivo de mês – *meizinho* – usado por dona Rute, denota a subjetividade com que trata a memória relativa a recém nascida. Aquela não

---

<sup>65</sup> Grifo meu.

<sup>66</sup> SIMÃO, Miguel João. “Ganchos” Um pedacinho de Portugal no Brasil. Governador Celso Ramos: 1997. p.43. As principais parteiras ou as mais conhecidas, segundo o autor são: as Sras. Cantolina, Zulma Garcia, Dionísia Bittencourt, Maria Narciso, Rosa Silva e Honorata Vieira.

<sup>67</sup> Recomendo maiores pesquisas quanto à morte precoce de mulheres nesta comunidade, pois é relevante a quantidade de mulheres jovens que perderam a vida. Acredita-se devido às condições precárias de saúde e condições de vida na época.

era uma *menininha*, mas uma criança “deixada, abandonada” pela morte da mãe, com apenas um *meizinho*, rememorando a fragilidade do pequeno corpo recém chegado. Não um mês. Um mês remete a trinta dias de vida de um tempo-espaço completo. No entanto, um *meizinho* é um espaço-tempo curto, diminuto, limitado para ser abandonada à própria sorte. E então *c’um ano faleceu!*. Dona Rute fala com tristeza, ao lembrar este episódio, entendendo que não houve conhecimento suficiente e procedimentos corretos para minimizar o drama vivido e salvar a vida da mãe e a da criança.

Muito provavelmente devido à falta de informação e aos cuidados de higiene, as mulheres adquiriam doenças possivelmente curáveis, mas que por estes motivos tornavam-se graves a ponto de ocorrer um óbito, como nos contou Dona Rute, extra-oficialmente que sua madrasta morreu de “*doença de homem - pegada de mulher da vida*” Relato sua narrativa.

*Um certo dia ela mandô me chamá, lá na casa dela.*

*Tava doente, na cama.*

*– Rute você cuidô de sua mãe quando ela era viva.*

*– Você entende destas coisas de mulher. Me ajuda!*

*Me deu vontade de não ajudá. Ela tinha feito muita maldade com a gente... Mas senti pena, coitada... tava velha e sozinha e não tinha mais ninguém pra ajudá. Ela tava com aqueles bichinhos, lá... né!!! Piolhos chato<sup>68</sup> cheio. Eu já tinha curado minha mãe, quando era criança... O papai tinha trazido pra ela... Então eu sabia como tirá, né. Mas a vida era muito difícil.*

---

<sup>68</sup> PEDICULOSE PUBIANA: Ectoparasitose conhecida há séculos, a pediculose do púbis é para alguns autores a mais contagiosa das doenças sexualmente transmissíveis. Transmite-se por meio do contato sexual, mas pode ser veiculada por meio de fômites, tais como vestuário, roupas de cama, e toalhas. O agente causador é o *Phthirus pubis*. Os sintomas surgem de 1 a 2 semanas após a infestação ou em menor tempo, se o paciente apresentou infestação prévia pelo piolho, são: Prurido intenso é a principal queixa do paciente; O piolho adulto e as lêndeas são encontrados fixados aos pêlos pubianos e também nas regiões pilosas do abdômen inferior, coxas e nádegas; Ocasionalmente, o piolho adulto pode ser encontrado nas axilas, pálpebras e supercílios; Lesões de urticária, vesículas e máculas pigmentadas (azuladas) podem ocorrer após as picadas dos piolhos.

As mulheres de Ganchos assimilavam no corpo a prática sexual promíscua dos maridos, como parte do cotidiano e da vida dos embarcados. Isto se revelou no relato das entrevistadas, através da prática rotineira destes pescadores, que ao se relacionarem com mulheres dos portos onde atracavam os barcos para manutenção ou descarga, traziam enfermidades para as esposas e as infectavam com doenças sexuais.

Estas situações no remetem ao que Jorge Amado<sup>69</sup> escreve em seu romance *Mar morto* sobre a canção que o velho Jeremias canta no cais, que *desgraçada é a mulher que casa com um homem do mar, seu destino será infeliz*. O autor relata ainda a vida de Frederico, o pai de Guma, e argumenta que era mulherengo que nem macaco, passando um mês em Aracaju e prometendo a mãe de Guma, mundos e fundos, para depois abandoná-la, já que ela era *mulher da vida*. Jorge Amado trata destas questões relativa a sexualidade, sem pudores, retratando não apenas a vida dos pescadores, mas a linguagem e maneira de viver as aventuras amorosas, sejam com as “mulatinhas” do cais, que se dão por algum dinheiro, pelo prazer que podem usufruir e proporcionar ou com as *mulheres da vida* que cobram o preço combinado pelo trabalho.

---

<sup>69</sup> Öp. cit. capítulo terceiro. Neste capítulo o autor relata que após o nascimento, Guma foi entregue ao pai, que até sua morte. Guma era filho sem pai e teria que voltar a viver com a mãe, uma prostituta das ruas de Aracaju, mas seu tio Francisco, não entregaria o sobrinho para uma mulher da vida. Quando foi apresentado à mãe, Guma pensou tratar-se da mulher que seu tio havia-lhe prometido, e que iria se deitar com ela, embora tendo na época apenas onze anos de idade. Ao saber que se tratava de sua mãe, sentiu um pouco de ternura por esta mulher que nunca tinha visto, mas que sonhava conhecer. Despediu-se e nunca mais voltou a vê-la.

No relato das entrevistadas, o fato de os maridos adotarem comportamentos promíscuos, e manterem relacionamento com as *mulheres da vida*, sem as precauções necessárias é que possibilitava as transmissões das enfermidades sexuais. *O papai tinha trazido pra ela...* afirma dona Rute, pois como a exemplo de outros pescadores ele vivia na farra. *Papai ia pro Rio Grande. Chegava lá, ele arrumava mulhé.* Isso segundo dona Rute foi o que contribuiu para que a madrastra se infectasse *com aqueles bichinhos, lá... né!!! Piolhos chato.*

Na verdade trata-se de uma doença infecto-contagiosa, mas de fácil combate, bastando para tanto alguns cuidados de higiene e controle. Porém dona Rute nos conta que apesar de seus cuidados, a Madrastra, depois de um determinado tempo dispensou sua ajuda e acabou falecendo devido à infecção, muito provavelmente.

As condições sanitárias e de saúde, na época, era precárias. Além da ausência de atendimento médico, a dificuldade do acesso para prestação de socorro era um fator preponderante, visto que não havia estradas em condições de trafegabilidade. Muito recentemente estas estradas foram asfaltadas e o acesso aos hospitais está mais fácil.

Dona Dirce nos conta que sua filha Ioná teve sérios problemas durante o parto e que houve a necessidade de transportá-la até o vizinho município de Tijucas, para fazer a cesariana no hospital daquela cidade, fato ocorrido no ano de 1989.

*Aí quando chegô em setembro ela ganhô o Tales.  
Sofreu tanto, tanto...  
Dois dias sofrendo...  
Aí levei pra maternidade de Tijucas.*

*Sofreu, sofreu!*  
*Aí teve que fazer cesária, porque naquela época pra*  
*fazer cesária tinha que pagá e nós não tinha como pagá.*  
*Ela ficô sofrendo.*  
*Toda a vida ele castigô aquele menino, diacho!*  
*Depois ela ficô morando aqui comigo.*  
*Ela fazia faxina.*  
*Eu criava ele como se fosse meu filho...*  
*Toda vida criei.*  
*Aí apareceu casamento...*  
*Ela fugiu.*  
*E ela falô:*  
*– Eu vou casá, vou morá em Santos.*  
*Eu apavorei.*  
*Não queria que fosse.*  
*O Junior falou que era desagrado pra ele, se ela não*  
*fosse. Aí ela foi.*  
*Agora tô bem satisfeita.*  
*Quero que eles venha morá pra cá.*

A afetividade se faz presente na ênfase repetitiva, quando dona Dirce diz *sofreu tanto, tanto*, como se não bastasse sofrer, sendo imprescindível deixar claro que sofreu muito mais, e reafirma esta emoção no sofrimento em dobro, já que a filha *sofreu, sofreu*. A subjetividade é uma das tônicas do oral, pois é na oralidade que se percebe a fluência e o ritmo sonoro da língua falada. Mas, quando o coração dita o ritmo, as palavras já não bastam e outros componentes interferem no contexto, proporcionando uma suave dramaticidade ao discurso da vida cotidiana.

A cultura popular da região ameniza estes sofrimentos através das benzeduras. Nesta prática, bastante difundida na região, as pessoas encontram a cura de diversos males, sejam homens, mulheres ou crianças. A utilização da benzedura é um costume praticado desde os “tempos antigos” até os dias de hoje, como nos conta seu Janguinha, “renomado” benzedor de Ganchos de Fora.

Agora de rezá de... pá curá mulhé... criança.. homem..  
 Teve home que morreu de pustema<sup>70</sup>, nos Ganchos...  
 tinha a pele que era uma coisa por dimais.  
 Chaga...zipra de perna<sup>71</sup>..  
 Eu curei ele!  
 Otra que mora lá pro sitio  
 Uma senhora.  
 Também curei ela.. de ziprela.  
 De zipra benze uma veiz só...  
 Agora de ziprela.. tem benzê treis veis.. até quatro veiz.  
 Q'ai acaba d'uma veiz.  
 É peito... rebate, né  
 Benzo.. benzo...  
 Ai eu baxo de benzê todos.. todos..  
 Barbaridade!  
 Chega ali...  
 Já sei... é mamica é? (risos)  
 – É.  
 Lá vêm benzê mal de peito.

Seu Janguinha diz que benze todos aqueles que dele precisam. O ritmo de suas palavras vai idealizando a cura. Quando fala de benzeduras, fica sério, transparecendo a sacralidade do momento. Está imbuído de um poder outorgado a ele por alguém ou algo superior. *Eu curei ele!* Seu Janguinha neste momento sente-se deificado, pois está munido de força e poder de cura.

Mais do que a performance da cura, o benzedor utiliza-se de palavras de ordem para dar credibilidade ao seu ritual. Ele afirma *teve home que morreu de pustema*, dando-os a entender que se o referido homem houvesse procurado por suas benzeduras estaria salvo, mas não o fez por isso *morreu de pustema, nos Ganchos*.

<sup>70</sup> O mesmo que pústula. “Elevação da epiderme que contém líquido purulento, pápula purulenta; Na Botânica é o mesmo que carbúnculo ou antraz maligno. BUENO, Francisco da Silveira. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 11. ed. MEC. 2001. p.926”.

<sup>71</sup> O mesmo que erisipela: inflamação aguda da pele, em geral dos membros inferiores, caracterizadas por calafrios, rubor local intenso e febre alta. Idem, BUENO, p. 429.

No entanto, uma senhora que mora um pouco mais afastado de Ganchos de Fora, *mora lá pro sitio, uma senhora* o procurou e, ele diz *também curei ela, de ziprela*. Quando menciona estes fatos, tem a mais absoluta certeza de que a cura se fez através de seus poderes e da oração da benzedura.

Nos ensina a receita, pois pra cada enfermidade tem uma seqüência oral da reza, uma cadência rítmica de sons e gestos a serem ritualizadas para que a benzedura surta efeito. Nos casos mais graves é necessário *benzê treis veis.. até quatro veiz. Q'ai acaba d'uma veiz*. Seu Janguinha, faz rima no discurso da vida cotidiana, ao dizer *quatro veiz* (vezes), *Q'ai acaba duma veiz* (vez). A língua portuguesa é uma língua econômica nos sons, pois condensa a oralidade para tornar acessível o entendimento e facilitar a linguagem<sup>72</sup>. *Que ai acaba de uma vez = Q'ai acaba d'uma veiz*. A abreviação oral é utilizada para dar agilidade e praticidade da locomoção palatinal que busca unir os sons e produzir as palavras através das cordas vocais e da localização das interferências sonoras (língua/boca/dentes), e é através desta redução de sons repetidos, que se processa o entendimento do vocabulário regional, utilizado na comunidade de Ganchos.

*Já sei... é mamica é?* - Este talvez seja um dos poucos momentos em que seu Janguinha ri de uma situação em que esteja envolvida sua reza. Acredito, pelo fato de estar se referido aos seios das mulheres, e isso de alguma forma o remete a lembranças que o fazem rir. *É peito... rebate, né? Benzo... benzo...* Ele ministra o tratamento, para as mulheres que estão

---

<sup>72</sup> Op. cit. Bagno, p. 92

amamentando e que o procuram para *benzê mal de peito*. Segundo ele, estas mulheres têm o peito inchado e endurecido devido à amamentação, e ele cura todas. *Barbaridade!* ou seja, são muitos os casos, *Ai eu báxo de benzê todos.. todos.*

Seu Janguinha é conhecido como benzedor e contador de histórias. Detém o respeito da comunidade por ser um dos mais idosos e possuir este conhecimento. Mauss in Todorov<sup>73</sup> afirma que se encontram *na magia quase todas as formas de ritos orais que conhecemos na religião: juramentos, votos, desejos, preces, hinos, interjeições, simples fórmulas*. É através destes ritos orais que a comunidade interage e reforça o imaginário simbólico da cura através das rezas e benzeduras. Se Janguinha, ao ser questionado sobre uma determinada reza, me diz que não pode contar por ser coisa do “*dimonho*”.

Ele estava se referindo à reza de São Marcos, mantida em sigilo e somente ensinada a quem tem pacto com o “mal”.

*Óh, eu sabia essa oração todinha...  
Tem do São Marcos manso e do São Marcos brabo, né  
liihh.. mas não sei mais..  
Esqueci tudo!  
É minha mãe não... nunca consentiu rezá  
Por que... é marcá os pais, a mãe, a Deus...  
É só c'o dimonho.  
É!  
A gente fica todo em pedaço.  
Disaparece, depois aparece di pé...  
Éééé.. essa é da braba!  
Essa é do São Marco, São Marquinho...*

---

<sup>73</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. Trad. Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EDIUSP, 1974. in: TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 241.

É ruim.  
 É verdade. A gente se transforma todinho...  
 Num pássaro, cachorro... pessoa  
 Qualquer coisa.  
 Isso eu ganhei uma aposta: eu fiz.  
 Era menino.  
 Aprendi c'meu tio...  
 Meu tio era um babaca, também né.  
 Me insinô!  
 E eu buscava aprendê essa coisa, p'que..  
 Eu tenho curado tanta gente...  
 A minha vó né... a minha vó morreu com cento e tantos  
 anos..  
 Dona daquela praia, lá da ponta.  
 Tudo que era resgatamento, com benzedura ela me  
 ensinava.  
 E eu aprendi muita coisa com ela.  
 E meu tio...vivia me ensinando essa porcaria...  
 Porcaria não..  
 Essa reza.  
 Começava a rezá porcaria de São Marcos.  
 E eu peguei por ar.  
 Eu tinha a cabecinha boa.  
 Ai falei pro Lucas (um amigo de infância)  
 – Tu diz que desaparece. Eu quero vê.  
 Eu desapareço.  
 Comecei a rodeá na praia...  
 Eu rezei!  
 (aqui ele fala algumas palavras incompreensíveis –  
 guturais)  
 Bati cu's pé.  
 Foi qui olhei...  
 – Onde que tô?  
 Acabô que eu tava sentado em cima d'uma pedra.  
 Também não vi.  
 Eu vi por causa que tava encima da pedra.  
 Também foi o último dia...  
 Depois não quis mais..  
 Contava pra minha mãe... meu pai perguntô...  
 – Foi verdade!  
 Ah, ele endoidô.  
 Eu nunca respondi a minha velha também.  
 Eu nunca respondi a minha mãe...  
 Ela pediu e eu topei...  
 Esqueci tudo...

Pelo que entendemos desta narrativa, seu Janguinha se refere a mesma oração de São Marcos descrita no conto São Marcos de Guimarães Rosa<sup>74</sup>. Conto esse trágico, sob o signo da superstição em que Izé, o narrador, era um homem que não acreditava em feiticeiro: *"Naquele tempo eu morava no Calango Frito e não acreditava em feiticeiros, vivia a fustigar João Mangalô, feiticeiro de fama naqueles rincões. Numa passagem mais adiante o autor explicita a oração proibida através da narrativa a seguir: Depois disso voltando da missa, encontra com Aurisio Manquitiba que lhe narra o caso de Tião Tranjão, que era um sujeito um tanto tolo e burro, e acabou aprendendo a oração de São Marcos que é "sesga, milagrosa e proibida", com que resolveu os seus problemas conjugais de ter mulher e esta dormir com os outros.*

Seu Janguinha também nos adverte de que a oração é perigosa, motivo pelo qual esqueceu-a. *Por que... é marcá os pais, a mãe, a Deus... ou seja, marcá os pais, a mãe e Deus como permuta na conquista do propósito através da oração de São Marcos e São Marquinhos.*

Todorov<sup>75</sup> admite que os feitiços têm sua origem na religião cristã, ainda que outros elementos tenham sido agregados ao longo da história à prática da magia, porém entende que estes feitiços nada mais são do que preces populares, como é o caso das benzeduras que tem inserido em seu texto rezas e súplica aos santos da religião cristã. Citamos como exemplo a benzedura contra o eczema, descrita por Todorov:

---

<sup>74</sup> GUIMARAES ROSA, João. *Saragana*. 9. ed. Rio de Janeiro: 1967, p. 244

<sup>75</sup> Op. cit. 255.

*“Ó vós, pobre criatura, (nome da pessoa), que estais oprimido ou infestado pelo eczema em vossos braços ou pernas, ou em outro lugar do corpo. Sede agora liberto e aliviado (sinal da cruz) e recobrai a saúde (sinal da cruz).”*

O autor chama de feiticeiros, os benzedores que utilizam orações e rezas para praticarem rituais de curas. Seu Janguinha nos diz que benze de vários males, e que por isso é muito procurado pela comunidade, que necessitada recorrer aos seus dons curativos, por ser benzedor, não um feiticeiro. Quanto à oração de São Marcos, nunca mais rezou, pois esta é proibida.

Observamos a forma com seu Janguinha relata as benzeduras e a performance da oração de São Marcos: sempre que fala de uma benzedura, gesticula com a mão abençoando a pessoa a ser tratada. Ao me comentar a performance da oração de São Marcos, emite um som gutural, como um grunhido e bate fortemente o pé no chão.

Para performance adoto o conceito de Baumann *in* Hartmann<sup>76</sup>, que *“...compreende a performance como um modo de comunicação verbal que consiste na tomada de responsabilidade de um performer, para uma audiência, através da manifestação de sua competência comunicativa. Esta competência apóia-se no conhecimento e na habilidade que ele possui para falar nas vias socialmente apropriadas e complementa com Kapferer<sup>77</sup> que também vai salientar a importância na análise do significado e da experiência proporcionada pelo ritual e por outros modos de ação simbólica.”* e continua

---

<sup>76</sup> HARTMANN, Luciana. *Oralidades, corpos e Memórias*. Performances de contadores e contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2000. p.112.

<sup>77</sup> Op. cit. HARTMANN, Luciana. p. 121.

ao dizer que estas experiências ao mesmo tempo em que são construídos nos contos, festas, ritos, dramas, imagens, memórias, etnografias e alegorias, também lhes constroem.

Seu Janguinha tem seu ritmo e modo de realizar as benzeduras e rezas, agregando sonoridades e gestos próprios para a efetivação da performance da reza. *Eu desapareço. Comecei a rodeá na praia. Eu rezei!* Seu Janguinha emite sons guturais, não entendíveis, em ordenamento ao ato de teleportação corporal através do espaço e do tempo, deslocando-se para outro local, como parte do desafio proposto pelo colega Lucas, que duvidava de seus poderes mágicos. *Acabo que eu tava sentado em cima duma pedra.* E garante que foi a única vez que utilizou os poderes mágicos da oração. Seu pai e sua mãe proibiram e, ele como filho obediente nunca mais realizou a façanha.

Os rituais de benzeduras e performances de benzedores ainda são uma constante nos Ganchos, nos dias de hoje. Várias são as pessoas que buscam nesta forma de tratamento o remédio para seus males. Simão<sup>78</sup> afirma que devido às dificuldades para os atendimentos hospitalares, disponíveis somente em Florianópolis e Tijucas, os moradores da comunidade de Ganchos recorrem às benzeduras, remédios caseiros e que as gestantes buscam a ajuda das parteiras para darem a luz a seus filhos.

---

<sup>78</sup> SIMAO, Miguel João. “*Ganchos um pedacinho de Portugal no Brasil*” Governador Celso Ramos: [s. e.], 1997. p. 41.

## 2.2 *Que não pedia em casamento nem nada. Era chegá: gosto, robô.*

O costume de roubar a noiva, tem *status* de casamento, de união formal aceita e legitimada nas localidades em questão. O casamento no civil ocorre depois da fuga. Em alguns casos logo em seguida, outros dependem da disponibilidade dos noivos, pois se o marido é pescador, faz-se necessário esperar seu retorno. A volta do pescador para a terra é demorada, pois este fica no mar por semanas seguidas, e quando o barco atraca, normalmente o faz em portos distantes da residência, dificultando as ações e os compromissos assumidos. O casamento oficial é um destes compromissos que requer tempo e disponibilidade para os trâmites legais.

Porém se faz necessário consumarem a parte legal, para que possam registrar os filhos, sendo que o mesmo acontece com o casamento religioso, ou seja, precisam oficializar a cerimônia na igreja, para somente depois batizarem os filhos. Isso nos confirma Dona Maria José: *Eu, no meu caso fugi, e quando fiz seis meis casei no civil, e na igreja casei quando foi para batizá meus filhos. Daí que casei na igreja...*

Todas estas formalidades se concretizam normalmente depois do retorno do pescador, e não raro alguns meses ou até mesmo anos depois da fuga do casal, como nos confirmou dona Maria José na sua fala anterior.

Uma das justificativas para o roubo/fuga da noiva, segundo os relatos é a questão financeira, pois sem terem condições para realizar a festa de casamento, os noivos optam por fugir. Embora o casamento no civil tenha que ser pago, não se compara aos gastos com uma festa de casamento, mesmo

com a limitação do número de convidados, a festa implica em gasto tanto com a festividade quanto com locação da igreja e cerimonial.

Os noivos sem os recursos financeiros suficientes para iniciarem a nova vida de casados, quase sempre vão morar com a família do noivo, ou então na casa de algum conhecido que os receba. Como nos conta Marluce, filha de dona Rute, que fugiu no ano de 1996: *“Ai eu morei com a irmã dele uns cinco meses e depois eu fui morar lá na nossa casa.”*

Ou ainda como nos conta dona Rute, que fugiu com seu marido em abril de 1951: *Nós fomos morá na casa de otro vizinho com ele, meu marido. Nós era muito pobre. Nós dormia no chão. Depois ele foi trabalhá na pesca e eu fui indo.,* ou seja, dona Rute foi levando a vida conforme as possibilidades, pois não restava muitas alternativas para que ela pudesse sonhar com um futuro melhor. Somente depois que *ele foi trabalhá na pesca* é que ela começou vislumbrar a possibilidade de um pouco mais de conforto material, já que até então ela confirma: *nóis era muito pobre.*

Além das condições econômicas escassas, que contribuem para a fuga, pude identificar através das entrevistas outras prerrogativas que fazem com que haja esta opção de casamento.

Uma delas é a do trabalho dos homens, pois sendo pescadores não dispõem de muito tempo em terra, para formalizar estes procedimentos. Seu Janguinha nos conta como foi o roubo de sua esposa, aliás, ele diz que não roubou, ela o acompanhou de livre e espontânea vontade.

*Nóis se gostava desde o tempo de infância né  
Então nos tinha muito medo... e respeito da professora,  
né  
Então nós fazia bilhetinho, bolinha pequeninha..*

Jogava um no outro...  
 Quando a professora via:  
 – Qué tão jogando aí?  
 Se ela descobre...as bolinhas  
 Até que chegô um dia..  
 Eu ia fazê uma viaje pra Santos...  
 Morava naquela casinha amarelinha ali, qué minha hoje.  
 Aquela casa ali é minha.  
 Comprei do avô dela por 100 mil réis.  
 Era um dinherão.. dinherão.  
 A minha velha falava.  
 – Tu tais doido meu velho, comprá isso ai por cem mil réis...  
 – Isso ai vai caí.  
 Depois ele vendeu pra mim... p'nóis.  
 Vô arrumá ela.  
 [...]

Eu falei pra ela  
 – Mas eu dispois di amanhã.. sábado vô simbora.  
 – P'que num vai segunda fera...  
 – Vô, mas tem uma coisa... tu vai me garantí que tu quéis saí de casa...  
 – Hoje não .. hoje é sexta fera... amanhã sábado.  
 Sábado pra domingo, é uma boa,né?  
 Ela pensô, pensô.  
 Digo:  
 – Pensa. Dô dois minuto p'ti pensá.  
 – Já tá pensado. Vô!  
 – Então tá. Vô em casa avisá a mãe e vórto.  
 Ai fui in casa, minha mãe fez um cafezinho.  
 Ai vi ela na janela esperando.  
 A minha sogra:  
 – Ué, Janguinha, não qué entrá?  
 Mas o velho era malvado, era ruim.  
 – Vai entrá? (imita a voz grossa do sogro)  
 – Não senhô, tá bem aqui.  
 – Eu não gosto que filha namore na... na janela..  
 Tanto faz na janela, na porta, como dentro de casa... tudo é uma coisa só.  
 Quando chegô na porta:  
 Pensava: vô apanhá.  
 Isso era umas sete horas da noite...  
 Ai saimo um pegado na mão d'otro por debaxo do cafizero.  
 Ai fiquemo debaxo daquele pé de jabuticaba muito grande.  
 Quase encostado na cozinha da minha mãe.  
 Olhando o movimento.

*Ai, ali conversando baxinho..*  
*Ele passô.*  
*Qué tu qué? (imita novamente a voz do sogro)*  
*Eu vô perguntá pra ele o qué que ele qué comigo que eu*  
*tô aqui contigo.*  
*Ela abraçô em mim, começô a chorá.*  
*Então disse:*  
*– Vamo entrá.*  
*Entramo pra dentro de casa, a mãe...*  
*– Vocês dois?*  
*– É nós dois, só, mais ninguém.*  
*A minha mãe era boa, pôxa vida.*  
*Tomemo um cafezinho.. biscoito...*  
*Conversemo um bucadinho...*  
*Acabôse!*  
*Nada.*  
*Vivemos cinqüenta i oito ano.*  
*Não é brincadeira. Sem havê uma briga.*  
*Brigá, brigava... mas nossa briga... já tava um no*  
*pescoço do outro, agarrava.. bejo e abraço.*  
*Minha velha era uma coisa boa, puxa...*  
*(seu Janguinha começa a chorar)*  
*E eu também gostava muito dela, Virge Maria!*

Mais do que seguir o futuro marido até a nova morada, ela o acompanhou durante toda a sua vida. “*Ela acompanhô comigo*” não pode ser vista como um pleonasma<sup>79</sup> da língua portuguesa, mas a confirmação e convivência para o ato, a permissão de estar não apenas fisicamente junto do marido, mas de estarem juntos, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença como manda os ritos do casamento religioso. Seu Janguinha não diz “ela acompanhou-me”, reforça que além de Dona Cecília seguí-lo ela o aceitou e foi sua companheira até que a morte os separou. Esta máxima se evidencia na expressão “*Nóis se dava muito*”. pois ambos além de se amarem (se davam, se

---

<sup>79</sup> Redundância do termo que pode dar a expressão mais vigor ou clareza. Ver Bueno, op. cit. p.876.

entendiam, se amavam) também se doaram um ao outro ao longo da vida em matrimônio.

– *Era dois corações num corpo só* – Queremos analisar esta frase como uma figura de linguagem que expressa semelhança ao que Guimarães Rosa escreve em seu romance *Saragana*, explicitando uma intensidade e originalidade capaz de produzir os efeitos poéticos, que vai além da simples compreensão lingüística. A emoção se faz presente nos gestos e expressão de seu Janguinha, que leva as mãos ao peito para exprimir com mais ardor o que acabara de falar, como se seu corpo ainda contivesse o coração de dona Cecília, sofrendo a ausência do corpo da esposa amada, que o obriga a sustentar o batimento dos dois corações, que inflamam seu peito de saudade.

Ao ouvir seu Janguinha me reporto novamente a obra de Guimarães Rosa, – *Grandes Sertão: veredas*, em que o autor relata as lutas entre os bandos de jagunços e de vaqueiros, retratando a vida rude do sertão mineiro e sua rústica gente. O romance gira em torno do amor proibido de Riobaldo por Diadorim; da luta entre as forcas do bem de do mal, isto é, entre Deus e o diabo, o que nos remete ao misticismo e a religiosidade do sertão, ou ainda em *saragana*, onde ele retrata a beleza da paisagem mineira, as fazendas, a vida dos criadores de gado e vaqueiros. Mergulhando na musicalidade da fala sertaneja, quando procurou registrar na linguagem essa melodia, cheia de ritmos populares e eruditos. Alguns críticos literários afirmam que Guimarães Rosa redescobriu o português, usando arcaísmos, criando neologismos, inventando e reinventando palavras. Seu Janguinha também faz uso de um palavreado peculiar para intensificar e ou reforçar sua fala, e que a sua

maneira conta a vida dos pescadores, do rouba e da ausência da esposa. A utilização das abreviações tais como *pa'ti pensá* (para ti pensar) ou *vo simbora* (vou-me embora), a exemplo dos termos usados por Guimarães Rosa em seu romance *saragana*, são as mesmas abreviações que seu Janguinha se utiliza para elucidar o que me conta e tantos outros exemplos que podemos buscar na transcrição da entrevista que se encontra em anexo neste trabalho, pois seu Janguinha faz uso desta linguagem melodiosa e rítmica como parte de sua maneira de ver e relatar os componentes do mundo ao seu redor e que também compõem o cotidiano daqueles que vivem em Ganchos. Uma região impregnada de cadência, ritmo, associações e variantes da língua portuguesa tornando esta, uma comunidade diferenciada em relação às questões de oralidade e da lingüística, campo fértil para pesquisadores destas áreas do conhecimento.

Ao mesmo tempo em que observamos a urgência e a brevidade na tomada da decisão em que...*dois minuto pa'ti pensá*, é o tempo limite que dona Cecília teve para decidir sua futura vida de esposa, esta fuga sobre pressão, decidida em dois minutos, se transformou em cinqüenta e oito anos que juntos viveram, sem que houvesse brigas ou rompimentos, com diz seu Janguinha. Ele afirma que de vez em quando acontecia algo que os desagradava, mas, que imediatamente já faziam as pazes, por que sua esposa era tudo o que tinha na sua vida. *Brigá, brigava... mas nossa briga ... já tava um no pescoço do otro, agarrava... bejo e abraço.*

Seu sofrimento é visível quando fala da ausência da esposa. Diz que adoeceu, que perdeu a vontade de viver, de comer. Não tem mais razão para

seguir adiante sem sua Cecília. Quando se refere aos cinqüenta e oito anos ao lado da esposa, não está apenas afirmando que estiveram juntos por este tempo, sua expressão confia que realmente foram dias vividos, compartilhados em um amor intenso, que a ausência da esposa não pode ser preenchida com mais nada além do encontro que acredita terá do outro lado. *Minha velha era uma coisa boa, puxa... E eu também gostava muito dela, Virge Maria!*

Quando falamos de amor, queremos entendê-lo através da análise do Romantismo, numa analogia a exemplo deste trecho do poema *Saudades* de Álvares de Azevedo<sup>80</sup> em que o poeta diz: “E lá na morte eu sonharei contigo!” já que em suas poesias se referem a morte e ao amor, este sempre idealizado, irreal, impregnado de imagens de donzelas ingênuas, amor que nunca se materializa, no entanto, seu Janguinha embora conviva com a morte de sua amada, conseguiu materializar este amor ao longo do cinqüenta e oitos anos ao lado de dona Cecília. Ou podemos ainda encontrar uma certa semelhança no amor de Dante<sup>81</sup> por Beatriz que o leva de corpo e alma as profundezas do Inferno, passa pelo purgatório na tentativa de chegar ao paraíso para então e somente então encontrar sua musa e amada. Assim como poeta Álvares de Azevedo ou Dante Alighieri, seu Janguinha vive seus dias, na expectativa de reencontrar dona Cecília em algum dos mundos etéreos, para onde sua amada se transladou.

---

<sup>80</sup> Álvares de Azevedo. *Saudades* in. Lira dos vinte anos.

<sup>81</sup> Dante Alighieri. Divina Comédia.

Assim , os amores da literatura, de repente se fazem reais na narrativa deste pescador de oitenta e dois anos, que singrou os mares da costa brasileira e da América do Sul, mas que nunca deixou de voltar para os braços da mulher amada a quem nunca traiu, pois a respeitava e amava acima de tudo e todas, afirma ele.

Retornando as possíveis causas para o roubo/fuga da noiva, citamos a urgência na união conjugal, devido a profissão do noivo. Vejamos o caso de Dona Marlene que se casou com seu Orpiano, no ano de 1956 aos dezenove de idade e nos conta como aconteceu:

*Foi de noite.  
C'a luz na mão.  
[...]  
Eu não fui pela praia.  
Tu foi pela praia, Rute?  
Rute: Eu fui pela praia... foi sim!  
Não. Eu foi por baixo do cafizero  
Tudo no escuro, tudo no escuro!  
Meu Deus do céu!!  
la perdida...  
Aí fui pra casa da Nini.  
Levei uma ropa... troxa.  
Mas eu falei pra mãe.  
Falei:  
– Mãee eu já volto...  
– Hummm...  
E ela c'a luz na mão:  
– Vai minha filha, vai, vai, vai!  
Eu não fiz casamento lá porque...  
A mãe foi lá no cartório, que tinha, e disse que não podia casá, porque causa da certidão de óbito da mulher dele.  
Que ele, do cartório, negô...  
Aí a gente, não casô.  
– Minha sogra vou levá ela assim mesmo, e lá em Santos a gente se casa.  
Que não podia, aí  
la demorá uns oito dias ou mais, que ele tinha que, não.  
Ele tinha que voltá em Santos pra vê a certidão de óbito da mulher...  
Aí ele não quis, porque ia demorá muito, ele não podia...*

*Só tinha licença de oito dias.<sup>82</sup>  
 Ele era pescadô.  
 Mestre de barco.  
 [...]
 Morava nos Ganchos, c'a Dona Olga.  
 Aí a gente casô.  
 Depois de treis dias eu fui pra Bombinhas, pra casa dos pais dele.  
 Quase morri!  
 Fui de lancha.  
 O mar tava ruim, muito vento.  
 Nós nem chegamos na praia de Bombinhas.  
 Na praia de fora, outra praia.  
 Porque não deu de alcançar até..., o mar.  
 Eu gritava tanto que era uma coisa... nossa!  
 Aí, fomos pra casa do meu sogro...  
 E depois de oito dias que a gente voltô pra Santos.  
 [...]
 A depois ainda levô dois meses pra casá.  
 Eu já tava grávida da Néia.  
 O motorista do barco dele falava pra ele:  
 – Piano tu vá casá que a tua mulhé tá grávida.  
 – Tu vai casá c'a menina, hein? Tens que casá com ela.  
 – Trouxe ela, tens que casá com ela!  
 Aí ele disse:  
 – Não! Não, eu vou ficá em terra pra podê casá.  
 Eu casei em dezembro.  
 Eu ai fazer 20 anos em agosto.*

Era comum nestes casos, logo depois da fuga e lua de mel - entendido como casamento pelos entrevistados -, o marido viajar para trabalhar na pesca e a mulher ficar em casa, muitas vezes grávida, esperando o seu retorno. Freqüentemente eram os casos em que os maridos demoravam meses para retornar ao lar, não estando presentes na gravidez, no nascimento e não raro nos falecimentos. Como nos comenta Dona Rute:

---

<sup>82</sup> Seu Orpiano era viúvo quando roubou dona Marlene. Depois da fuga, durante a noite eles foram para a casa de uma amiga chamada Nini. No dia seguinte, em conversa com a sogra, ficou acertado que eles casariam em Santos, pois não havia tempo para conseguir o atestado de óbito da falecida esposa de seu Orpiano, sendo ele Mestre do barco em que trabalhava, dispunha de uma licença de afastamentos do trabalho de 8 dias apenas. Tempo insuficiente para os trâmites.

*E era assim, a gente vivia um ano trabalhando.  
 Naquele tempo era mais longe, era no Rio de Janeiro.  
 Eles ficavam, um ano sem vim em casa, daí quando eles  
 vinham...  
 Aí quando vinham em casa no ano, já era um filho.  
 Daí iam embora, trabalhava oito ou nove meis, às veiz  
 eles nem conheciam o filho, às veiz os filhos morriam,  
 como eu que morreu quatro meninos e meu marido não  
 conheceu...  
 Mas sabia que era filho deles.  
 As vezes eles trabalhavam e dava tempestade, eles  
 estavam perto com o barco, chegavam aqui.  
 Ficava só uma noite, aquela noite era outro filho.  
 E era assim a vida da gente...  
 Agora não, agora eles trabalham em Santos, em Itajaí, é  
 mais perto, mas naquele tempo era no Rio de Janeiro a  
 vida era muito ruim, a vida da gente...*

As mulheres passavam a existência à margem da orla, a esperar e vislumbrar a linha imaginária da vida que se estendia ao longe no horizonte marítimo, na esperança de que ao nascer do sol, os maridos voltassem trazendo a tranqüilidade necessária para amenizar a dor solitária de uma noite escura, não raro com o filho agonizando nos braços, sem perspectiva de uma solução. Imagino que ser mulher, na pequena praia de Ganchos, nada mais é do que navegar a deriva numa vida de incertezas, provocadas pelas agruras do dia a dia, na batalha de cuidar da casa, criar e educar os filhos, vencer as doenças que se abatiam sobre estas mulheres e seus filhos à espera de algum alento, no regresso do marido e pai.

“*Daí iam embora...*” esta era talvez a única certeza de suas vidas de esposa: a de que eles iriam embora, pois precisavam ganhar o sustento da família. As mulheres de Ganchos, já conhecem esta realidade, a de que ao se casarem com os homens pescadores de Ganchos, terão que passar parte de seus dias e noites sozinhas, pois seu marido vai estar em algum lugar no

oceano, entre o céu e a terra ou atracado em algum porto longínquo, buscando o sustento para ela e sua prole. As histórias das mulheres de Ganchos se parecem ao que Jorge Amado<sup>83</sup> escreveu sobre os pescadores da Bahia, em seu livro *Mar morto*, “...esses homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram que seu destino é esse. O mar é dono de todos eles. Do mar vem toda a alegria e toda a tristeza porque o mar é mistério que nem os marinheiros mais velhos entendem, que nem entendem aqueles antigos mestres de saveiros que não viajam mais, e, apenas, remendam velas e contam histórias”.

A vida de dona Rute, dona Marlene, dona Dirce, dona Cecília, Maria José e outras mulheres de Ganchos podem ser identificadas na analogia da obra de Jorge Amado e do personagem Lívia, pois é a mulher, *que no pequeno cais do mercado esperava o saveiro aonde vinha o seu amor, começou a tremer, não do frio do vento, não do frio da chuva, mas de um frio que lhe vinha do coração amante cheio dos maus presságios da noite que se estendia repentinamente*<sup>84</sup>. Da mesma maneira que as mulheres de Ganchos sabem o que é se deparar com as noites que vem antes da hora, noite trazida pelas tempestades e junto com ela o medo de que a volta do seu homem não aconteça, pois o mar é dono também desses homens que não sabem caminhar

---

<sup>83</sup> AMADO, Jorge. *Mar Morto*. São Paulo: Record, 1983 p. 20/21. Embora Jorge Amado seja visto pela crítica como um autor de pouca expressão literária, opto por utilizá-lo devido a semelhança do tema que abordo, em relação ao que o autor explicita em sua obra, tais como o mar, pescadores, roubo da noiva, no caso de Guma e Lívia, personagens de *Mar morto*. Álvaro Cardoso Gomes diz que “*Vista no conjunto, a obra de Jorge Amado apresenta altos e baixos. Sua grande virtude reside no fato de ter desenvolvido uma literatura de cunho social, acessível ao comum dos leitores*”.

<sup>84</sup> Op. cit. Jorge Amado. p. 13

na terra firme, apenas ondular no embalo de um barco imaginário que se entranhou em seus corpos salgados de mar.

Antonieta Mercês<sup>85</sup>, é filha, mulher e mãe de pescador e sabe o que representa a tempestade do pampeiro nos Ganchos. E diz: – *Minha Nossa Senhora Aparecida! Que pamperaço de vento súli! Acorde! Formou-se uma correria para tapar os espelhos, queimar galhos secos de ervas, acender velas aos santos.* Assim ocorre cada vez que a tempestade começa a açoiar as casas e tudo o que tem em Ganchos. É hora de rezar pelos que foram para o mar e pelos que ficaram na terra!

Retornando às prováveis causas para o roubo da noiva, além do trabalho na pesca identificamos outra questão para a urgência da fuga/roubo: a necessidade de realização dos desejos sexuais, ou seja, os namorados ou rapazes e moças atraídos um pelo outro, não dispunham de um local adequado para namorar livremente, nem tampouco de permissão para isso, pois estavam constantemente vigiados por algum familiar.

*Magina! Deus me livre! Se bejasse!* – Não se cogita qualquer possibilidade de um envolvimento sexual antes do casamento, caso isso fosse verificado pelo noivo, *já tinha deixado no estado que tava.* Quando abordamos a questão da sexualidade Dona Marlene e Dona Rute, se entreolharam e começaram a rir. Questões relativas à sexualidade ainda são tabus que estas mulheres não costumam falar abertamente e quanto à virgindade, é sem dúvida, um tema que elas não estão habituadas a discutir. Após uma certa indecisão, me contaram que era imprescindível que a mulher fosse virgem ao

---

<sup>85</sup> Ver Antonieta Mercês da Silva. *Quando despenca o pampeiro*. Joinville: Letradágua, 2004. p. 51 e 79.

casar-se, pois corria o risco de ser devolvida à família e assumiram que ser virgem e ou permanecer virgem era um problema e que isto não era garantia de casamento.

Ao aceitar o convite para a fuga, a moça e o rapaz formalizam um tipo de união (sexual e social), que tem o caráter de casamento e que a comunidade legítima e aceita como enlace matrimonial, excluindo a mulher do contexto transgressor do sexo fora do casamento. Além do fato que o rapaz não poderá devolver a moça a não ser que tenha uma justificativa bastante forte. Os relatos nos dão conta de que muito raramente ocorria a devolução da moça, mesmo nos casos em que os “noivos” não se conheciam previamente, o que seria de se supor um motivo para não ocorrer a atração sexual ou algo assim. Dona Dirce nos diz:

*Nem a mão não podia dá pra ele.  
Era... Era bem lascado.  
Aí... Aqui a gente passeava na praia.  
Porque antigamente na era calçada a rua, né.  
Aí era bem longe um do outro conversando, né.  
Então.. Assim, né... Eu morava na Ilha do Arvoredo.  
Sai da Ilha do Arvoredo com doze anos  
Eu não namorava.  
Eu era novinha. Meus pais não deixavam eu saí.  
Depois, eu comecei a nomaroa com o Ivaldo.  
Ele dava em cima de mim direto, porque eu era bem galega.  
Agora que to morena, mas eu era bem galega.  
Cabelo bem comprido, bem galega.  
Aí ele começô a baxá em mim, porque ele andava sempre com meu irmão, né.  
Aí eu comecei a namorá, né.  
Mas ele tinha duas, treis, não era assim não.  
Aí assim... Tava conversando, ele chegava, tu sabes!  
(risos)  
E depois... (silêncio)  
Aí fui rainha de carnaval.  
Tava com 17 anos.  
Rainha de carnaval em fevereiro.*

*Quando chegô em março, eu casei.  
 Ele me robô.  
 Quando vi tava robada...  
 Que não pedia em casamento nem nada.  
 Era chegá: gosto. Robô!  
 Ai eu fugi.  
 Tinha uma casa aqui, não era essa, era outra menor.  
 Aí botô dentro de casa.  
 Aí gente não podia dá nem a mão.  
 Eu cheguei!  
 Me deu um estado de nervo, quando ele me robô.  
 Tinha um rio..., passamos pro lado de lá.  
 Eu molhei os pés todo, molhei os pés, de nervosa que  
 vinha pra cá.  
 Os meus pais não sabiam, que eu ia fugí.  
 Que era fugida.  
 Aí depois então né, meus pais e Ivaldo começaram a  
 brigá por que eles queriam que eu cassasse.  
 Doida!  
 Porque as minhas irmãs cassaram de noiva, eu sendo a  
 mais moça de mulher e eles gostavam mais de mim.  
 E eu fugí.  
 Meu pai ficô apavorado...  
 Porque meu pai era remadô da Ilha do Arvoredo.  
 Depois é que ele veio morar aqui.  
 Então eu vim pra cá.  
 Mas naquele tempo era assim.  
 Eu sofri tanto, tanto...na minha vida, virgem Maria!  
 Porque ele era muito **moceiro**... Éeera!*

Dona Dirce manifesta sentimentos contraditórios em relação ao seu casamento, pois ao mesmo tempo em que afirma que não namorava porque os pais não deixavam, ao que tudo indica, isto no contexto da comunidade de Ganchos é valorizado em função de demonstrar que a moça é “de família”, séria, de respeito, sendo uma boa indicação de futura esposa, por outro lado diz que “*Era chegá, gostô: robô*”, supostamente era fácil a aproximação e a corte, já que ela permitiu a abordagem, embora ela não fosse uma moça acessível como afirmou, já os que pais não permitiam a aproximação de homens interessados em namorá-la, mesmo assim ela fugiu. *Tava*

*conversando, ele chegava, tu sabes!* Busca a convivência e a cumplicidade no meu conhecimento, dando a entender que sei do que se trata. Talvez pelo fato de eu estar vindo de outra cidade, a faça pensar que sei a respeito de namoros e casamentos, ao ainda pelo fato de estar na condição de pesquisadora, leve-a a afirmar *tu sabes!*

Percebe-se no seu discurso, que não houve um arrependimento consciente, mas que teve lampejos de negação e aceitação do fato, demonstrando que seu nervosismo não foi somente pelo fato de estar com um homem pela primeira vez, – *Me deu um estado de nervo, quando ele me robô* – mas também por haver afrontado a autoridade paterna.

Uma outra questão que se evidencia na atualidade, para que ocorra a fuga da noiva é de que as mulheres não querem ficar solteiras, pois segundo as entrevistadas há a necessidade de que ocorra o casamento, como forma de inserção social local. É perceptível nos depoimentos a discriminação relativa às mulheres que não casaram dentro do prazo estipulado pela comunidade. Ficou claro que por volta dos vinte anos, é recomendável que a moça se case, como nos conta Vanessa:

*Noventa por cento do pessoal daqui ainda fazem isso.  
É uma tradição.  
A minha mãe fugiu...  
Eu vou fugir também...  
Às vezes também por ter vergonha, por não ter  
condições de casar de noiva.  
Eu acho até que é uma tradição.  
Mas eu já penso diferente:  
– Ela casa quando o rapaz convida, e ela acaba casando  
pra não ficar solteira.  
[...]  
Porque se gostam e pra não ficar solteiras, né...  
O medo das meninas daqui é: “não ficar solteira.”*

*Não é nem porque perderam a virgindade ou coisa assim.  
 É o medo de ficar solteira, né.  
 Elas preferem ter dois ou três filhos, estar casada e depender do marido, do que não ter dinheiro, do que ser independente... trabalhar...  
 Mas o negócio delas é não ficar solteira.  
 Ficar solteira é... é feio, sei lá... pra elas isso é uma vergonha!  
 Passar da idade, pra comunidade daqui seria vinte anos. Passou dos vinte anos, tu, na boca do pessoal daqui, tu não casa mais.  
 Então pra elas... elas têm que casar antes dos vinte.  
 [...]  
 Não é que fala mal, mas ai assim  
 – Ah não casou, não conseguiu marido.  
 É porque era muito falada, estão sempre rotulando alguma coisa...  
 Então ai, quando as meninas namoram um ano no máximo já tem que casar.  
 Tão casadas!  
 Se passou de três anos, se o cara não casar, ai a menina tem que dar o velho golpe da barriga.  
 (risos).  
 Tem isso também, pra segurar o cara, se não, não segura. Tem tudo isso!*

Para a comunidade de Ganchos, o casamento ainda é a via legal de aceitação do *status* de mulher casada, isto é, para estar dentro dos padrões locais de aceitação coletiva, as mulheres devem em algum momento de sua vida optar e realizar o casamento. Aquelas que ficam solteiras ou se casam muito tarde, passam a condição de mulheres “não casadas”, implicando em uma certa discriminação social. É comum nesta comunidade, perguntas do tipo: “*Você ainda não casou? Mas você tem namorado, né? Quando vai ser o casamento?*” As mulheres da comunidade acabam se sentindo na obrigação de se casarem, como nos confidenciaram as entrevistadas. Não sabemos ao certo e as entrevistas não responderam a estes questionamentos de forma concreta,

mas ficou entendido que as mulheres solteironas não são “bem vistas” e até mesmo discriminadas pela sociedade local. *Tenho vinti i quatro anos. Pros padrões daqui eu já to velha. Não casei, as pessoas falam, mas eu não me importo.*

É possível que o fato de não terem conseguido um marido ou não terem sido escolhida por um homem para serem roubadas, torne-as menos interessantes diante da comunidade, diminuindo a auto-estima destas mulheres, pois como diz Vanessa: *Ficar solteira é... é feio, sei lá... pra elas isso é uma vergonha!* E é esta vergonha ocasionada pelo “desprezo” masculino que as levam a luta pela conquista do título de esposas, utilizando inclusive ... *o velho golpe da barriga*. O que Vanessa contesta, contrariando o comportamento das amigas ao afirmar: *Só pra gente dizer pro pessoal daqui que a gente tá casada, não adianta. Casar com o primeiro que vem, só pra dizer que casou.*

Dona Maria José diz que *“Não é um vestido, não é um véu ou uma grinalda, não é uma igreja cheia de convidado que fez a felicidade da gente”*, ao se referir a harmonia e duração de seu casamento, e que Ariés<sup>86</sup>, concorda ao afirmar que um casamento ou uma união livre, não se torna verdadeira e resistente ao tempo, pelo simples fato de ser formalizado em cartório ou na igreja, nem tampouco por uma opção prévia, mas pela sua duração enquanto relação. As mulheres de Ganchos, têm o casamento como algo indissolúvel, definitivo em que ocorre a separação somente com a morte de um dos

---

<sup>86</sup> ARIÉS, Philippe . *O amor no casamento*. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 162.

esposos, principalmente na opinião das mais idosas. Mesmos passando por inúmeras dificuldades econômicas e/ou emocionais elas não tem o divórcio como opção. No entanto, as mais jovens não demonstram preocupação com o fato de uma possível separação, talvez por que esteja inserida atualmente, no contexto da comunidade a possibilidade de separação dos casais, como algo do cotidiano das famílias.

O roubo da noiva é sem dúvida um costume que permeia o cotidiano destas mulheres e homens de Ganchos, que buscam na união informal a maneira de concretizar o enlace matrimonial, e, somente mais tarde formalizam o casamento na igreja e civil. Entendemos ser esta uma das formas de suporte psico-social, que as comunidades de Ganchos de Fora, Ganchos do Meio e Canto dos Ganchos, buscam para manter seu equilíbrio enquanto grupo social e familiar.

### *2.3. A pescaria antigamente era... era muito, muito matoso!*

A renda familiar nesta comunidade tem a participação das mulheres, seja nas salgas, no comércio, no turismo ou em outras atividades remuneradas. Porém houve épocas, como entre as décadas de 1920 e 1940, em que as mulheres dependiam quase que exclusivamente dos maridos, ou na ausência destes, de trabalhos manuais como a confecção do crivo, ou da colheita do café e da escala do peixe<sup>87</sup>, para o sustento das famílias. As peças

---

<sup>87</sup> Utilizo a explicação do seu Ivaldo, que diz: ...Pegá o peixe do mar, limpá ele bem limpo e abre ele pelas costas. E abre, lanha e põe no sal. Deixa um dia de molho. De um dia pro outro. Aí bota no sol secá. Nós comia aquele peixe assim...

de crivo eram vendidas para *uma senhora lá de Biguaçu... de encomenda*, nos comenta dona Marlene. Em alguns casos estes trabalhos serviam como a única renda, em outros como um agregado de rendimentos para a manutenção da família. As crianças participavam dos trabalhos domésticos e de uma ou outra atividade laboral em troca de peixe ou farinha. Como exemplo, nos conta Dona Dirce, que embora seu Ivaldo trabalhasse embarcado, ela precisava ajudar na manutenção da casa, por isso trabalhava em outros afazeres que não apenas os domésticos.

*Ele, Ivaldo tinha arrumado trabalho, pra ir embora.  
 Aí eu ficava c'a barriga cheia aqui, e trabalhando.  
 Eu sei que foi assim: tive seis filhos.  
 Aí o Irivan, ele nem tava, quando o Iriva...  
 Quando ganhei Irivan.  
 Depois que ganhei a Iriná, a outra.  
 Aí depois a Ioná...  
 Depois a Ione...  
 Eu tive seis.  
 Mas, passei um trabalho pra criar eles.  
 Mas graças a Deus, hoje em dia to contente.  
 Ele é assim...  
 Aí ele ganhava dinheiro lá.  
 No Arnoldo., lá onde ele trabalhava.  
 [...]  
 Quando ele chegava em terra.  
 Aí ficava dez, doze dias em terra.  
 Acabava tudo.  
 Botava tudo fora na bagunça.  
 Aí falam porque o Irivaldo é bagunceiro, é capaz puxá a quem?  
 Ai tá, chegava...  
 Mas ele contava pra mim quando chegava.  
 Contava pra mim, mas eu não brigava.  
 Eu tinha medo, de ele ir embora e não voltá mais.  
 Naquela época eu não tinha INPS, não tinha nada.  
 Eu apanhava café pra fora, c'os filhos piquininho tudo levava pro cafezal.  
 Escalava pexe, que naquela época, a gente escalava pexe.  
 É, nas praia.  
 Diferente porque agora tem geladera.*

*Mas naquele tempo tinha que secá o peixe todo.  
 No balaio.  
 É, botá na salga.  
 Eu escalei bastante peixe.  
 Pra podê ajudá a criá os filhos.  
 A minha irmã também me ajudava muito.  
 A minha mãe não, não me ajudava.  
 Mas pra criá os cinco filhos, passei tanto trabalho na  
 minha vida.*

Em alguns casos os maridos não davam a devida atenções para o sustento do lar e as mulheres (mães) se viam na obrigação de buscarem subsídios para manter a família, como nos contou Dona Rute. Seu pai, embora trabalhasse na pesca e tivesse rendimentos, gastava o salário com mulheres e festas. A mãe sozinha e com quatro filhos pequenos tinha que encontrar meios para sustentá-los. Nos relata:

*Papai ia pro Rio Grande.  
 Minha mãe tinha eu a Raquel, o Renato, a Marlene.  
 Não tinha ainda a Marli.  
 E ele ia lá pro Rio Grande trabalhá.  
 Chegava lá, ele arrumava mulhé. Por lá...  
 E não ligava de mandá dinheiro.  
 Ela trabalhava no crivo, pra nós.  
 E eu a Raquel que era maior nós ia pra praia arrumá  
 peixe.  
 Aí de manhã limpava aquelas barrigueras de cação,  
 secava.  
 Nós ia lá no Calhero do seu Nelso, eu a Raquel, trocá  
 por farinha, por batata doce...  
 Pra gente comê.  
 [...]  
 Aí naquele tempo, minha filha, tinha venda...  
 Um senhor que... Bento né?  
 Que tinha aquelas barricas de açúcar...  
 E ele juntava aqueles, como é?...  
 Coxo assim, botava dois pau, assim, prá barrica fica ali  
 em cima e escorrer aquele mel, né!  
 Aí ela levantava de manhã e dizia:  
 – Meu Deus, não tem açúcar pra vocês tomá café!  
 A gente até fazia mingau.  
 Nós dizia:*

– Mãe nós vamo lá no seu Bento, pidi melado!  
 Chegava:  
 – Seu Bento!  
 – Que houve?  
 – A mãe mandô pedir um pouquinho de melado.  
 –Pra quê que a tua mãe qué?  
 – Não sei!  
 Aí levava um boiãzinho de barro.  
 Chegava em casa ela fervia, coava num paninho.  
 Às vezes aquele melado tinha até barata.  
 E nós tomava café c'aquilo.  
 Sabe o que era nosso café?  
 Farinha c'o café, nós chamava de mingola.  
 Eu pegava a farinha, pegava o café e botava em cima da  
 chapa, c'fogo acesso.  
 Deixava o café fervê e depois botava a farinha, fazia  
 aquele mingau, bem escardado, escardado, pra comer.  
 E não tinha pão, não tinha bolacha, não tinha um  
 biscoito, não tinha nada!  
 [...]

Aqui era tudo barro.  
 A mãe disse:  
 – Amanhã vem um jipe do Rio Grande, cheio de pescadô.  
 – O Amélio também vem.  
 A mãe pegô, arrumô nós.  
 Botô lacinho no cabelo.  
 – Vamô pro caminho esperá teu pai.  
 Aí nós fomo!  
 – Lá vem o jipe, lá longe...  
 Quando chegô bem aqui no caminho, tava com porta  
 aberta.  
 Fomo vê: papai com as pernas pra banda de fora e o  
 corpo dentro, do jipe.  
 Bêbado!  
 Sem um tostão!  
 Foi o dia, que vi, na minha vida, minha mãe chorá.  
 Aquele dia, aquela mulhé chorô... chorô...  
 Porque não tinha o que dá pra nós comê...  
 E ele ainda chega em casa, bêbado...

A mãe, responsável pela manutenção da família, devido ao descaso do marido, encontrava no trabalho artesanal a forma de subsidiar a alimentação para os pequenos. Dona Rute conta o sofrimento de sua mãe: *Foi o dia, que vi, na minha vida, minha mãe chorá. Aquele dia, aquela mulhé chorô... chorô...*

Não é difícil imaginarmos como era a vida dessas mulheres, carentes de afeto, da companhia do marido, de recursos para o sustento dos filhos. Poderíamos nos perguntar porque aceitavam esta condição? Não temos a resposta exata, mas podemos admitir que não lhes restava alternativa, pois sem qualificação profissional, sem meios de subsidiar a vida fora da comunidade, não havia chance de sobrevivência para si e para os filhos. Dona Dirce, nos confirma a situação: *Eu tinha medo, de ele ir embora e não voltá mais. Naquela época eu não tinha INPS, não tinha nada.* Embora o marido fosse ausente, mulherengo, e, em alguns casos incapaz de manter a família, ainda assim era melhor do que uma vida insegura e desconhecida. Nestes casos, os relatos nos mostram que o crivo, elaborado nas tramas do tecido de linho, dava alento para a solidão destas mulheres e sustento para a família.

Este artesanato é um tipo de bordado confeccionado em tecidos de linho. Os fios da peça do tecido são removidos e nos espaços vazados, as artesãs ou bordadeiras fazem uma nova trama, formando os desenhos que irão compor a peça. Esta atividade artesanal é realizada pelas mulheres da comunidade, repassada de mãe para filha, através das gerações.

Dona Dirce me ensina a fazer o crivo:

*Óh... ai a gente ia primero...  
 Óh...  
 Qué vê uma coisa...  
 Óh..  
 Óh!  
 Dexei cinco, tirei treis ...  
 Vai pra cá...  
 Dexei treis, tirei quatro...  
 Isso aqui é linho, agora é assim,  
 Óh... A gente pra tapá.... Óh.  
 Pega a metade dos fios...  
 Dexa otra pra baixo...*

*Pega a outra metade...  
 Ai, já passa pra outra cabecinha...  
 Cuida pra não cortá a linha..  
 Eu quasi não posso fazê porque ...  
 Eu tenho problema no braço... Óh,  
 [...]  
 Eu fazia muito lençol, cabicera de lençol, como aquela  
 barra ali...  
 Fazia muito.  
 Toalha de treis metros, de comprido,  
 Fazia uma barra toda de crivo.  
 No meio, fazia outra barra  
 Só que agora não faço mais.  
 Agora não faço mais.*

Dona Dirce passa alguns minutos me ensinando a confeccionar o crivo. Não consegui aprender o bordado, mas prestei atenção na sua performance com agulha, a linha e o tecido. Seu relacionamento com a arte de fazer o crivo, seus gestos delicados no manuseio da peça branca de pano, contrastando com os calos das mãos, marcas do trabalho árduo e pesado da escala do peixe<sup>88</sup>, no entanto a delicadeza e a beleza do bordado surgem das hábeis mãos de dona Dirce e de sua sensibilidade com a estética da peça que idealiza.

*Óh... A gente pra tapá.... Óh.* O bordado recita a trama do verso, na encenação da peça elaborada pela vida. *Vai pra cá.* E a agulha dança no pano branco, indicando com passos bem definidos e seguros o caminho a ser tomado pelas mãos da autora. Sua voz se perde, num tempo de fios e tramas, como um lamento dos dias deixados à margem da vida. *Dexei cinco, tirei treis...* O quê deixou, dona Dirce? Os dias de infância e juventude, as tardes e manhãs de brincadeiras dominicais, guardados agora, apenas na memória? Deixou cinco e também tirou três! Nada sobrou. Apenas as marcas desse

---

<sup>88</sup> Embora hoje não escale mais peixe para vender, o faz para o consumo da família e as marcas deste trabalho, ainda são visíveis em suas mãos.

tempo que se fazem presentes nos calos das mãos envelhecidas de dona Dirce, e que delicadamente *cuida pra não cortá a linha...* tênu fio que a liga às lembranças da mocidade, às coisas do cotidiano, mas que ao mesmo tempo a aprisionam na constância de ser mulher, mulher em Ganchos.



*“Mulheres do crivo”* em Ganchos e que se representam na analogia da *Odisséia de Homero*. Enquanto Penélope, - a esposa de Ulisses aguarda sua volta da guerra contra os troianos -, é assediada por vários pretendentes ao que lhes promete que escolherá um marido quando acabar de tecer um tapete. Porém na esperança de que Ulisses regresse, ela desmancha a tapeçaria durante a noite, para assim ganhar tempo na espera do herói grego.

Tal como Penélope, as mulheres de Ganchos ainda esperam por seus maridos, por seus homens, que em algum lugar do mar ou porto distante permanecem longe de casa. Podemos admitir que elas se parecem à Penélope, pois o marido pode deixar o estado, o país, ou sair com outras mulheres, enquanto que a mulher de Ganchos fica à espera, durante meses ou até anos, tecendo peças de crivo, seja para vender ou para simplesmente ocupar-se da longa espera e ausência deles.

Dona Dirce é o que alguns autores chamam de o exemplo da mulher com “síndrome de Penélope”, pois passou boa parte de sua vida esperando seu Ivaldo, que como ela mesmo afirma, durante sua vida ativa laboral esteve

pescando e/ou atracando nos portos do Rio de Janeiro. Isto fazia com que se ausentasse do lar por períodos de até um ano, outrossim quando vinha para casa, durante as folgas do trabalho, saía para as festas com “*as amigas*”. “*Eu sofri tanto, tanto... na minha vida, virge Maria! Porque ele era muito mocero... ééera!*”. Seu Ivaldo não era apenas o jovem forte, viril, ávido por gozar a mocidade, já que *mocero*, ao que diz dona Dirce, tem conotação pejorativa de mulherengo, boêmio, festeiro. Aquele que busca nos prazeres da carne, a complementação para os amores mundanos, promíscuos, transgressores das normas sociais do casamento, *Depois, ele chegava em casa contava pra mim. Tinha “amiga”, tinha. Ficava lá c’as amigas. Como é que eu ia fazê? Dona Dirce se pergunta o que fazer, mas não lhe sobrava muitas alternativas, já que ele contava pra mim, mas eu não brigava. Eu tinha medo, de ele ir embora e não voltá mais.*

Na atualidade, seu Ivaldo está aposentado e passa os dias consertando redes para alguns barcos de pesca da região. Os pescadores aposentados, invertem os papéis e passam a tecer as redes, que numa configuração maior podemos conectar com a tessitura do crivo. Estes homens agora estão na mesma posição de suas mulheres, quando jovens, que ficavam em casa tecendo o crivo. A diferença é que não possuem mais as ansiedades de aventuras peculiares da juventude, pelo menos é o que nos comentaram.

Dona Dirce sempre fez o crivo. No início de sua vida de casada foi para dar suporte a manutenção da casa, depois para passar o tempo, como diz. Este artesanato sempre esteve presente no cotidiano destas mulheres, pois trata-se de uma tradição que vem desde os primeiros moradores desta região e

que serviu e serve ainda hoje de apoio econômico para muitas famílias, principalmente àquelas que não têm a colaboração do homem, na função de marido, pai ou irmão mais velho, na manutenção familiar. É comum a família depender do irmão mais velho, quando da ausência do pai, para dar suporte econômico à família. Dona Rute nos conta sua participação na confecção do crivo:

*Naquele tempo eu não fui para escola: para trabalhá, para ajudá.*

*Eu dizia assim para a minha Dindinha, que era a minha madrinha:*

*– Eu quero ir para aprendê a lê*

*– Óh, a minha filha ajuda a dindinha a fazê crivo.*

*Aí ela fazia o crivo e eu tinha que ajudá, na dispesa da casa, porque ela estava criando a Marli que é a minha irmã, e ela estava criando a Marlene.*

Através do crivo, as mulheres, inclusive as meninas, colaboram para a manutenção econômica da família. Esta é uma atividade exclusivamente feminina, não sendo identificado nenhum homem que saiba confeccionar o crivo ou que em algum momento tenha tentado aprender, nem tampouco as mulheres tomam os barcos para pescarem, pois a pesca é de domínio masculino.

Na atualidade, as mulheres gancheiras ainda fazem o crivo, algumas como forma de lazer ou para a decoração da própria casa, outras ainda como atividade econômica, mas observa-se que, além do crivo, elas têm suas “obrigações” domésticas. São elas que respondem pela manutenção e conservação das casas, educação dos filhos, consideradas tarefas da alçada das mulheres no contexto social da comunidade.

Com o advento do turismo na região, as mulheres mais jovens encontraram uma nova fonte de renda, sejam solteiras ou mães de família, no atendimento aos turistas em restaurantes e comércio em geral<sup>89</sup>.

A educação também tem proporcionado uma opção de trabalho feminino, pois as “mocas que têm estudo”, tornaram-se professoras e colaboradoras nas escolas da rede pública. Vanessa diz: *Eu trabalho. Ainda moro na casa da mãe, ela me sustenta, mas pago as minhas dívidas.*

Mas uma boa parcela da mão de obra feminina de Ganchos ainda está diretamente ligada ao trabalho nas salgas. Dentro destes espaços, as mulheres, selecionam, limpam e armazenam os pescados e demais produtos advindos do mar. Dependendo da capacidade das salgas, são manufaturadas grandes quantidades de pescados e derivados para o abastecimento não só da região, mas também do estado de Santa Catarina e do Brasil<sup>90</sup>. Esta relação com o mar e seus produtos está no cotidiano desta comunidade desde sua fundação com as armações baleeiras, passando pela pesca artesanal de captura até os dias de hoje com a pesca industrializada e a maricultura.

A única contribuição das mulheres no que tange a pesca é a utilização da sua força de trabalho nas “salgas<sup>91</sup>” como já mencionamos. O contexto da pesca revela um trabalho masculino por excelência, realizado de forma coletiva, em que não é permitida a presença feminina<sup>92</sup>.

---

<sup>89</sup> Ver dados do IBGE em tabela anexa.

<sup>90</sup> SILVA, Célia Maria e. *Ganchos/SC*. Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira. Florianópolis: UFSC, 1992. p.171/172

<sup>91</sup> Salgas são locais destinados a limpeza, conservação e acondicionamento dos pescados. Neste espaço a mão de obra feminina é bastante relevante. Elas são maioria, para realizarem este trabalho, pois os homens estão no mar pescando, então cabe a elas o trabalho final da manufatura do pescado.

<sup>92</sup> MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 34.

Podemos observar pelas narrativas que os maridos, filhos, amigos etc. são pescadores. Entendo ser necessário fazer um esclarecimento sobre a atividade pesqueira na comunidade de Ganchos, pois nem todo pescador é “pescador”<sup>93</sup>.

Os trabalhadores do mar obedecem a uma hierarquia de cargos no interior do barco pesqueiro, além do que estes trabalhadores não são remunerados com salário, mas sim com partilha da produção<sup>94</sup>.



Seu Janguinha diz que: *“E de lá fui trabalhá, mas não trabalhá pra mim. Trabalhá pra companhia de barco chilena...”*

Os pescadores podem ser donos de barco e trabalharem por conta própria ou então trabalharem para companhias pesqueiras com a partilha do produto pescado. Dependendo das condições de trabalho e contratos firmados entre as partes, pode ocorrer uma variação nesta partilha.

Seu Janguinha me conta sua vida de pescador. A história de uma longa viagem que fez pro Chile e dos dissabores que passou nesta temporada de seis meses longe de dona Cecília e do Brasil.

<sup>93</sup> Foto de Irivan, filho de dona Dirce e seu Ivaldo, no barco de pesca.

<sup>94</sup> Op. cit. Célia Maria e Silva p.168/169. Segundo a autora os dados foram fornecidos pela Industria e Comércio de Pescado Ltda – NAPESCA, Industria Ganchos Ltda, Industria e Comércio de Pescado Rocha Ltda. Localizadas em Ganchos do Meio. A partilha da produção líquida realiza-se da seguinte forma: 50% é retido pelo proprietário do barco e o restante distribuído entre os trabalhadores embarcados assim distribuídos. O mestre recebe 10 partes; Contramestre recebe 3 partes; Motorista de barco recebe 4 partes; Cozinheiro recebe 2 partes; Gelador recebe 2,5 partes; Caiqueiro recebe 2 partes; Tripulação (pescadores do convés) recebe 1 parte.

Creio muito em Deus.  
 Tentei passá longe os dias...  
 Mas com fé em Deus, que Deus é muito bom...  
 (pausa)  
 Eu fiz uma viagem longe...  
 Lá pro Chile.  
 Lá pro Itaikiki, bem no final do Chile.  
 Pra lá fui de avião, buscá um barco...  
 E de lá fui trabalhá, mas não trabalhá pra mim...  
 Trabalá pra companhia de barco chilena.  
 Trabalhei lá seis meis... no final de seis meis disse: vô  
 m'imbora.  
 Disse: quero o Brasil. Quem vai pro Brasil?  
 Ai o barco ficô pronto. Eu peguei o barco, vâmo pra  
 Santa Catarina.  
 Levei trinta e dois dia e trinta e duas noite...  
 Ai foi dereto<sup>95</sup> ...  
 Só passei em Valparaiso, parei dois dia... Pra dá baxá,  
 né..  
 Ai paremo a máquina, descansá um pouquinho...  
 Brincá um pouquinho, né...  
 De brasileiro só eu.  
 C'a vida danada...  
 Ai quando passemos.. chegamo no... Golfo Penha...  
 Com medo..  
 Os embarcados c'a mão aponta pro céu pedindo a Deus.  
 Que desse misericórdia...  
 Escuta aqui, o qué que oceis tão com tanta coisa?  
 Não to vendo nada ali.  
 – Não. Esse aqui é um lugá muito perigoso...  
 – I nós vamo morrê..  
 Não morre nada, rapaiz... falei  
 Ai as água começô a virá, né..  
 Porque as água corre assim, né (faz um gesto  
 demonstrando o rumo das águas)  
 E lá corre... corre um caldeirão limpo... aquela coisa!  
 Ai eu olhei... eu virge Maria! Como tá isso! Vô morrê  
 mesmo...  
 Mas deixa ai... seja o que Deus quisé...  
 Ai o capitão chegô perto de mim e falô:  
 – Éééé... capitão brasileiro, tá com medo?  
 – Não!  
 – E porque?  
 – Se eu morrê, oceis também morre, se oceis morrê eu  
 também morro.  
 – Não tenho medo.

---

<sup>95</sup> Direto. (Lê-se “deréto”)

– Bota na mão de Deus.  
 É... depois falô assim:  
 – Deus tira e Deus tenha... um buquê de “florores”..  
 Como qué essa conversa rapaiz... que dá florores pra  
 Deus...  
 Uma vela pra Deus... um Pai nosso..  
 {...}  
 Ai fica me olhando...  
 Ai passô o tempo pra trás...  
 Golfo Penha: quando chegô no Golfo Penha ai bateu o  
 porrete...  
 Cento e vinte quilômetro por hora...  
 Ai eu fiquei com medo...  
 Ai, eu cheguei perto do capitão e falei: nós vamo morrê  
 agora...  
 – É morremo!.  
 É... pescadô nasce todo dia...  
 É fui lá ganhei um poco de dinheiro...  
 Foi em 1970, que fui lá..  
 E quando era mais moço, trabalhava por aqui...  
 Era aquela porcaria de peixe..  
 Tá aqui, óh.. ta vendo? Isso é calo..  
 Era ali.. ia lá pegava ..  
 Vinha pra terra, descarregava... ia dormi...  
 Se queria mais, ia lá.. outra barcada, pra descarregá di  
 manhã.

*Ai foi dereto* , pois eu Janguinha queria chegar logo a Santa Catarina, a um porto seguro. Parou somente para que os companheiros da viagem pudessem *descansá um pouquinho... Brincá um pouquinho, né...* porque ele mesmo nunca brincou, isto era coisa para os pescadores solteiros ou aqueles que não tinham compromisso de fidelidade com as esposas, pois ele seu Janguinha jura que nunca foi adepto *destas coisas*. Respeitava por demais dona Cecília, e as brincadeiras nos portos com as mulheres era somente para os outros pescadores, é o que diz.

*De brasileiro só eu.* Além de estar em um barco estrangeiro, com as dificuldades inerentes à língua espanhola que mal entendia, a vida ainda

estava por um fio, tava *com a vida danada*, ou seja, perdida pensou ele; *Aí, eu olhei... eu virge Maria! Como tá isso! Vô morrê mesmo...*

Mas a vida de pescador é assim mesmo, nasce, morre e renasce um pouco a cada dia. A vida de seu Janguinha e dos pescadores de Ganchos têm muito em comum, pois o caminho do mar é o caminho dos homens feitos de água e sal, de maresia e sargaço, de redes e peixes, que uma vez viciados no balanço do barco, não conseguem mais fixar os pés na terra, sem movimentar o corpo no doce ritmo do embalo das águas e ansiar pela volta ao mar. Porém a vida em Ganchos é algo mais que peixes e homens do mar, aqui também se faz presente um fértil imaginário popular, permeado de mitos e histórias.

#### *2.4 Por exemplo, eu não posso dizê nada. Contavam!*

Em Ganchos as histórias do imaginário popular se fizeram presentes e permearam as narrativas dos entrevistados ao longo do trabalho de pesquisa de campo. Embora estas histórias não estejam diretamente relacionadas com o roubo da noiva, abordo estes temas, por entender ser importante conhecer este imaginário, já que faz parte do cotidiano dos gancheiros e está inserido no modo de vida desta comunidade.

Durante as entrevistas foi possível conhecer as narrativas que permeiam este imaginário, e que Barthes<sup>96</sup> afirma ser a narrativa *“sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na*

---

<sup>96</sup> BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J. et all. *Análise estrutural da Narrativa*. Pesquisas semiológicas. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p.19.

*lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura, no cinema, nas histórias em quadrinhos, na conversação. Além disso, sob estas forma quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades”.*

Desta forma, além do roubo da noiva, os entrevistados demonstraram bastante motivação em narrar fatos deste imaginário popular local, como por exemplo, seu Janguinha que nos conta sobre as bruxas – que na comunidade de Ganchos tem nome e sobrenome, pois se trata de mulheres residentes na comunidade, conforme o relato de alguns entrevistados.

As narrativas de bruxas não diferem do que Sonia Maluf<sup>97</sup>, identificou a partir de sua pesquisa na Lagoa da Conceição em Florianópolis, isto é, a presença da bruxa instaura uma situação de desordem social, que implica numa inversão da organização simbólica dos domínios femininos e masculinos, ocasionando inclusive o medo no âmbito deste domínio masculino.

As bruxas se vestem de branco, sempre em número de sete mulheres. Roubam as bateras<sup>98</sup> dos pescadores e remam para a Índia, ou como conta Rosa Maria, *mais certo é que elas fossem para a Ilha Grande, aqui em frente.*

*A bruxa é a sétima filha de carrera*, como diz Dona Rute, e não lhe dado a opção da escolha: será bruxa. Dona Rute e Dona Marlene, juntas contam como é a história das bruxas nos Ganchos:

---

<sup>97</sup> MALUF, Sonia W. *Encontros Noturnos*. Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição: Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1993, p. 60

<sup>98</sup> Bateras são canoas ou pequenos barcos de pesca, normalmente utilizados para pescaria próxima da costa. Por ser um barco pequeno, não pode ser utilizado para pescarias em alto.

*As bruxas são sempre sete mulheres de branco, pegam as bateras e vão pro mar.*

*– “Cada remada, sete léguas pra chegar na Índia”.*

*Elas cantam no mar.*

*As bruxas têm o poder de se transformar em qualquer coisa: numa galinha, num pássaro, numa árvore e principalmente em borboletas, as bruxas são sempre borboletas.*

*Quem via muito as bruxas eram os pescadores de camarão, porque eles pescavam de noite.*

*Eles viam as bruxas.*

*Contam que a M. B. era bruxa, (Dona Rute pediu para não falar o nome completo por ser ela uma pessoa conhecida) e que a R.V., também é bruxa.*

*As bruxas faziam muita bagunça, elas inliavam o espinhel, bagunçavam a batera.*

*Os pescadores logo sabiam se tinha entrado bruxa nos barco, porque de manhã as bateras estavam todas bagunçadas, sujas...*

*Tinham muita criança embruxada, elas ficavam minguadinhas, minguadinhas.*

*Era bruxa. Também quando a criança acordava de manhã cheia de manchas roxas, foi porque a bruxa tinha chupado elas de noite.*

As narrativas sobre bruxas discorrem sobre mulheres com poderes para transformar-se em animais, principalmente alados. Além disso são acusadas de atormentar crianças, fazendo com que estas apresentem sintomas bastante característicos, tais como emagrecimento, falta de apetite, choro constante e hematomas no céu da boca. O que difere nas histórias relatadas, segundo Sonia Maluf<sup>99</sup> é relativo a recuperação da criança, através de um benzedor ou benzedeira. Seu Janguinha nos confirma a ação da rezas e benzeduras na cura do embruxamento:

*É... bruxas têm alguma bruxa por ai, que chupava as crianças.*

*Eu por exemplo perdi uma consulta.*

---

<sup>99</sup> Op. cit. p. 58/59.

Uma consulta médica, até hoje..  
 Por causa de uma bruxa...  
 A consulta era hoje..  
 Ai a minha menina tava morre não morre...  
 Mas morre não morre mesmo...  
 Para benze tinha que sê em Santos...  
 Ela (a esposa) não conhecia Santos..  
 Eu conheço... vamo lá minha filha.  
 – Vamo a onde?  
 A noite partí pra lá...  
 Otro dia era a consulta, perdi a consulta...  
 [...]

Diz a mulhé lá que era bruxa.  
 Que levasse mais uns dois dias ela morria...  
 {...}

Agora a bruxa.. a bruxa não..  
 Meu filho.. Na sexta fera santa ele parecia um boi bravo,  
 que não tinha mais jeito pra curá mesmo.  
 Tava morre não morre por causa da bruxa.  
 Ele tava nesta calçada, aqui...  
 E a velha com ele no colo, abanando ele...  
 Chegô o Zelho e disse:  
 – Ôh Janguinho teu filho é bruxa... Minha mãe cura ele.  
 Ah é medico é tudo, não... não deu jeito, né..  
 Não tem jeito.  
 – A mãe cura, tu leva lá.  
 Ai quando cheguei ali em cima, encontrei um boi bravo..  
 Ôh! enfretei  
 Ai devagarinho com ele no colo...  
 Ai .. sai correndo.. fui embora..  
 Deu cura! Deu cura...  
 E a bruxa é a tia dele...  
 Ela falou:  
 – É fulana de tal...  
 Eu pensei:  
 – Mas é tia dele...  
 – Pois é a tia dele!  
 Ai a filha, minha velha disse:  
 – Então cala a boca.  
 A pessoa que for lá, ela diz a verdade.  
 – É mas não quero...que a gente saiba da nossa boca,  
 tá.  
 – Tá bom!  
 E nunca ninguém soube.  
 E tratô... tratemo ele, ficou bom!  
 [...]

A bruxa que dizia né..

– Cada remada cem légua  
 Hiii vai, hiii vai...  
 Aqui no Canto, né  
 – Cada remada cem légua, pra Índia..  
 Era um jato (risos)  
 Ia na Índia... numa batera... (risos) .. à remo  
 Tinha que sê cada remada cem légua mesmo..

As bruxas sempre foram motivos de medo e mistério. Sua caracterização física na literatura infantil em nada contribuiu para minimizar este medo, pois sua descrição é de uma mulher malvada, possuidora de feições grotescas e adepta da antropofagia. Por exemplo, nas histórias de *João e Maria* ou da *Branca de Neve*, está personificado a maldade explícita desta mulher invejosa, contrária à bondade e a beleza da enteada, no caso da *Branca de Neve*. Oliveira<sup>100</sup> faz uma abordagem psicológica do medo da bruxa em que afirma que: *desejo e medo são elementos fundamentais para a evolução dos seres humanos, uma vez que temos medo do que desejamos e desejamos o que não faz medo*. A autora afirma que o medo da bruxa está relacionado ao que o psicólogo Jean-Yves Leloup afirma ser o medo da separação e o medo da rejeição. No caso das crianças este medo está relacionado ao medo de perder a mãe ou à pessoa que tem este papel e, conseqüentemente, perder a segurança e a proteção desta. No entanto algumas vezes, a criança é contrariada em suas vontades, por esta pessoa (mãe). Instaura-se o dilema infantil: com sentir raiva de alguém a quem ama tanto sem ferir-lhe os sentimentos e perdê-la? Segundo Oliveira<sup>101</sup>, manifesta-se a necessidade de dividir a figura materna em duas partes que

<sup>100</sup> OLIVEIRA, Cristiane M. de. *A desconstrução do medo de bruxa na Literatura infantil*. Contemporânea [online], cap. 30/09/2005.

<sup>101</sup> Op. cit. capturado em 30/09/2005.

corresponderiam a fada, vertente positiva, e a bruxa, lado negativo. Com essa cisão a bruxa concentra-se em si a maldade e, por isso, pode ser odiada e castigada numa atitude de enfrentamento por parte da criança.

Dona Rute diz: *A mãe era tão boa! Era tão limpa...tão...* na memória de dona Rute, sua mãe é a personificação da fada: bondosa, limpa e protetora. Enquanto que a madrasta Amelinha é a personificação da bruxa malvada que a “judiava”. Dona Marlene, nos conta: *a gente sofreu muito, a gente foi muito judiada... judiada. Tomava banho no ribeirão. [...] Ela afogava a cabeça da gente... Ela dava co'fundo da chalera de ferro na nossa cabeça.* Dona Marlene este se referindo a madrasta, a mulher com quem seu pai se casou logo após enviuvar. Lembramos que dona Rute e dona Marlene são irmãs.

A visão maniqueísta da bruxa apresenta-a como uma personagem estereotipada do mal. Essa personagem corresponde a um procedimento padrão de maldade que nunca muda suas ações ou reações, sendo sempre má. Seu Janguinha afirma: *É bruxas tem alguma por ai, que chupava as crianças.[...] ai a minha menina tava morre, não morre. Mas morre não morre mesmo...[.] Para benzê tinha que ser em Santos. [...] diz a mulhé lá que era bruxa.* Ele afirma conhecer, *pois tem alguma por ai*, além do que, conhece caso em que a criança estava à beira da morte, por causa da bruxa e foi salva pela benzedeira. Sonia Maluf<sup>102</sup> afirma que a benzedeira aparece como um contrapoder às bruxas, desfazendo o *encanto ou feitiço*. Os pais recorrem às benzedeiros para curar os filhos que foram vítimas de embruxamento, já que somente estas conhecem o segredo de desfazer esta bruxaria. Os relatos de

---

<sup>102</sup> op. cit. p.119

bruxas dos Ganchos, se parecem aos demais relatos de outras regiões de Santa Catarina. Ainda recorrendo à Sonia Maluf<sup>103</sup>, a bruxa seria uma forma que a sociedade encontra de construir para si uma imagem das mulheres, na medida em que todas são potencialmente bruxas, pois a crença no temor de um ser sobrenatural só faz sentido enquanto realização de um medo real que a sociedade (os homens) nutre em relação às mulheres. O mesmo se aplica na literatura infantil<sup>104</sup>, como já mencionamos, embora os autores infantis contemporâneos, como por exemplo Sylvia Orthof e Maria Clara Machado, em consequência de uma nova visão de mundo, estão privilegiando personagens que sejam condizentes com essa relativização de conceitos, ou seja, a dimensão ambígua do ser humano que ganha forma através da personagem-individualidade, típica da ficção contemporânea e que não pode ser rotulado como sendo bom ou mau, apenas passa a um estado de bom ou mau diante de diferentes situações.

Segundo pesquisadores as bruxas adquiriram o *status* de más e toda a carga pejorativa de maldade a partir do advento e difusão da fé católica, quando foram relacionadas ao demônio. Sonia Maluf<sup>105</sup> explica que com relação aos processos e execuções, a bruxaria fazia parte do cotidiano das populações européias no final da Idade Média, e que os principais estudos estão fundamentados na atuação da Inquisição e na perseguição às bruxas. Conforme a mesma autora, *o sistema de bruxaria* construído pela Inquisição

---

<sup>103</sup> op. cit. p.106/108

<sup>104</sup> OLIVEIRA, Cristiane M. de. *A desconstrução do medo da bruxa na literatura infantil*. Contemporânea. [online]. Disponível na Internet via: [www.graudez.com.br/litin/trabalhos/terr.htm](http://www.graudez.com.br/litin/trabalhos/terr.htm) . Capturado em 30/09/2005.

<sup>105</sup> Op. cit. p. 139.

objetivava transferir para a bruxa a crise da sociedade agonizante. A igreja católica tinha na caça às bruxas o bode expiatório para reprimir as seitas e os cultos pagãos, a misoginia<sup>106</sup> das elites, principalmente as religiosas.

A partir das narrativas, os entrevistados de Ganchos admitiram que as bruxas são seres "não visíveis", pois nenhum deles garantiu tê-la visto, embora tenham afirmado que se trata de mulheres com nome e endereço. O que se entende é que os entrevistados supõem serem bruxas estas mulheres da comunidade, já que nenhum deles teve contato ou presenciou um ritual de bruxaria.

Ao nosso ver, as narrativas sobre estas mulheres bruxas, nada mais são do que personagens que o imaginário popular criou, para justificar seus medos e dar formato a constituição simbólica do cotidiano social de Ganchos. Observamos pelas entrevistas que as bruxas de Ganchos, são as madrastas, as mulheres solitárias e/ou reprimidas pela sociedade local, que foram transformadas em bruxas pelo imaginário coletivo.

Em contrapartida o lobisomem é um ser "visível", que os entrevistados admitem terem entrado em contato, senão o animal em que se transformou o homem-lobisomem, pelo menos o indivíduo que supostamente estava em situação de lobisomem, como nos contou seu Janguinha:

*Contavam.  
Eu saí pra rua e procurava.  
Ah! O seu Fermino, morava ali na praia  
– "Ele é lobisome"  
Então bamo vê se o home é lobisome...  
Quando foi um dia a cachorrada bateu...*

---

<sup>106</sup> Aversão às mulheres. Op. cit. Bueno., p.735

*Nóis era moleque, ainda..  
 Moleque moço, home já...  
 – É o Fermino, É o Fermino, É o Fermino...  
 Encurtei assim um caminhuzinho..  
 Que hoje em dia é estrada...  
 Ali passei um bucado pela praia, um bucado pelo  
 caminhu, por mato...  
 E vi aquilo:  
 – Óh pelo amor de Deus... seu Fermino...  
 – Não me castigue!  
 Mas não é que era o Fermino...  
 E o home que apareceu do lado dos cachorros, era o  
 Fermino.  
 Seu Fermino!  
 E os cachorros olharam pra ele: aarraaannn (imita os  
 cães como raivosos, atacando)  
 Eu pensava: – bom o home é lobisome mesmo!  
 Ai confirmô: o Fermino era lobisome!  
 Mas ninguém viu, né. Eu não vi, né...  
 Só vi o seu Fermino e os cachorros que vinha atrás dele.  
 Tava ele.*

O lobisomem de Ganchos se parece ao imaginário popular de outras regiões do Brasil, em que o sétimo filho, em noites de lua cheia se transforma num animal feroz, peludo assemelhando-se a um cão ou cavalo dependendo da região onde se conta o fato.

Antonieta Mercê, moradora de Ganchos do Meio, aproveita a história do lobisomem e coloca em questão a linguagem característica dos moradores destas localidades, através de seu conto “O lobisomem<sup>107</sup>”. Além do vocabulário próprio, com termos e expressões usadas somente nesta região, a rapidez com que falam, dificulta sobremaneira o entendimento para quem não está familiarizado com esta forma de expressão.

---

<sup>107</sup> Antonieta Mercês da Silva, O lobisomem. 24/08/1990.

*Ôh... vi, dona! Podi crê. T'esconjuru! Disandê a currê. Meia noite, dona! Lua chea, nem m'alembê qui era sexta-fera.*

*Tav'ali a um pudê di hora, na peda grandi du custão e nom figava nem um peixe. Já tava m'apreparandu pra i s'imbora, condo tudu acunteceu.*

*“O vi, dona! Podi crê. Vi com esses'olhu qui a terra há di cumê. Ti'Antonha, taí viva, qui nom mi dexa minti. Ela viu o jeitu co cheguê im casa.*

*Piô dona, co' vô falá du moçu qui nój era ansim.... unh'i carni. Com'é qui podi, dona! Um rapaj daqueli...Um bichu pru serviçu. Cum eli nom tinha muleza não! Adondi aquelaj mãozona pegava, sai de baxo! Às vej fechava a carranca. Maj moço bom, tav'ali. Rapaj novo...vint'oito, trint'ano, maj o menu, era u isteio da família. A mã duenti de seti filh'omi incarreradu. Eli, o maj velhu dos seti. O pai um cachacero. Mandriãu qui só! Cond'alevantava um pé u otu tava quenti. Nu invernu, si infurnava im casa a'quentá fogu e butava os pobri duj filhu à trabalhá feito burru de carga..*

*Pos'intão, comu o ia falandu dessi qui noj era unh'i carni, rapaj trabalhô qui nossa! No remu, er'um bichu! Nom injeitava dia pra pesca. Só tinh'um porém— sexta-fera de lua chea? Nem pensá! Nu cumeçu, inventava duença im casa, táli i quali uma dori di barriga, di denti, sezão...Adispoj, u ispalh'ispalha das aparença do bichu-da-urelha moli, eli apruveitava essa desculpa pra nom pescá sexta-fera de lua chea.*

*Confessu co cheguê a ficá vexadu! Um rapaj tom curajosus, infrentadô di mar grossu, boi-de campu... te medu dessas historinha qui o povo conta?*

*Foi aí qui acunteceu, dona! Pareci'uma praga! Nem um pexinhu... unzinhu só. Nada! Nadica di nada! “Stopori!”— Iscumunguê, pegandu a lata da isca, prantu a atirá nu mari, condu sinti aqueli zuniadu, qui mudô prum roncu i cumeçô uma roncação só: brululululululuuuuu.....*

*O vi dona! Pur tudu qui há di maj sagradu o juru co vi, dona: o bichu-da-orelha-mole. Pareci'um cãozão du matu, um cavalu... um curiscu disgraçadu, sei lá qui bichu du capeta er'aquilu. Gibu! T'iscinjuru! Nunca vi coisa maj medonha. Eli veio pa riba di mim i eu disandê a currê, sem olhá pra traj. Pa incurtá a cunversa, eli dexô a minha carça di zuarti, num farrapu! Veja só dona—zuarti, panu forti...pergunta ti'Antonha. Ela m'acudiu cum água. Dismaiê, dona! Ti'Antonha mi deu pa bibê uma canecada de chá co drumi dereto. Varê da barra. Acorde co arto do dia.*

*Intão, fui ca ti'Antonha caminho du custão do mari e quem noj incontra durmindo de custadu a um ranchu? Quem? Divinha só! Eli, dona, meu amigu, lembra? Daqueli maj velho dos seti filhu incarreradu? Pois intão! Essi daí. Drumindu ca boca iscançada. Nem li contu. Tava lá a prova. As fagulha da minha carça di zuarti nas presa duj denti deli. Pode crê, dona – eli era u lombisomi!*

*Pio dona é que senti uma ardença na perna isquerda, arregacê a carça ind'isfarrapada e tava lá a marca da murdida qu'eli mi deu, ainda iscurrend'um pocu di sangui.*

*I agora, dona! Qu'é qui vai sê di mim?*

*Dij qui sê passu a sina!”*

Além do roubo da noiva e do imaginário popular, é possível entrar em contato com as múltiplas realidades da vida dos pescadores, suas histórias, tragédias, aventuras e outras tantas formas de narrarem suas vidas no mar. Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora estão impregnados de particularidades quanto aos relatos deste imaginário que permeia o cotidiano desta comunidade e que tem muito a revelar, fazendo desta região um cenário propício para novas e interessante descobertas.

O imaginário popular desta comunidade entende a bruxa como sendo da ordem do feminino<sup>108</sup>. As bruxas representam o simbolismo do princípio passivo, noturno, escuro, água, mãe, útero, interno profundo, etc.. Com isso entendemos ser a representação social da bruxa, a busca pelo feminino, a inserção do poder da fêmea, contrária à força do macho. As noivas ou as bruxas de Ganchos são a reprodução social da mulher enquanto entidade autônoma e única. Ambas se manifestam e se apropriam de verdades relativas ao seu mundo “*feminino*” em que o poder intelectual é o que prevalece, a subjetividade predomina e faz parte do contexto, pois ela detém o poder da criação, seja a bruxa enquanto geradora do bem e do mal, seja a noiva enquanto gestora de uma nova vida.

O lobisomem reproduz a força muscular do animal, o princípio ativo, a velocidade, a metamorfose física e o poder da força bruta. Ele é a simbologia do homem-noivo, que necessita da força física para o trabalho no mar, da

---

<sup>108</sup> FOUCAULT, Michel. *La Hermenêutica del Sujeto*: Curso en el Collège de France (1981-1982). Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2002. p. 427.

coragem do animal para raptar a noiva, e da bravura para enfrentar as tempestades no oceano. Sua característica é a dominação do ambiente pela presença física, não pela subjetividade como a bruxa. Seu poder está na velocidade, força e musculosidade, tanto quanto o macho humano precisa destes quesitos para sobreviver e garantir a subsistência de sua prole, o lobisomem ao se transformar em animal, utiliza-se destas características para vivenciar seu papel de animal predador. Queremos relacionar o roubo da noiva com as alegorias, em que a noiva é a bruxa, que tem o poder em si mesma. Assim podemos dizer que toda mulher é potencialmente uma bruxa<sup>109</sup> ou que toda bruxa vestida de branco, nada mais é do que uma noiva-mulher, em que ambas buscam gestar a continuidade de sua história pessoal.

Então o lobisomem é o noivo que tem a força e o controle em sua musculatura mutável, adequada as batalhas físicas, disposto a recorrer longas distâncias em busca do alimento, assim como os pescadores de Ganchos que vão ao mar na batalha pelo sustento, desafiando as normas sociais, para raptar a companheira, que irá manter a continuidade de sua descendência.

Tudo isso nos remete ao entendimento de que tanto as narrativas de bruxas quanto às de lobisomem, estão incorporadas ao imaginário e a vida cotidiana da comunidade de Ganchos assim como as referências ao racismo contra os negros e seus descendentes.

---

<sup>109</sup> Sonia Maluf, op. cit. 107.

#### 2.4.1. *Os caras eram caiçaras*

Segundo Johnson<sup>110</sup> tecnicamente qualquer preconceito com base racial constitui *racismo*, assim como qualquer preconceito baseado na etnia é *etnicismo*. Em termos gerais, o preconceito é a teoria da desigualdade racial e a discriminação é a sua prática. De acordo com o mesmo autor, o preconceito é uma atitude cultural positiva ou negativa dirigida a membros de um grupo ou categoria social. Uma atitude racista combina fatores relativos a crenças e juízos de valor com predisposições emocionais positiva ou negativas. No caso do racismo que brancos dirigem a negros e outras pessoas de cor incluem crenças estereotipadas sobre diferenças raciais em áreas como inteligência, motivação, caráter moral e habilidades diversas. Essas diferenças são julgadas segundo valores culturais em detrimento das pessoas de cor e do *status* elevado dos brancos. Finalmente, elementos emocionais como hostilidade, desprezo e temor completam a atitude, criando predisposição entre brancos para tratar os negros de maneira opressora e perceber sua própria categoria racial como socialmente superior, sendo este o racismo negativo. Quanto a discriminação positiva, o autor usa como exemplo as campanhas governamentais de inserção de negros em postos de trabalho e universidades.

Utilizo esta breve introdução sobre racismo para esclarecer que esta questão veio à tona durante as entrevistas na comunidade de Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora e que não é algo implícito,

---

<sup>110</sup> JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Guia prático da linguagem sociológica. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p.180/181

subjetivo, disfarçado, mas um conceito que é explicitado, reforçado numa crença de *status* social.

Começamos pelos depoimentos na ordem cronológica dos fatos: o primeiro depoimento onde se manifestou a presença racista foi o de Dona Rute. Em seu relato ela nos conta um fato acontecido durante a sua juventude, mais ou menos na época de seu casamento. Vejamos:

*A Marli, fugiu daqui para Santos de barco.  
 Veio uma parêha de barcos cheio de caïaras.  
 Que eles chamam, né.  
 Aqueles moços morenos de lá.  
 Fugiu foi oito daqui, para lá.  
 Com uma parêha de barcos elas fugiram.  
 [...]  
 Eles vinham de Santos para cá.  
 Eles trabalhavam aqui e daí dava tempestade e os barcos vinham para cá.  
 Daí eles se conheciam e iam se arrumando.  
 Daí o mestre casou, se ajuntô com uma senhora daqui.  
 Uma moça também, né.  
 E ele só vinha pará aqui... pará aqui...  
 Aí vinham todos, né.  
 E ela pegô esse caïara, um homem preto, preto, né...  
 Casô a minha irmã, casô a minha prima, mas duas vizinha aí.  
 Só sei que foram oito...  
 [...]  
 Marli quando se foi tinha dezesseis anos.  
 A Lourdes também e que era a minha prima*

E em outro momento da entrevista, quando nos fala a respeito de uma mulher a quem ajudava na limpeza do peixe, diz:

*Uma veiz...  
 Aqui, o rio aqui...  
 Se passar pra lá tem outro rio ali..  
 Depois desta prainha aqui tem outro rio...  
 Escalava peixe, lá..  
 Conhece a mãe da Dalcira?  
 Uma **nega muito feia**, né...*

**Nega Maricéia**<sup>111</sup>.  
*Aí eu disse assim:*  
 – *Ôh cumade Maria!*  
*Nóis tava escalando pescada.*  
 – *Ôh, Marica, eu vou debaixo do cafizero.*  
*Ela disse assim:*  
 – *Tu vai mas não demora, vai ligero!*  
*Eu fui.*

E ao se referir a estas pessoas, não está dando codinomes ou apelidos, a referência é quanto à cor da pele. É o que Tragtenberg<sup>112</sup> chama de um olhar branco, educado numa sociedade com racismo cordial, em que a percepção está contaminada por essa forma sutil de racismo, pois não observamos na postura dos entrevistados, constrangimento ou desconforto em relatar ou manifestar discriminação negativa.

O mesmo conceito perpassa a fala de Dona Maria José ao se referir a fuga das oito moças da seguinte forma:

*Ah da época da irmã dela, da Tia Marli.*  
*Barco de pesca, uma parelha que se fala.*  
*Daí o pessoal, acho que foi umas seis, a mulher do*  
*mestre, a do motorista que é a minha tia, mas só cinco*  
*que foram.*  
*Eles vieram aqui gostaram e namoraram.*  
*Na época vieram de barco e levaram elas todas, três*  
*foram lá pro porto de Cangas, lá em SP, passaram*  
*muitos anos.*  
*A minha tia passô quarenta anos sem vim aqui.*  
*Foram para lá namoraram, e ficaram lá.*  
*Eram na época mulheres muito bonitas e eles eram*  
*caiçaras.*  
*Os caras eram caiçaras*  
 [...]
 *É aquele mulato.*

<sup>111</sup> Junção do nome Maria Jucélia.

<sup>112</sup> TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. *Um olhar branco sobre ações afirmativas*. Disponível [on-line] [www.espacoacademico.com.br](http://www.espacoacademico.com.br). 2003, capturado em 04/10/2005.

*Aquilo foi muito comentado.  
 Aquelas mulheres irem com aqueles caiçaras foi muito comentado...  
 [...]  
 Eram gente muito boa, porque o mestre mesmo depois de muitos anos, meu marido trabalhô muito tempo com ele.  
 Depois ele veio vivê aqui, hoje ele já faleceu.  
 A família dele já é quase tudo aqui.  
 A minha tia diz que foi a maior burrice da vida dela.  
 O maior erro que ela cometeu.  
 Foi o maior erro da vida dela.  
 Porque casô assim, não era amor, né.  
 Foi aquela empolgação, sei lá se os caras se empolgaram porque as moças eram bonitas, né.  
 Então naquele tempo namoravam e logo casavam né.  
 Só sei que não deu certo.*

Dona Maria José se refere a um episódio que ocorreu na década de 1960, mas na atualidade o preconceito racial ainda se manifesta na comunidade. Identificamos este posicionamento no relato de dona Dirce, a respeito do fato acontecido com sua filha Ioná e seu Neto Tales, na década de 1990.

*A Ioná..  
 Ela ganho o Tales.  
 Ele era gerente do banco.  
 Então...  
 Ele era preto e o Irivaldo não gostava de preto, nunca gostô de preto...  
 Aí ele trancava ela.  
 A raiva dele foi essa:  
 – Eu vô arranjà um filho de negro pra criá...  
 Aí toda a vida foi assim, certo?  
 Aí ela ficô pra ganhá o Tales.  
 Quando descobriram já fazia uns treis meis...  
 {...}  
 Aí a Ci... É casada...  
 Acolheu ela lá no Estreito.  
 Por isso que hoje em dia adoro a Ci.  
 Eu quase morri, fiz cateterismo.  
 Quase que me acabei por causa da Ioná.  
 Ela não era a primeira, e ele era solteiro*

*Só que era preto.  
E aí..  
Ela ficou lá na casa da Ci.  
Aí, Irivaldo veio.  
Na época o Irivaldo morava em Santos...  
– Pai a mãe morre e o pai fica...  
– A Ioná fez, mas ele era solteiro. Ela não foi a primeira,  
pior se ele fosse casado. E dá desgosto pra mulher dele.  
O pai manda mais, porque é pai, mas eu vô botá a Ioná  
em casa.  
Porque a mãe vai se acabá e a Ioná... o pai fica!*

A questão do preconceito racial contra os negros, em Ganchos se manifesta sob vários codinomes. Vejamos o que diz dona Rute: *Veio uma parilha de barcos cheio de **caiçaras**<sup>113</sup>. Aqueles **moços morenos** de lá, ou ainda ...Uma **nega** muito feia, né.* Enquanto dona Maria José se refere às mesmas pessoas desta forma: *Os caras eram caiçaras. É aquele **mulato**.* E dona Dirce nos conta o seguinte: *Ele era preto e o Irivaldo não gostava de **preto**, nunca gostou de preto...* e sua filha Ioná diz: *Eu vô arranjà um filho de **negro** pra criá...*

O discurso racista nesta comunidade não é algo ocasional ou isolado, faz parte do cotidiano dos moradores de Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora. Este discurso presente nos relatos e na maneira como se comportam alguns dos entrevistados indicam um resíduo cultural da população branca com respeito ao legado colonial que fizeram do negro um ser descolonizado socialmente a partir da escravidão.

Tragtenberg<sup>114</sup> diz que os negros são diuturnamente discriminados e, portanto, torna-se necessário compensar esta discriminação negativa com uma

<sup>113</sup> Os grifos são meus.

<sup>114</sup> TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. *Um olhar branco sobre ações afirmativas*. Disponível [on-line] [www.espacoacademico.com.br](http://www.espacoacademico.com.br). 2003, acessado em 04/10/2005.

outra de caráter positivo. O tratamento universalista não dá importância à questão étnica. E não combater o racismo cordial é compactuar com ele, e conclui que ações afirmativas não vão resolver o problema do racismo cordial no Brasil, mas no mínimo vão chamar a atenção dos brasileiros para estas questões e provavelmente minorá-lo. Embora seja favorável a política de ações afirmativas, entende que o cerne do problema é mais profundo e que não basta apenas entender discriminação negativa como sendo da ordem do cultural ou social, mas tem que ser enfrentada de forma clara e decisiva.

No contexto dos Ganchos, a discriminação negativa ficou evidenciada pelas narrativas, mas em contrapartida mulheres como Marli, irmã de Dona Rute e mais sete amigas, romperam a barreira do preconceito e fugiram com os caixas de Santos.

Ioná, seguindo o exemplo teve um filho mestiço com um homem negro, mesmo sabendo da discriminação do pai em relação aos negros.

Não temos certeza se estas mulheres romperam realmente a barreira do preconceito ou foi mera coincidência, o fato de os “noivos” serem negros e elas terem aceitado a condição de mulheres de negros. Dona Maria José afirma que *Eram gente muito boa, porque o mestre mesmo depois de muitos anos... meu marido trabalhô muito tempo com ele...*

Percebemos através das narrativas que Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora não estão num contexto diferente do restante do estado no que se refere à discriminação negativa dos negros, pois Santa Catarina aceita e reforça o *ideal de branqueamento*<sup>115</sup> através do estímulo da

---

<sup>115</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.279.

cultura européia, formada pelo branco, louro de olhos claros, com maior proeminência no chamado “Vale europeu” localizado na região do Vale do Rio Itajaí-Açu.

Não posso conceber a questão do racismo como algo positivo ou negativo, nem tampouco a discriminação sob este aspecto. Qualquer que seja a discriminação ao meu ver será sempre negativa, mesmo que seja embasada por procedimentos para favorecer esta ou aquela categoria minoritária. O fato de evidenciar ou favorecer uma categoria, sob o ponto de vista de “não discriminação” nos parece já por si mesma uma discriminação.

Quanto ao roubo da noiva e a relação dos homens e mulheres e seus discursos sobre esta questão, como se identificam quanto serem ou não raptos de noivas e elas serem ou não noivas fugidas, abordaremos mais detalhadamente próximo capítulo.

## CAPÍTULO III

### 3. MEMÓRIA DOS GANCHOS

*“... a memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que produz sons ao toque das mãos.{...} Mais que registrar, ela responde às circunstâncias, até o momento em que, perdendo sua fragilidade móvel, tornando-se incapaz de novas alterações, ela só consegue repetir suas primeiras respostas.” (Michel de Certeau)<sup>116</sup>*

#### 3.1 As mulheres contam: *Ai eu fugí... eu era fugida!*

Através da pesquisa qualitativa, por indicação, mulheres de diversas faixas etárias e condições sociais, recontam e rememoram suas histórias a partir do momento em que se sentiram na condição de noiva fugida. Busco entender o discurso dessas mulheres enquanto “noiva fugida”, relacionando esta condição ao namoro e à virgindade.

---

<sup>116</sup> CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. São Paulo: Vozes, 1994. p.164.

Vogt<sup>117</sup> afirma que a memória funciona sob um paradigma de oposição representada pelos pares *aqui-lá* e *agora-ontem*, definindo o tempo e espaço que são variáveis fundamentais para constituírem o jogo de atuação da memória. Platão considerava como constitutivos da memória, dois diferentes momentos: aquele que chamou de *conservação de sensações*, caracterizado pela conservação de conhecimentos passados e aquele chamado de *reminiscência* que consiste na possibilidade de evocar esse conhecimento passado e atualizá-lo, tornando-o presente. Trata-se, no primeiro caso da *memória retentiva* e, no segundo, da *memória como recordação*.

O autor ainda enfatiza que é pela memória que se automatizam as regras e as convenções que permitem o intrincado fenômeno da significação no uso da língua, pela associação de sinais físicos (sonoros ou gráficos), aos significados de coisas, estados e processos no mundo. A semantização da linguagem dá-se por este jogo de *claro-escuro*, de *presença-ausência*, de *presente-passado*, que constitui, nesse sentido, não apenas o paradigma de oposições que estrutura a memória mas que, na verdade, é por ela estruturada como condição essencial do ato de dizer e de significar.

Nelly Richard<sup>118</sup> entende a memória como residual de uma narrativa tematizada pela recordação e esta se apresenta composta de pequenos cenários a deriva, restos e sobras à espera de que alguma *narrativa se encarregue de sua errante parcialidade* para que se compreenda as ações e os relatos que transformam estas marcas de passado em memória.

---

<sup>117</sup> VOGT, Carlos. *Memória e linguagem*. Revista eletrônica de jornalismo científico. Com ciência: no. 69, ago 2005. SBPC. Disponível: [www.comciencia.br](http://www.comciencia.br) capturado em: 06/10/2005.

<sup>118</sup> RICHARD, Nelly. *Resíduos y Metáforas*. (Ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición). Santiago: Cuarto propio. [s.d.]

Dona Rute, moradora do Canto dos Ganchos e a mais idosa das entrevistadas, (com 72 anos de idade - nascida em 1933), rememora fatos de sua vida, relativos a sua juventude e a época em que fugiu com seu José, seu esposo.

*Aí, eu nem te conto.  
 Eu trabalhava para... assim como a Marlene, né...  
 Que fomos cada uma para uma casa.  
 Aí eu trabalhava no peixe, tirava peixe da lagoa.  
 Até nem me lembro, foi no ano.., na época de seu.., ah,  
 meu Deus!  
 Eu arrumei um namorado, aí, meu Deus...  
 – Feliz conversando...  
 Aí ele falou:  
 – Vamos fugir comigo?  
 Aí eu diz:  
 – Não... não, nós não temos enxoval.  
 – Mas não precisa.  
 Aí a noite eu peguei uma muda de roupa, numa toxa,  
 amarrei.  
 E então essa noite ele veio me buscar.  
 Nós fomos morar na casa de outro vizinho com ele, meu  
 marido.  
 Nós era muito pobre.  
 Nós dormia no chão.  
 Depois ele foi trabalhar na pesca, e eu fui indo.  
 Com doze anos de viver assim juntos, eu já tinha cinco  
 filhos, é que nós fomos casar no civil, para registrar os  
 filhos...*

O que se observa ao longo das entrevistas é que não havia muito tempo para que os noivos pudessem se conhecer, pois estes (noivos) sendo pescadores tinham compromissos fora da comunidade, dificultando os procedimentos referentes aos trâmites do casamento, somado a isso ainda havia a questão da urgência e necessidade da satisfação dos desejos sexuais, que implicavam na posse da companheira. *Porque na profissão deles eles estavam lá no mar. Então eles tinham assim que casar porque quando*

*chegavam eles queriam tê a vida deles junto com a mulher, né. Queriam tê a esposa, né. Então eles não tinham tempo para essas frescuras do casamento todas, né.* diz dona Maria José.

Desta forma, as uniões aconteciam sem que os parceiros tivessem o devido conhecimento íntimo um do outro, no entanto as mulheres não deixaram transparecer qualquer preocupação em relação ao sucesso ou fracasso da futura vida a dois. Ao que se entende pelo simples fato de irem morar juntos estava assegurada a indissolubilidade do casamento.

E o amor? Na cultura ocidental nestas décadas de 1940/1950, os casamentos ocorriam por amor, e não mais somente por conveniência. As mulheres dos Ganchos escolhiam o parceiro por amor? Rougemont<sup>119</sup> diz que *o moderno não hesita em formular o seguinte raciocínio: ...o amor designa atração sexual.*

Dona Maria José diz que não foi por amor que sua tia Marli fugiu com o pescador de Santos, *Porque casô assim, não era amor, né.*

Se não era amor, então supomos que seja apenas atração sexual, pois como relata dona Maria José: *Foi aquela empolgação, sei lá se os caras se empolgaram porque as moças eram bonitas, né.* Também os relatos de dona Rute, dona Marlene e dona Dirce demonstram que não houve a paquera, a sedução e os assédios característicos dos enamorados.

*Então naquele tempo namoravam e logo casavam né* – Rougemont<sup>120</sup> diz que a maioria pouco se preocupa *em conhecer, em conhecer-se.* “*Porque casô assim, não era amor, né.*” e o autor complementa que há uma procura

---

<sup>119</sup> Op. cit. P. 230

<sup>120</sup> ROUGEMONT, Denis. *A história do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003. p. 71.

simplesmente do amor mais sensível. *Assim, quer desejemos o amor mais consciente, ou simplesmente o amor mais intenso, desejemos em segredo o obstáculo* e afirma que se for necessário, nós criamos o obstáculo, nós o imaginamos, para que este amor possa ter a intensidade do amor impossível, pois o amor feliz não tem história, e se não for recíproco, o amor não é considerado um verdadeiro amor. ...*não era amor, né*. E se fosse amor teria alterado o rumo dos acontecimentos? Mas de que amor estamos falando?

Amor que podemos entender como exemplo, o amor dos folhetins, em que a máxima é o mito do amor romântico, com origem na idade média. – Mito que de um modo geral, conforme Rougemont<sup>121</sup> é uma história, uma fábula simbólica, simples e tocante, que resume um número infinito de situações mais ou menos análogas e que permite a identificação imediata de determinados tipos de *relações constantes*, salientando-as do intrincado mundo das aparências cotidianas. – ou ainda como o amor cortês, que Rougemont define como sendo *a idealização do amor carnal* e Vich Flores<sup>122</sup> afirma ser este consagrado pela tradição ocidental, como um modelo de comportamento que consiste em uma representação altamente idealizada de dois amantes e do jogo amoroso em que este se vêem inseridos. O amor cortês para Vich Flores, não se define necessariamente pela sublimação elevada do amor, nem muito menos pelo processo de espiritualização que daí poderia surgir, mas sobretudo, porque a amada representa uma espécie de signo incomensurável frente ao desejo do amante.

---

<sup>121</sup> Op. cit. p. 28

<sup>122</sup> Op. cit. El discurso de la calle, p. 130/131

Os trovadores do século XI, segundo Rougemont<sup>123</sup> exaltavam *o amor à margem do casamento*, pois o casamento significa apenas a *união dos corpos*, enquanto que o amor, o *Eros supremo*, é a *projeção da alma para união luminosa, para além do todo amor possível nesta vida*. E que o amor Cortês nasceu contra a anarquia brutal dos costumes feudais, época em que o casamento havia se tornado para os senhores feudais um meio de enriquecimento e anexação de terras oferecidas como dote ou prometidas em herança. Quando o *negócio fracassava, repudiava-se a mulher*. Assim o *amor cortês opõe uma fidelidade independente do casamento legal e se fundamenta exclusivamente no amor*, chegando a ponto de declarar que o amor e o casamento não são compatíveis.

Por amor ou conveniência a fuga/roubo da noiva é aceita e legitimada como casamento nos Ganchos. Para *legitimar um acontecimento é necessário um precedente que o constitua e legitime*, afirma Ariés<sup>124</sup> e que determinados acontecimentos eram assim retirados do anonimato e legitimados por um conjunto de pessoas cujo reconhecimento era indispensável para fazer com que algo durasse. Este reconhecimento impedia que o acontecimento passasse ou mudasse, pois o fixava para sempre. A partir do momento que atingisse este estado, o acontecimento não podia mais ser abolido, estava condenado a durar, pois deixa de ser privado e secreto e passa a ser de domínio público. A indissolubilidade do vínculo conjugal está diretamente ligada

---

<sup>123</sup> Op. cit. ROUGEMONT. p.103/48.

<sup>124</sup> ARIÉS, Philippe, op. cit., p. 159. .“*O privado é um lugar fechado, retirado do mundo exterior, mas reconhecido e localizado, acessível sob certas condições. O secreto é escondido como se não existisse, exceto para os poucos iniciados e, é protegido pelo silêncio.* p. 159.

a este conhecimento público e ao respeito geral que uma sociedade consuetudinária tem pela noção do precedente<sup>125</sup>.

Desta forma a comunidade de Ganchos legitima o casamento – fuga -, e as mulheres fugidas são incorporadas ao *status* social de mulheres casadas e assim garantidas dentro desta legitimidade. Dona Rute segue nos contando os detalhes da sua fuga, em anuência com sua irmã dona Marlene, que balança a cabeça concordando com o relato:

*C'a troxinha de ropa pela praia.  
É a gente tinha que fazê a troxinha de ropa.  
Pra jogá pela janela.  
Pra mãe da gente não vê a gente ir, né.  
Porque senão ela não queria, né.  
E eles ficavam esperando na praia  
E a gente ia.. né.  
Eu fui pela praia...foi sim!*

Ao serem convidadas para a fuga, as mulheres precisavam se organizar de forma que os pais/mães não soubessem do planejado. Arrumavam alguns pertences, numa trouxa. Trouxa esta que aparece com freqüência nos relatos de fugas, simbolizando o ícone de segurança e apego ao ambiente da casa paterna/materna, já que estas mulheres não levavam nada mais para o casamento, além de seus corpos e sonhos e a trouxa parece ser a reapresentação simbólica das reminiscências da infância e juventude na casa dos pais.

As fugas ocorriam normalmente durante a noite, pela praia, por ser este um espaço de uso comum e viável, pois dava acesso aos demais locais da comunidade. Entende-se um espaço democrático, por ser a praia lugar de todos, não sendo limitada a apenas este ou aquele sujeito, e nesta época (por

---

<sup>125</sup> Op.cit. ARIÉS. p. 160.

volta dos anos de 1940) era o ambiente social para diversas atividades, tais como: a lavagem e limpeza dos utensílios domésticos, limpeza e escala do peixe, coleta de derivados marinhos, como mariscos, mexilhões, etc. além de ser depositário do lixo produzido por esta população. Esta relação com a praia fazia com que as mulheres se sentissem mais seguras durante a fuga, pelo reconhecimento do ambiente, já que compartilhavam este local durante o dia e, portanto, conheciam-no muito bem.

Conforme o relato de dona Marlene, 67 anos, o seu casamento teve algumas características diferentes. Embora tenha fugido também, havia anuência de sua mãe (madrasta), como se evidencia ao relatar a promessa de casamento do futuro marido – *Minha sogra vou levá ela assim mesmo... e lá em Santos a gente se casa.*

Quando conheceu seu Orpiano, este não era solteiro. Havia enviuvado recentemente, o que, segundo seu depoimento, fez com que tivessem que fugir, pois ele era pescador não dispunha de muito tempo na terra, para que pudessem resolver as questões legais do atestado de óbito da falecida esposa, bem como os trâmites do casamento. Estes procedimentos levariam mais tempo do que sua folga possibilitaria.

Um outro espaço que aparece com muita regularidade nas entrevistas é o cafezal. O cafezal é território polivalente, onde homens, mulheres e crianças participam dos trabalhos além de o utilizarem como local para satisfação de necessidades fisiológicas<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> Dona Rute fala sobre a utilização do cafezal: *Ah! Debaxo da cafizero era... Era tudo, a gente fazia tudo...* Refere-se ao fato de utilizarem-no como banheiro.

É bom lembrar que naquela época os problemas de saneamento básico eram praticamente inexistentes e que a população se utilizava da praia e do cafezal para satisfazerem suas necessidades fisiológicas, não sendo, portanto, algo tão estranho, se analisarmos apenas pelas condições da época, quando a população não dispunha de água encanada, esgoto nem mesmo orientação para estas questões de higiene e saúde<sup>127</sup>. Na atualidade, algo já mudou, pois as casas da comunidade têm banheiros, água tratada e boa parte destas estão conectadas a rede de esgoto, além de outras comodidades, pertinentes ao chamado progresso.

Quanto as rupturas discursivas de ordem sintática no relato, estas correspondem às dificuldades burocráticas que não se enquadravam no universo do pescador, pois estes dispunham de pouco tempo na terra para formalizar os ritos do casamento, como já mencionamos. A questão do tempo em relação às fugas passa a ser uma determinante. O que nos resta saber é se esta determinante contribuía para efetivação da fuga, pressionando estas mulheres a ponto de elas não racionalizarem o ato em si? Este “deixar-se levar” como quem é dirigida, encaminhada, não teria conotação com uma fuga à racionalidade? Elas se sentem pressionadas pelo trabalho dos homens e a falta de tempo? Há aí um jogo explícito em que ele limita o tempo e ela a sua maneira determina a emergência para que ocorra o enlace matrimonial? Ao que parece há estas variantes, pois durante as entrevistas pude constatar

---

<sup>127</sup> Com relação a saúde, Dona Marlene e Dona Rute nos contam que em sua época de criança, a incidência de piolhos era freqüente. Em uma ocasião a madrasta cortou-lhes os cabelos, devido à infestação destes parasitas. Dona Rute: *Piolho, piolho... O piolho tava comendo a gente, todinha. Era demais! A mãe cortou o meu cabelo, todinho, cortou tudo! Pra poder...* Dona Marlene: *Naquele tempo era piolho, era sarna, que falava, né. A gente pegava tudo!*

alguns destes fatores que influem na decisão da fuga, sendo um dos mais presentes o pouco tempo do pescador na terra, que “aumenta” o interesse da mulher em concordar que o casamento se realize, mesmo que apressadamente. *Aí a gente caso!*

Quando dona Marlene diz: “*Aí a gente casô*”. Ela está se referindo a fuga, que na concepção das mulheres de Ganchos é a forma de enlace que tem o mesmo sentido de casamento oficial nessas comunidades<sup>128</sup>

Ao analisarmos o depoimento de Dona Maria José, filha de dona Rute, observamos que, apesar de ser de uma geração mais recente (tinha 19 anos em 1980), também ela fugiu. Esclarece que não se arrepende, pois é um costume, e que não “casar de noiva”, com um vestido ou uma festa de casamento não é o que vai fazer da união conjugal, uma parceria feliz. *Eu no meu caso fugí, e quando feiz seis meis casei no civil. E na igreja casei quando foi para batizá meus filhos. Daí que casei na igreja...* O casamento oficial no civil e no religioso só acontece depois de algum tempo, para o registro dos filhos ou por necessidade de cumprirem os ritos religiosos, no caso o batismo. Dona Maria José complementa:

*Nem tudo acontece como a gente qué... Junta aqui e depois com a família a coisa muda. É diferente. Mas eu me casei e fugi assim na época e não casei de noiva porque meus pais eram pobres e não podiam fazer um casamento na época. E não tinha só eu, tinha mas eu e a minha irmã. São quatro irmãs e três irmãos. O único irmão que casô de noivo, na lei, direito, é o pior que vive. É o pior, até hoje, a família sofre só por causa dele. E nós que*

---

<sup>128</sup> Valho-me da discussão de Sônia Maluf referente à comunidade da Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Ver MALUF, Sônia W. *Encontros Noturnos*. Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos. 1993. p. 25.

*nunca fomos casados na igreja, certinho, assim como na época a lei pede, tudo direitinho, a gente é feliz, deu tudo certo. Não é um vestido, não é um véu ou uma grinalda, não é uma igreja cheia de convidado que fez a felicidade da gente.*

Sonia Maluf<sup>129</sup> diz que esta situação também se evidencia na Lagoa da Conceição, pois nesta localidade a formalização da união do novo casal, principalmente no religioso, ocorre após o nascimento do primeiro filho, como a única forma de garantir o batismo na igreja.

No que tange à busca pela parceira ou pelo parceiro ideal para a constituição da nova família, quero analisar o procedimento utilizado para a conquista, a exemplo de Dona Dirce, que evidencia sua beleza ante o olhar interesseiro de seu futuro marido. Subjetivamente utiliza a sedução não explicitada para atrair o parceiro, fazendo-o pensar ser o dominador da conquista. *Eu era novinha... Ele dava em cima de mim direto, porque eu era bem galega... aí ele começo a baxá em mim, porque ele andava sempre com meu irmão...*

Quando ela diz “*ele dava em cima de mim direto... / ...começo a baxá em mim*”, se apropria e reforça a metáfora da persuasão da conquista, da imposição do macho sobre a fêmea na hegemonia masculina do acasalamento e contempla o que Pierre Bourdieu<sup>130</sup> afirma ao dizer que “*assim, o olhar não é apenas um simples poder universal e abstrato de objetivação, como supõe Sartre; é um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do grau em que os esquemas de*

<sup>129</sup> MALUF, Sônia W. op. cit. p. 25

<sup>130</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria H. Küuner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p.81.

*percepção e de apreciação postos em ação são conhecidos e reconhecidos por aquele a quem se aplicam”.*

Desta forma dona Dirce, que embora se diga submissa à vontade do marido, exerce seu poder de sedução, na troca do capital simbólico<sup>131</sup> e que, neste caso, se consolida com o casamento, pois segundo o autor, é na relação de parentesco e no casamento que as mulheres passam a ser objetos de troca definidos a partir de interesses masculinos, reproduzindo o capital simbólico dos homens.

Entendemos que há uma apropriação do capital simbólico por parte do feminino também, que exerce sua força de sedução, submetendo o poder masculino à submissão, tornando o homem refém da força sensual das mulheres. Demonstrando assim, não serem estas apenas, e, tão somente objetos de troca, pois a mulher exerce seu poder mesmo que subjetivamente.

Vanessa é moradora de Canto dos Ganchos, tem 24 anos de idade e é solteira, e nos confidencia que *Pros padrões daqui eu já tô velha. Não casei... as pessoas falam, mas eu não me importo. Eu trabalho.*

Ela afirma que pelos padrões da comunidade, já está muito velha para permanecer solteira. Porém sua justificativa é que trabalha, estuda e não pretende fugir, como fizeram ou ainda fazem a maioria de suas amigas e conhecidas, pois acredita no casamento formal, com tempo para o namoro, vestido de noiva e festa.

E diz que realmente as amigas optam por fugir para não ficarem solteiras, *Mas eu já penso diferente: ela casa quando o rapaz convida, e ela*

---

<sup>131</sup> Op. cit., BOURDIEU. p. 56.

*acaba casando pra não ficar solteira, mas reconhece que há outras prerrogativas para justificar a fuga, como o fato de as mulheres terem ... vergonha, por não ter condições de casar de noiva.*

Na atualidade, ainda as questões econômicas são, sem dúvida, uma das prerrogativas que levam os jovens a optarem pela fuga, ao invés do casamento formal. Vanessa entende que casar no religioso e no civil tem uma validade diferenciada, e Dona Maria José nos explica que as mulheres que se unem á pescadores, o fazem através da fuga, enquanto que as mulheres que casam com homens de outras profissões/comunidades, realizam o casamento de “noiva”. Diz que incentiva seu filho, que é policial militar a fazer casamento de noivo, ou seja, casar no religioso e civil:

*Uma casô com pescadô, as outras com um rapaz que mora lá no Biguaçu que hoje ele é contador e a outra com um cara com estudô também.*

*As outras aqui a maioria com pescadô...*

*Dessas que casaram com pescadô teve algumas que casaram na igreja, mas a maioria fugia, né.*

*Porque na profissão deles eles estavam lá no mar.*

*Então eles tinham assim que casá porque quando chegavam eles queriam ter a vida deles junto com a mulher, né.*

*Queriam tê a esposa, né.*

*Então eles não tinham tempo para essas frescuras do casamento todas, né... Depois sim.*

*Tem a igreja, a festa o casamento, agrada um não agrada outro.*

*Mas por exemplo meu filho já comprô apartamento.*

*Está tudo certinho então dá para fazê um casamento.*

*Mas ele fala:*

*– Eu não sei se vô casá com ela mesmo, né, é diferente.*

*Eu chamo a atenção.*

*Na hora que eu falo de casá, ele diz:*

*– Ah não mãe!*

*A moça ainda fala pra mim:*

*– Só na hora que comprá tudo, que tê tudo, só depois.*

*As veiz eu falo:*

*– Cása de uma veiz, já tá na hora.*

Percebemos que as uniões de Ganchos são duradouras, e que os casamentos mais antigos não diferem dos casamentos apontados em outras regiões do país.<sup>132</sup>

Áries<sup>133</sup> afirma que pouco importa a origem e a natureza do vínculo, o que conta é a sua duração. *No limite, e sem que se antecipe, nem se diga, um verdadeiro casamento – pouco diferente de uma união livre que resiste – não é criado por um ato no cartório ou na igreja, nem por opção previa, frágil, e sim pelo fato de sua duração.* O verdadeiro casamento é uma união que dura, com uma duração viva e fecunda, que desafia a morte. Vingança subterrânea do dinamismo da continuidade em uma civilização que privilegia o instante e a ruptura.

Nos relatos dos entrevistados, percebe-se esta permanência da união até a morte de um dos cônjuges. Isso se explicita nos relatos de dona Marlene (viúva), Dona Rute (viúva), seu Janguinha (viúvo) e Dona Dirce e seu Ivaldo casados a cinqüenta e três anos.

### 3.1.1 *Magina! Deus me livre se bejasse.*

Flandrin<sup>134</sup> (1986, p.148) afirma que realmente no se refere à questão do namoro e casamento, a sociedade antiga diferia da nossa, pois o casamento não consagrava um relacionamento amoroso, mas um negócio de família. *Um*

---

<sup>132</sup> Ver tabela 1.4 – casamentos /IBGE em anexo

<sup>133</sup> Op. cit. p. 162.

<sup>134</sup> Op. cit. FLANDRIN. p.148.

*contrato que dois indivíduos haviam concluído, não para seu prazer, mas a conselho de suas respectivas famílias e para o bem delas.*

Em Ganchos também se evidencia a preocupação das famílias com os agregados (genro/nora), que irão compor o novo vínculo, não de forma que isso pareça um negócio como na sociedade antiga, mas há evidência de que os pais torcem por um “bom partido”, pois... *até se casavam sem se amar... A família fazia o casamento, porque era interesse daquela família. Também se aquela família não tinha antepassados meios ruim...* nos comenta dona Maria José:

A antiga sociedade entendia o casamento como um negócio, um contrato firmado para preservar os interesses econômicos entre as famílias, não levando em consideração os prazeres ou fatores da ordem dos sentimentos, como já mencionamos anteriormente. Dona Maria José esclarece que também havia em Ganchos a preferência pelo casamento com interesse pois, *A família fazia o casamento, porque era interesse daquela família. Hoje já mudô muito, mais eu me lembro quando eu era mas nova, as famílias miravam muito pela parte financeira de uma e da outra*, reforçando desta forma a idéia de casamento como contrato.

No entanto Lasch<sup>135</sup> afirma que a interpretação dominante da *história da família na Europa e na América é de que a vida dinástica do casamento – segundo a qual o amor romântico e o casamento eram considerados incompatíveis – foi substituída, por volta do século XIX, pela glorificação da escolha do companheiro e pelo ideal do “amor romântico”*. O autor sustenta

---

<sup>135</sup> LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana*. Amor, casamento e feminismo. (org) Elisabeth Lasch-Quinn. Trad. Heloisa Martins Costas. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras, 1999. p. 27 a 107.

ainda que o século XX desenvolveu uma *repulsa ao amor romântico*, uma recusa de que o amor apaixonado e o casamento podem coexistir, sendo substituídos, então pelo culto da vida doméstica, que representou, para as mulheres, a perda do poder em seus relacionamentos. A partir daí muitas mulheres passaram a acalentar o culto à vida doméstica como uma afirmação da própria autoridade, quando na verdade passaram a ser dominadas ao invés de independentes.

Esta perda da autonomia e independência se manifesta nos relacionamentos pois as entrevistadas mais velhas dizem que o namoro era algo bem difícil, pois havia um controle muito grande dos pais, neste caso específico, mais das mães, pois os pais ausentes do lar, devido à pesca, encarregavam as mães de cuidarem da filhas. Estas não permitiam que as filhas ficassem sozinhas com os namorados ou que se distanciassem da casa materna acompanhadas dos namorados. Dona Maria José conta como era o namoro de “antigamente” e compara com os dias atuais.

*Ah, o namoro era assim: os pais eram pescadores, e antes de sair, já de manhã a gente namorava.*

*Não era como hoje que sai para longe com os namorados.*

*A gente namorava perto de casa, ia num barzinho lá, mas tinha horário para voltá cedo, né.*

*Que era o horário que a mãe dava para vim em casa, para a filha tá em casa, né.*

*Hoje, namoram, logo em seguida já tão em casa.*

*Já dormem, né, não querem nem fugir.*

*Aí namoram quatro ou cinco anos.*

*Daí se resolvem casá, se dé tudo certo casam e se não dé já falam que não deu, não casam.*

*Naquele tempo, não.*

*Naquela época casavam e seguravam, né.*

*Porque tinham maridos bom, mas tinham também aqueles que não valiam nada, e as mulheres seguravam.*

*Como a mãe de meu esposo, tinha o pai que bebia.*

*Era um pescador, trabalhador, mas era uma pessoa difícil.  
 Ela passô muito trabalho, mas ela criô oito filhos deles.  
 E os filhos deles todos bom com esposas.  
 Desse casamento dois ou três estão casados na igreja.  
 Qué dize fugidos, hoje em dia falam ajuntados, cada um fala de seu jeito, né...  
 É o ficá, hoje, juntá, ficá, namoram, dormem juntos, né.  
 Se dé casam, se não dé...  
 Naquele tempo...  
 Tinha que ficá, tinha que ficá, levô tinha que ficá.  
 Se passou uma noite com aquele moço, saiu , tinha que ficá.  
 Já era casamento, senão voltava para a casa dos pais, mas era muito sacrificada naquela época...  
 Ficava mal falada, né.  
 Os pais não aceitavam.  
 Então é isso aí, hoje não, hoje pode namorá quatro cinco anos, pode dormí, dormí, hoje não tem problema.  
 É tudo normal.*

Quando estes namoravam dentro de casa, havia sempre a presença de um familiar, vigiando o namoro, e que na opinião das mulheres em questão, era um transtorno, como nos conta Dona Marlene: *Eu ficava até meia noite. Meia noite até uma hora, na sala c'a luz acesa. Aquela lamparina, nem era luz, lamparina, em cima da mesa. E a mãe na cozinha c'a Nininha espiando. Nada, não podia fazê nada. E dona Dirce complementa... Nem a mão não podia dá pra ele. Era... Era bem lascado. Aí... Aqui a gente passeava na praia. Porque antigamente não era calçada a rua, né. Aí era bem longe um do outro... conversando, né.*

Segundo alguns relatos, não havia tempo para namoros. A partir do momento em que os jovens se sentiam atraídos um pelo outro, e havendo ambiente propício para a fuga, o faziam.

Diferentemente de outras entrevistadas, dona Maria José diz que *a gente conversava, na amizade as veiz, entre amigos, até descobrir quem gostava quem não gostava*, portanto teve oportunidade de descobrir e optar pela escolha do namorado.

Ao abordarmos as questões relativas a virgindade, partimos do princípio sob a orientação da doutrina cristã, em que as relações amorosas e conjugais passaram por transformações profundas, pois todos os relacionamentos afetivos, amorosos ou sexuais fora do casamento eram considerado pecado contra a carne. Neste contexto o sistema de valores femininos estava pautado na manutenção da virgindade para as moças e da fidelidade para as esposas<sup>136</sup>.

Assim, no contexto de Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora, não poderiam ter outra postura que não fosse a da preservação da virgindade, pois como afirma Flores<sup>137</sup> *“A virgindade, cuja perda podia transformar-se em razão legítima de anulação do casamento, era “o selo de qualidade” que a mulher deveria defender com todas as garras”* e dentro deste entendimento as mulheres dos Ganchos mantinham este postura, se não por vontade própria, por imposição da família e/ou sociedade local, como padrão de comportamento.

Conforme as entrevistadas, era importante manter a virgindade até que ocorresse o evento da fuga, (lua de mel, no conceito moderno), para que a

---

<sup>136</sup> FLANDRIN, Jean-Louis. *A vida sexual dos casados na sociedade antiga: Da doutrina da Igreja à realidade dos comportamentos*. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

<sup>137</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A medicalização do sexo ou o amor perfeito* In: Falas de Gênero. SILVA, Alcione Leite da.; LAGO, Mara C. de Souza.; RAMOS, Tânia Regina Oliveira, .(orgs). Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 1999. p. 212.

mulher fosse “desvirginada” pelo marido. Neste momento se evidenciava o *ponto vulnerável* do casamento, pois caso o marido comprovasse que a mulher não era mais virgem, e este se sentisse enganado poderia haver a devolução da noiva à família desta.

Quando questiono a dona Marlene e Dona Rute se os maridos foram os primeiros homens de suas vidas, e se tiveram outros relacionamentos sexuais antes do casamento, elas respondem enfaticamente que não se cogitava a possibilidade de um casamento em que a moça não fosse virgem, pois era uma prerrogativa para que o mesmo perdurasse, caso contrário havia a possibilidade da devolução à família, na noite de núpcias ou logo após. Dona Rute diz “*Já tinha deixado no estado que tava*”, ou seja devolvia a noiva, como já dissemos. Relataram extra-oficialmente que não lembram de que alguém tenha sido devolvida por este motivo, mas que havia o risco, e que elas casaram-se virgem. Dona Maria José diz:

*Antes a gente namorava, aquele namoro mais sério.  
Mas agora elas ficam, ficam, né.  
Por exemplo eu falava com a minha sobrinha:  
– Você não namora mais aquele fulano lá?  
– Ah não tia, já terminei, agora é outro.  
Então agora a coisa é assim.  
Naquele tempo meu, na minha época, se a gente  
namorava assim ficava mal falada, né...  
[...]  
Era Moça direita e moça errada.  
A direita é aquele que os pais escolhiam, aquela que  
não era namorada para o filho casá, né.  
É isso que eu falo, aquela não porque já namorô um, já  
namorô outro, né..  
[...]  
A virgindade era muito sério.  
Tinha eu se guardá muito.  
Hoje em dia não, hoje uma moça solteira tem filhos, uma  
separada, e eles casam igual né...  
Hoje não tem mais nada.*

*Ah, acontecia, na minha época não, mas na época da mãe mesmo então, tinha que ser virgem senão o cara trazia de volta.*

*Hoje não tem mais isso, graças a Deus!*

*Mudô muito, né...*

*As vezes quando a gente conversa, minhas irmãs falam:*

*– Eu não queria namorá nessa época.*

*– Porque não gostaste da nossa?*

*– É, mas agora é melhor para namorár.*

*– Não fica namorando só um, na nossa época, era diferente, meu pai era bem rígido.*

*Quando ele saía, falava:*

*– Se acontecê alguma coisa, quando chegá, olha cuidado com essa guria aí, se acontecê alguma coisa quando chegá em casa vai a mãe e filha para rua, né.*

*Brincando assim ele falava, né.*

*A gente tinha aquele respeito, aquele medo.*

*O tema da virgindade era um problema, como dizia a minha avó, sempre tem alguém para corrigí, né...*

*A minha vó que sempre falava: virgindade não é problema, não, sempre tem um de corrigí, né...*

*Deixá um filho a vontade não é fácil, mas uma filha...*

*Agora esses meninos aqui vão estudá em Florianópolis.*

*É... a mãe fica preocupada até voltarem, né.*

*Fazer o quê, né*

*Tem a droga e a violência, né.*

*Até aqui que era tão longe, masé aqui já está difícil, né.*

*Aqui ninguém roubava, mas hoje em dia já tem isso também, não é todo dia, né, mas tem.*

*Com o turismo entra muita gente diferente, né....*

*Acontece isso então....*

Analisamos a fala de dona Maria José pelo viés da metáfora quando diz que *o tema da virgindade tem sempre alguém pra corrigir*, com certeza não está se referindo ao ato médico de recuperação física da moça, mas resignificando, o verbo *corrigir*, para o de arranjar as coisas, pois é recorrente, que sempre aparece alguém: um rapaz disposto a casar-se com a moça não-virgem, ou então a família encontra um meio de fazer o casamento de forma que não ocorra falatório na vizinhança, nos esclarece dona Maria Jose.

Da mesma forma que na atualidade se percebe uma mudança de postura, nos relatos dos mais jovens, em relação à opção fuga/roubo, a mudança de paradigmas no que diz respeito à virgindade também se torna evidente.

Eles(as) já não se preocupam com esta questão, entendendo de outra forma a relação sexualidade *versus* moral. *Hoje em dia não, hoje uma moça solteira tem filhos, uma separada, e eles casam igual né...* reforçando um discurso de transformação da moral local. A preocupação das mulheres jovens dos Ganchos, é não ficarem solteiras, o requisito fundamental na comunidade é que as mulheres casem dentro do prazo previsto, por volta de 20 anos de idade, pois, caso contrário, estariam na “boca do povo. *Não é nem porque perderam a virgindade ou coisa assim. É o medo de ficar solteira, né.* Diz Vanessa.

Este é o argumento que Vanessa utiliza para justificar a necessidade de casamento, evidenciado no comportamento de suas amigas, e que ela diz não estar de acordo, pois afirma que quer se casar quando for oportuno, sem empolgação ou simplesmente para manter as aparências. Prefere escolher com calma, pois entende que o amor é importante na relação para que esta seja duradoura e feliz. Jablonski<sup>138</sup> afirma que *os clichês de arrebatamento circulam no imaginário social e são reforçados nas telenovelas, cujas histórias giram em torno de amores impossíveis, suas dores e na sua importância existencial. O que os jovens aprendem por meio da maciça doutrinação é que*

---

<sup>138</sup> JABONSKI, Bernardo; GORRESE, Gisela. *Da comunicação do afeto ao afeto da comunicação: as cartas de fãs de telenovelas*. Interações. vol. VII, no. 14, jul/dez 2002. [www.samarcos.br/interacoes](http://www.samarcos.br/interacoes). capturado em 11/10/2005.

*um dia encontrarão um príncipe encantado (ou princesa encantada), com todas as qualidades possíveis e imagináveis que lhes trará felicidade impar para o resto de suas vidas. Será?*

Talvez isso valha para as mulheres das décadas passadas como dona Rute, Dona Marlene e dona Dirce, mas para os jovens ainda terá a mesma validade? O amor no casamento é prerrogativa para a felicidade? Na atualidade, as mulheres de Ganchos buscam na fábula do príncipe encantado, o marido ideal?

As diversas áreas do conhecimento, voltados para o estudo da psique humana e dos relacionamentos buscam respostas a estes questionamentos, e muito tem se feito em termos de pesquisas, mas que até o momento não se encontrou nenhuma resposta definitiva, pois o ser humano é complexo e seu comportamento idem. Assim, as respostas se alternam de acordo com o modo de vida e cultura em que estes se encontram inseridos e como não é o objetivo deste trabalho analisar o comportamento humano e, as entrevistas não deram conta de elucidar estas questões, entendemos que seja necessária mais pesquisa focada no tema.

### 3.2 Os homens contam: *Eu robei! Robei não, ela acompanhô comigo.*

Roubar a noiva é a expressão utilizada pelos homens entrevistados, pois para a mulher – a noiva – ela não é roubada, é fugida. A partir deste contexto analiso a participação deste discurso masculino, e que exemplifico na fala de

seu Ivaldo, para quem, roubar a noiva foi um ato de masculinidade e virilidade, quando afirma:

*Eu era o homem mais de sorte aqui do Canto.  
 Juro por essa luz.  
 Eu não gosto de mintí.  
 Mas eu escolhia as mulhé aqui do Canto.  
 Até desse município pra namorá.  
 Vivia doida atrás de mim.  
 No dia que eu fui robá ela. (aponta para a esposa)  
 Não tinha namoro, não tinha nada.  
 Convidô pra fugi – Vamo embora!  
 Tratei c'as duas.  
 A outra era mais velha treis anos.  
 Eu pensei:  
 – Vou robá a mais nova.  
 (risos).  
 O pai dela quis me matá.  
 Aí fui morá aqui memo.  
 Uma casinha de madeira, menó...  
 Agora é que fiz essa maió.  
 Namorava c'uma a treis anos.  
 Aí eu fui robá ela pra trazê pra casa, mais o irmão dela se jogô no mar.  
 Não sabe se achavam vivo ou morto.  
 Isso era um sábado pra domingo.  
 Aí ela falô:  
 – Hoje eu não posso ir contigo, porque meu irmão tá no mar.  
 Aí eu robei ela.  
 O pai dela quis me matá.  
 Eu ia pro Rio.  
 Toda a vida trabalhei no Rio de Janeiro.  
 Trabalhei 20 anos no Rio.  
 Acaba de quinze dias eu quis ir embora pro Rio.  
 Ah minha filha...  
 O velho quis me matá.  
 (risos).  
 O falecido Zica, era um velho que morava lá em cima.  
 Aí ele disse assim:  
 – O cumpade, fica tolo cumpade, ela casô c'um rapaz bem casado. É aqui sua casa de morada, tem de tudo, salvô as alma! (risos)  
 Acabo de três dias mandô um bilhete aqui em casa.  
 Pra mim comparecê lá na casa dele.  
 Lá fui eu morto de medo.  
 O velho era valente pra caramba.*

*Ele não respeitava homi aqui no Canto, degraçado!  
 Éh... meu sogro.  
 Até o apelido dela era cubano.  
 Morava lá na Cuba,  
 Aí eu fui.  
 Meu pai disse assim:  
 – Olhe, se achá ruim contigo, decha ela ai e vaite imbora,  
 tá acabado o assunto.  
 Ela era uma galega.  
 Como que pode uma mulhé dessa tá assim.  
 Era um mulherão.  
 Aí fui!*

O discurso de seu Ivaldo reforça o que Pierre Bourdieu afirma ser a dominação masculina, em que os homens “mandam” e as mulheres se sujeitam a este domínio, e Vich Flores<sup>139</sup> concorda que este discurso está associado a uma enunciação de masculinidade, imbricada por complexos mecanismos de poder e de dominação social e utiliza como exemplo os artistas cômicos das ruas de Lima, objetos de sua pesquisa e diz que “...ao representarem a mulher e se apropriam de sua voz, pois a voz masculina é a única que se ouve nas ruas e que *as reproduções de gênero e de sexualidade se constroem nas praças de Lima a partir de um ato enunciativo que tem plena consciência de que o poder social está associado aos homens e é radicalmente masculino*”. Se analisarmos os homens de Ganchos, aqui representados pela narrativa de seu Ivaldo, – esclareço que seu Ivaldo não é exceção, pois este discurso relativo à superioridade masculina, ouvi em outras ocasiões com outros homens que não quiseram gravar entrevistas –, o discurso destes enunciam a masculinidade, produzindo e reproduzindo o poder social, e se

---

<sup>139</sup> VICH, Victor. *El Discurso de la Calle*. Los cómicos ambulantes y las tensiones de la modernidad en el Perú. Lima: Red para el desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú. 2001. p. 127.

apropriam da figura feminina na construção destas relações da mesma forma que os cômicos de Lima.

Reforçando a análise de Vich Flores, explicitamos o que Pierre Bourdieu<sup>140</sup> comenta a partir da história do homem que foi à fonte e encontrou a mulher apanhando água. Ao empurrá-la para obter o espaço para saciar sua própria sede, esta caiu ao solo. O homem vislumbrou as pernas desta mulher e observou que eram diferentes das suas. A mulher percebendo o interesse masculino convidou-o a se deitar e deu-se o enlace sexual. E o homem passou a segui-la por ela deter um conhecimento diferenciado do dele. Porém o homem, em sua postura de domínio, buscou mostrar a mulher seus encantos e esta aceitou. A partir desta troca de supremacia, o homem chegou à seguinte conclusão: “Na fonte, és tu (quem dominas); na casa, sou eu”.

Seu Ivaldo mantém seu discurso hegemônico da condição masculina, quando afirma que *escolhia as mulhé aqui do Canto. Até desse município pra namorá*. dizendo-se portador de uma poder de sedução capaz de convencer as mulheres a sua volta. Dona Dirce reforça esta postura ao afirmar que o marido era muito “moceiro<sup>141</sup>” e que passou boa parte do casamento envolvido com outras mulheres.

Numa concepção mais ampla, comparamos a postura de seu Ivaldo ao que Mariza B. T. Mendes<sup>142</sup> analisa a partir da obra *Don Juan de Marco* quando o personagem afirma: “*Sou o maior amante do mundo, já amei mais de mil*

---

<sup>140</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p.29.

<sup>141</sup> Moceiro para dona Dirce é o mesmo que namorador.

<sup>142</sup> Mariza B. T. Mendes. A passionalidade do sincretismo no cinema: *Don Juan De Marco*: Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 3.n.1, agosto de 2005. Disponível: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. capturado em 12/10/2005.

*mulheres e nenhuma delas deixou meus braços insatisfeita” – ao se apresentar a uma desconhecida – Sou Don Juan. A moça, encantada e intrigada, acrescenta: “E seduz as mulheres...”.*

A autora complementa com as citações a seguir, o que define como amor donjuanesco: *Nunca me aproveito delas, apenas dou-lhes prazer, se assim o desejam[...] É o maior prazer que jamais experimentaram[...] Toda mulher é um mistério a ser desvendado [...] A cor de sua pele pode nos indicar como proceder[...] Ela deve ser persuadida a se abrir com ardor, como o do sol [...] Embora não haja metáfora que descreva como é amar uma mulher, eu diria que é como tocar um instrumento raro[...].*

Julia Kristeva<sup>143</sup> diz que Don Juan sedutor, celerado, ridículo, irresistível é, sem dúvida, *a figura mais perfeitamente ambígua – mais perfeita – que nos lega a lenda ocidental em matéria de sexualidade masculina.* E afirma que *Dom Juan nada mais é do que um libidinoso febril, pretensioso que abusa da fraqueza das mulheres e do povo.*

Para Rougemont<sup>144</sup> o fascínio que Don Juan exerce sobre o coração das mulheres e sobre o espírito de alguns homens pode ser explicado por sua natureza infinitamente contraditória. Esclarece que Don Juan *é ao mesmo tempo a espécie pura, a espontaneidade do instinto, o espírito puro em sua dança desvairada sobre o mar do possível.* Manifesta a infidelidade perpétua, mas também a procura da mulher única, jamais encontrada. *É a avidez*

---

<sup>143</sup> KRISTEVA, Julia. *Histórias de amor.* Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.225/227.

<sup>144</sup> Op. cit. p. 286.

*insolente de uma juventude renovada em cada encontro e também a fraqueza secreta de quem não pode possuir porque não é bastante para ter.*

As prerrogativas de jovialidade, encanto e sedução de seu Ivaldo, nos fazem pensar que “Don Juans” se manifestam em todos as condições sociais, e que em Ganchos também é possível de se encontrar este tipo de comportamento. Desta forma, seu Ivaldo é o que se poderia chamar de “comportamento donjuanesco”, pois como afirma dona Dirce, ele tinha muitas “amigas”, e complementa: *Eu sofri tanto, tanto... na minha vida, virgem Maria! Porque ele era muito moceiro... Éééera!*

Enquanto ele garante que poderia escolher a mulher que desejasse, pois nenhuma delas resistia aos seus encantos. Tinha a opção de escolher não apenas na comunidade de Ganchos mas no município inteiro e redondezas.

Esta supremacia masculina parece estar relacionada ao que Maria Juracy Tonelli Siqueira<sup>145</sup> afirma quando diz que o discurso masculino sobre a sexualidade é uma forma de como estes são instigados a serem potentes e ativos sexualmente. Estes homens são educados para isso e separam sexo de afeto, além do que se manifestam publicamente de forma favorável ao seu desempenho viril. Frequentemente escondem seus *insucessos*, embora sejam atingidos por eles, uma vez que não correspondem então ao dever-ser.

A dominação masculina não é prática recente, nem tampouco extinta, mas encontramos uma outra forma de ver as mulheres, que talvez seja uma exceção na comunidade de Ganchos, tão dominada pela idéia masculina de

---

<sup>145</sup> SIQUEIRA, Maria Juracy Tonelli. *Novas formas de paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais*. In: Falas de Gênero. SILVA, Alcione Leite da.; LAGO, Mara C. de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira, (orgs). Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 1999. p. 192.

superioridade, exceção esta na fala de Seu Janguinha, 92 anos, morador de Ganchos de Fora, pescador desde os quinze anos de idade. Em sua história de vida nos contou que assumiu a casa materna aos quinze anos, porque o pai ficou enfermo, e ele por ser o filho mais velho, teve que trabalhar na pesca, para sustentar a mãe e os irmãos mais novos, mas o que se salienta em sua narrativa são as declarações de amor à dona Cecília.

Quando lhe perguntei sobre seu casamento, muito emocionado me contou que enviudara recentemente, *coisa de um ano*, mas que não estava suportando a ausência de sua companheira, dona Cecília. *Eu robei! Robei não, ela acompanhô comigo. Nós se dava muito... Era dois corações num corpo só.*

Podemos analisar a história da vida de seu Janguinha em quatro fases distintas, não necessariamente em ordem cronológica. São elas: o encontro, a morte, a vida e a infância.

O encontro – Seu Janguinha me conta a fuga dos dois enamorados, quando então os dois se re-encontram para a vida, para se unirem e fazerem desta união a história de Cecília e Janguinha, permeada de concessões e cumplicidade e afirma: *Nós se dava muito... Até hoje eu gosto muito dela. Sinto muito a morte dela... E senti muito... dez meses, fiquei de cama, depois da morte dela. Não queria vivê mais, não!*

A morte – se manifesta e se expressa na voz de seu Janguinha, que chora a dor da separação e seu corpo enfraquecido pelo sofrimento reflete a tristeza da perda, que como ele diz: *Fiquei de cama, depois da morte dela. Não queria vivê mais, não!* A rejeição à vida com conseqüência da separação física, se manifesta e se interpõe no caminho deste pescador alquebrado pela

amargura. *Mas era uma beleza... Só vendo... Quando eu saía pra fora: quando é que vorta? Quando Deus sobé... Quando Deus quisé.*

A vida – Se resumia no dia a dia dos afazeres domésticos para dona Cecília, do trabalho no mar para seu Janguinha, dos filhos e do ritmo calmo e tranqüilo da pequena comunidade fixada na encosta da enseada de Ganchos, ... *Mas era uma beleza...* porque seu Janguinha tinha o destino certo ao lado de dona Cecília, por mais que ele tivesse que se ausentar para a pesca, *quando saía pra fora...* sabia que voltaria para o aconchego do abraço daquela que era sua companheira para todas as horas. *Nóis se gostava desde o tempo de infância né. Então nos tinha muito medo... e respeito da professora, né. Então nóis fazia bilhetinho, bolinha pequeninha... Jogava um no outro...*

A infância – Marcada pelos momentos de alegria e ingenuidade, características das brincadeiras de criança, quando eles transgrediam as regras, na sala de aula com as bolinhas de papel, jogadas um no outro contendo as mensagens de afeto. Embora o medo da professora fosse uma realidade, *se ela descobre...as bolinhas, então nos tinha muito medo... e respeito da professora, né* mas isso não os impedia de se comunicarem desta forma e assim seu Janguinha e dona Cecília iniciaram o namoro, até consolidarem com a fuga.

Analisando o relato da vida de seu Janguinha, me reporto ao amor de Lívia e Guma<sup>146</sup>. Ele mestre do saveiro *Valente*, pobre não tinha onde cair morto; ela filha de um pequeno comerciante do cais. Conheceram-se e o amor foi inevitável, mas a família de Lívia almejava um casamento, com um bom

---

<sup>146</sup> Personagens do romance *Mar morto*, Ver Jorge Amado, op. cit. (capítulo rapto de Lívia), p. 111-130.

partido, que pudesse mudar o destino dela e da família, e, com certeza Guma não era o marido indicado. Movido pela paixão, Guma aceita o conselho do amigo Rufino:

- *Só vejo um jeito pra coisa...*
- *Qual é?*
- *Você roubar a moça.*
- *Mas...*
- *Não tem nada. Você acerta com ela, pega uma noite, leva no saveiro, veleja pra Cachoeira. Quando voltar tem mesmo é que casar.*

Seu Janguinha me conta que amava dona Cecília e o pai dela não permitia o namoro. Então, um dia antes de viajar para Santos fez a proposta de roubá-la. Roubá-la não, porque ela fez questão de acompanhá-lo. Desde então viveram cinqüenta e oito anos juntos. Ao me contar sua história se emociona e as lágrimas rolam por seu rosto marcado pelo tempo e sofrimento.

A narrativa de seu Janguinha é sem dúvida uma das poucas referências explícitas ao amor observado nos relatos dos entrevistados. A postura dos homens gancheiros é de machismo e que Lasch<sup>147</sup> afirma que Rotundo faz questão de dizer que *a masculinidade é uma construção cultural, como uma categoria mental criada e recriada pelas culturas*, e portanto, os homens não falam de sentimentos já que isso é entendido como sendo do universo feminino.

Ariés<sup>148</sup> diz que *“Um dos melhores exemplos históricos de amor conjugal aconteceu no final do século XVIII, e foi o do duque de Saint-Simon”*. O

<sup>147</sup> Op. cit. p. 157. a autora se refere ao livro *American Manhood: Transformation in Masculinity from the revolution to the Modern Era (1993)* de E. Anthony Rotundo.

<sup>148</sup> ARIÉS, Philippe . *O amor no casamento*. In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 158/159.

memorialista não escondeu haver se casado por conveniência, mas que ao longo desta união passou amar profundamente a companheira, *a ponto de pedir, em seu testamento, que seus dois caixões sejam presos por corrente de ferro, para estarem unidos na morte como seus corpos tinham estado em vida.*”

Tais testemunhos são raros, como afirma o mesmo autor, pois ao que tudo indica os homens não gostavam de falar do sentimento que ligava os esposos, a não ser nos testamentos. Às vezes esse silêncio é rompido, e isso normalmente ocorre às véspera da morte. Seu Janguinha não esconde o amor que sente pela companheira falecida. *Vivemos cinquenta e oito ano. Não é brincadeira. Sem havê uma briga. Brigá? Brigava... mas nossa briga ... já tava um no pescoço do outro, agarrava... bejo e abraço. Minha velha era uma coisa boa, puxa...* Seu Janguinha começa a chorar e entre lágrimas complementa: *E eu também gostava muito dela, Virge Maria!*

É possível que seu Janguinha seja a exceção, pois além de falar sobre seus sentimentos amorosos durante a juventude, também os explicita na fase da velhice e assume a maturidade da companheira, quando diz; *Minha velha era uma coisa boa, puxa...* transparecendo, apesar da idade avançada, o desejo sexual pela companheira.

O estudo multidisciplinar da sexualidade humana, entre tantas questões, tem buscado responder como se dá a sua manifestação e que relações guarda com a vida pessoa dos indivíduos. Arlete Salimene<sup>149</sup> diz que a temática está em *avaliar a sexualidade que busca o prazer em suas variadas formas de manifestação*, que se apresenta inclusive, – e não poderia deixar de ser –, na

---

<sup>149</sup> SALIMENE, Arlete Camargo de Melo. *Sexualidade no envelhecimento com dependência*. Revista Quadrimestral de Serviço Social. São Paulo: Cortez. Ano XXIV, no. 75, set. 2003. p. 167.

velhice, como demonstra seu Janguinha ... *já tava um no pescoço do outro, agarrava... beijo e abraço*. A autora afirma que *a qualidade de vida das pessoas idosas implica, também, a consideração sobre sua vida sexual, pois devido a mitos e preconceitos sociais, a sexualidade é “abolida” da vida das pessoas mais velhas*. No entanto seu Janguinha depõe a favor da sexualidade na velhice, pois idoso não tem que necessariamente ser desprovido de desejos sexuais apenas por que tem o corpo envelhecido.

A narrativa de amor e fidelidade de seu Janguinha parece ser a exceção, como já dissemos, pois ao que tudo indica, os homens de Ganchos gostam de contar suas bravatas e performances sexuais ao invés de falarem de seus reais sentimentos. Acostumados a uma educação, onde a força física supera outras qualidades, pois o mar assim o exige, estes homens não se permitem falar de sensibilidade emocional, de amor nem tampouco de suas emoções mais profundas. Por certo não é o objetivo deste trabalho desvendar os intrincados mistérios da alma masculina, nem descobrir os sentimentos adormecidos dos pescadores de Ganchos. Apenas observamos que num ambiente dominado pelo “conceito de masculino como gênero em evidência” é difícil fazer estes homens relatarem suas emoções, e assim o trabalho fica devendo estas narrativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer algumas considerações, que não ousou pensar que sejam finais, a respeito do trabalho realizado, não posso deixar de mencionar os primeiros contatos com o público pesquisado. No início foi difícil adentrar a comunidade de Ganchos, pois há restrições bastante rígidas com relação a estranhos. Já conhecia algumas pessoas e a história do roubo da noiva, então tinha como acessar a comunidade através de dona Marlene e Dona Rute, minhas principais relatoras deste tema.

Porém, quando vamos a campo buscar uma narrativa, e esta é permeada por histórias de vida, por imaginário e memória que nem sempre estamos aptos a analisar, ficamos à mercê do inusitado, da surpresa que por sorte, neste caso foram de vital importância para a realização do trabalho. As narrativas se entrecortavam com outras histórias e que durante uma ou outra entrevista deixei acontecer. Não optei por interromper aos entrevistados, apenas aproveitei o momento para desta forma também me inteirar mais da vida e dos fatos desta comunidade. Entendi e aprendi com esta gente acolhedora, que fazer pesquisa de campo, antes de tudo é vivenciar episódios e acontecimentos que nem sempre fazem parte da nossa realidade de pesquisador(a), sendo necessário nos despirmos de conceitos pré-estabelecidos, para entender e aceitar a realidade do outro. Além do que

muitas são às vezes que procuramos por algo que imaginamos existir, mas a realidade nos mostra que o caminho é outro.

Caminho este que a comunidade de Ganchos me mostrou através de sua concepção sobre o conceito de noiva/noivo. Estamos falando dos noivos convencionais, aqueles que vestidos a caráter que se perfilam diante do altar, em uma igreja, para realizarem o ritual do casamento, ou então ao noivado, período referente ao namoro que identifica um pré-compromisso de casamento. As entrevistadas relatavam que fugiram, enquanto os homens que roubaram a moça, mas em nenhum momento se auto-identificaram como sendo noivos(as). Observei que sempre diziam haver casado, fugido. Durante o namoro, se denominavam namorados, porém não noivos(as).

Quando se referem ao noivo(a), estão falando do casamento na igreja, com diz dona Rute: *Foi um casamento na igreja mesmo, **de noivos**<sup>150</sup>, muito lindo* ou no civil, como diz dona Maria José: *O único irmão que **casô de noivo, na lei, direito...** não ao roubo/fuga dos jovens nubentes.*

Rougemont<sup>151</sup> diz que a *busca da noiva distante, está ligada à cerimônia do rapto nupcial nas tribos exogâmicas. A moral da proeza é uma sublimação indisfarçável de costumes bem mais antigos que traduziam a necessidade de uma seleção biológica.*

Contrariando a citação de Rougemont, Vanessa não se sente atraída pela forma de casamento dos mais antigos, talvez por ser uma mulher mais jovem, da nova geração (tem na atualidade 24 anos). Diz que prefere “*casar de noiva*”, pois acredita no casamento por amor e para isso demanda tempo e

---

<sup>150</sup> Grifo meu.

<sup>151</sup> Op. cit. p. 79

conhecimento do parceiro. Quer ter a opção de escolher com calma, não vai seguir o costume para simplesmente atender a uma imposição social da comunidade que discrimina as mulheres que ficam solteiras. Segundo a própria Vanessa e outras que não quiseram gravar entrevista, permanecer solteira em Ganchos é, no mínimo, uma contravenção das normas sociais locais.

Quanto ao imaginário popular, as histórias de seu Janguinha vieram contribuir sobremaneira para a realização deste trabalho. As narrativas de bruxas e lobisomens que permeiam o cotidiano desta gente, são intensas em detalhes e seu Janguinha nos brindou, com seu jeito simples e afável de contar as histórias e os costumes de Ganchos, como por exemplo as rezas e as benzeduras, que ele diz: *Benzo.., benzo. Ai eu baxo de benzê todos.. todos...*

Entendi que foi uma rara oportunidade, conhecer este pescador, endurecido pelo trabalho árduo no mar, mas que encontrou inspiração na terra, no amor à dona Cecília, sua esposa. O amor de seu Janguinha é um discurso cotidiano sensível, intitulado “Cecília” que ele recita... *Nóis se dava muito... era dois corações num corpo só...* poema que não ousou escrever. Somente quem têm dois corações num único corpo será capaz de entender o que seu Janguinha diz ou talvez seja necessário ver sua emoção, na voz embargada pela saudade, na lágrima que teima em rolar pela face cansada, para então entender e saber o que isto significa.

Confesso que diante da gama de informações que se apresentou desde o início da pesquisa de campo até a conclusão do relatório, algumas foram às vezes em que senti a limitação imposta ao meu trabalho. Por se tratar de uma pesquisa de campo embasada na oralidade, memória e imaginário, com relatos

de histórias de vida, penso que talvez fosse prudente direcioná-la pelo viés da Antropologia, pois acredito que esta área do conhecimento proporcione outros subsídios para o tema em questão. No entanto optei (juntamente com minha orientadora) por abraçar o desafio de transformar as narrativas orais em texto escrito e foi sem dúvida uma árdua batalha travada no limiar das letras que tentam imitar a sonoridade da fala. Muito modestamente penso ter atingido este objetivo, mas de qualquer prefiro deixar a critério do leitor fazer esta avaliação.

## REFERÊNCIAS

## Livros:

AMADO, Jorge. *Mar Morto*. São Paulo: Record, 1983.

AYALA, Maria Ignez Novais. *No Arranco do Grito: Aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.

AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular: Diferentes meios para representação da oralidade e do contexto cultural*. Cuiabá: Palestra apresentada a ANPOLL GT Literatura oral e popular. 2001.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura Popular no Brasil: Perspectiva de análise*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André. (orgs) *Sexualidades Ocidentais*. Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe, Thereza Christina Ferreira Stummer. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: Novela sociolinguística*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BANDEIRA, Manuel. *Noções de História das Literaturas*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1954.

BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J. et all. *Análise estrutural da Narrativa*. Pesquisas semiológicas. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERG, W. B. y SCHÄFFAUER, M. K. *Discursos de oralidad en la literatura Rioplatense del siglo XIX al XX*. Tübingen: Narr. 1999.

BERG, W. B. y SCHÄFFAUER, M. K. *Oralidad y Argetinidade: Estudios sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina*. Tübingen: Narr. 1997.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 11. ed. MEC. 2001.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CALDIN, Clarice Fortklamp. *A Oralidade e a escritura a literatura infantil: Referencial teórico para a hora do conto*. Artigo eletrônico. UFSC, 2001.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. 2. ed., Bs. As. Editorial Sudamericana, 1995.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORNEJO POLAR, Antonio. *El condor voa*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

DINIZ, Alai Garcia. *Triscando o Trilce*. Artigo apresentado ao curso sobre Vanguarda Latino-americana. USP, 1992.

DINIZ, Alai Garcia. *(I)ma(R)gens em torno de capricho e vergonha*. In: MORAES Rial, C. S.; FILGUERAS, Toneli. *Genealogia do silêncio: Feminino e Gênero*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

DURAN, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. (org.) *Povoadores da Fronteira: Os casais açorianos rumo ao sul do Brasil*. Florianópolis: EDIUFSC, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. Trad. Laura F. de Almeida Sampaio. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

FOUCAULT, Michel. *La Hermenêutica del Sujeto: Curso en el Collège de France (1981-1982)*. Traducción de Horacio Pons. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económico. 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3. O cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1985.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7.ed. São Paulo: Ática, série Princípios. 1999.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991

GUATARRI, Félix. ROLNIK, Sueli. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986

GUMBRECH, Hans Ulrich. *O Campo não-hermenêutico ou a moralidade da comunicação in Modernização dos Sentidos*. Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Editora 34, 1999.

GRAMSCI, Antonio. *Observações sobre o folclore*. In: Literatura e vida nacional. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1968. p.183-190.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia*. Guia prático da linguagem sociológica. Trad. Ruy Jungamnn. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KRISTEVA, Julia. *Histórias de amor*. Trad. Leda Tenório da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LASCH, Christopher. *A mulher e a via cotidiana*. Amor, casamento e feminismo. Trad. Heloisa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1999.

LEITE, Ilka Boaventura. (orgs.) *Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Trad. Mariano Ferreira. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Os melhores ensaios. Chapecó: Argos. 2002.

LISBOA, Maria Regina Azevedo; MALUF, Sônia Weidner. *Gênero, cultura e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MACHADO, Roberto. *Introdução: por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992. p. vii-xxiii

MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: Bruxas e Bruxarias da Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MARCONDES, Danilo. *Filosofia, Linguagem e Comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual da História Oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

MERCÊS DA SILVA, Antonieta. *Quando despenca o pampeiro*. Joinville: Letradágua, 2004.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Nos rastros de Foucault: Ética e subjetivação*. UnB, Brasília. 2005.

RICHARD, Nelly. *Resíduos y Metáforas*. (Ensayos de crítica cultural sobre el Chile de la transición). Santiago: Cuarto propio. [s.d].

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. A tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

OLSEN, David R.; TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. Trad. Valter Lellis Siqueira. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.

PROST, Antoine.; VINCENT, Gérard. (Orgs). *História da vida privada*. Da primeira Guerra aos nossos dias. Trad. Denise Bottmann. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1992. Coleção organizada por Phillippe Ariés e Georges Duby.

ROUGEMONT, Denis de. *História do amor no ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. São Paulo: Ediouro, 2003.

SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michele. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Paulo: Rima, 2003.

SALIMENE, Arlete Camargo de Melo. *Sexualidade no envelhecimento com dependência*. Revista Quadrimestral de Serviço Social. São Paulo: Cortez. Ano XXIV, no. 75, set. 2003.

SELDEN, Raman. *La Teoria Literária Contemporanea*. Barcelona, Editorial Ariel, 1998.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica*. Durkheim, Weber e Marx. Itajaí: Edifurb/Editora Univali, 2001.

SIMÃO, Miguel João. *“Ganchos” Um pedacinho de Portugal no Brasil*. Governador Celso Ramos: S.E., 1997.

SILVA, Alcione Leite da.; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira.(orgs.) *Falas de Gênero*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1997.

STRENG, Monseñor. *Amor y vida conyugal*. Instrucción para novios y casados. Madrid: Ediciones Daimon, 1958.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TORRES NEGRO, Antonio. *História Oral e Memória: A cultural popular revistada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p.154.

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e Escrita em Platão*. Trad. Fernando Eduardo de Barros Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial/Editora UESC, 2003.

TRAJANO FILHO, Wilson. *Escrita e Oralidade: Uma tensão na hegemonia colonial*. Brasília: Série Antropologia. Depto de Antropologia. UNB. 1993.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VALLA, Victor Vincent (org). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VICH FLORES, Victor. *El discurso de la calle*. Los cómicos ambulantes y las tensiones de la modernidad en el Perú. Lima: Red para el Desarrollo da las Ciencias Sociales en el Perú, 2001

VICH FLORES, Víctor.; ZAVALA, Virginia. *Oralidad y Poder: Herramientas metodológicas*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: A "Literatura" medieval*. Trad. Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

#### Dissertações e teses:

BARROS, M. Lindamir de Aguiar. *As artimanhas da memória na literatura popular de Barra Velha e região*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Teoria Literária. Florianópolis: 2003.

BLICK, Guilherme. *O Imaginário da fronteira – Santo Antonio/San Antonio*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Teoria Literária. Florianópolis: 2004.

HARTMANN, Luciana. *Oralidades, corpos, memórias*: Performances de contadores e contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul. Dissertação: Florianópolis. UFSC, 2000.

HARTMANN, Luciana. *Histórias do tempo delas*: Performances de contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul. In: MORAES REAL, C. S.; FILGUEIRAS, Toneli. *Genealogias do Silêncio: Feminino e gênero*. Florianópolis: Mulheres, 2004.

SILVA, Célia Maria. *Ganchos(SC)*: ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira. Florianópolis: Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Mestrado em Geografia. 1992.

SOUZA, Tânia C. Clemente. *Discursos e Oralidade*: Um estudo em Língua Indígena. Niterói: Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense. Curso de Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação. (MCII), 1999  
Artigos disponíveis na Internet

Disponível em:

CERRI, Carlos R. *Doenças sexualmente transmissíveis*. Divinópolis: [www.dst.com.br/](http://www.dst.com.br/). julho 2005.

GOVERNADOR CELSO RAMOS. [www.Guialitoralsul.com.br/história](http://www.Guialitoralsul.com.br/história). Governador Celso Ramos. História do Município. 2005.

JABONSKI, Bernardo; GORRESE, Gisela. *Da comunicação do afeto ao afeto da comunicação: as cartas de fãs de telenovelas*. Interações. vol. VII, no. 14, jul/dez 2002. [www.samarcos.br/interacoes](http://www.samarcos.br/interacoes). capturado em 11/10/2005.

LINS, Miriam. *A Baleia*. A matança. Primórdios da caça à baleia no Brasil. [www.baleiafranca.org.br](http://www.baleiafranca.org.br), 2004.

Mariza B. T. Mendes. A passionalidade do sincretismo no cinema: *Don Juan De Marco*: Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 3.n.1, agosto de 2005. Disponível: <http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/CASA-home.html>. capturado em 12/10/2005.

OLIVEIRA, Cristiane M. de. *A desconstrução do medo da bruxa na literatura infantil*. Contemporânea. [online]. Disponível na Internet via: [www.graudez.com.br/litin/trabalhos/terror.htm](http://www.graudez.com.br/litin/trabalhos/terror.htm). capturado em 30/09/2005.

TRAGTENBERG, Marcelo Henrique Romano. *Um olhar branco sobre ações afirmativas*. Disponível [on-line] [www.espaçoacademico.com.br](http://www.espaçoacademico.com.br). 2003.

VOGT, Carlos. *Memória e linguagem*. Revista eletrônica de jornalismo científico. Com ciência: no. 69, ago. 2005. SBPC. Disponível: [www.comciencia.br](http://www.comciencia.br). Capturado em 06/10/2005.

#### Outros

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOVERNADOR CELSO RAMOS. Adalto Joceli de Melo. Secretário de Educação. Planta de localização do município para dados de identificação do patrimônio. 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOVERNADOR CELSO RAMOS. Secretário de Turismo e Meio Ambiente. Painéis de divulgação turística. 2005.

# ANEXOS

## LISTA DE ANEXOS

### ANEXO 1 – Etnografia

#### 1.1 Etnografia de Governador Celso Ramos - Ganchos

### ANEXO 2 - Mapas e ilustrações

#### 2.1 Localização

#### 2.2 Planta de localização

#### 2.3 Mapa ilustrativo

### ANEXO 3 – Tabelas

#### 3.1 Ocupações

#### 3.2 Condição familiar e econômica

#### 3.3 População

#### 3.4 Casamentos

#### 3.5 Casamentos por mês e ano

#### 3.6 Domicilio

#### 3.7 Fonte de informações

## ETNOGRAFIA DE GOVERNADOR CELSO RAMOS



O município de Ganchos<sup>152</sup>, hoje Governador Celso Ramos, pertenceu ao município de Biguaçu até o ano de 1914<sup>153</sup>, que após ser desmembrado, passou a ser distrito de Ganchos, e mais tarde, 1968, foi passado à categoria de município com o atual nome de Governador Celso Ramos, em homenagem ao Governador do Estado de Santa Catarina, de igual nome. Esta medida não foi assimilada, nem reconhecida pela maioria de seus habitantes, que ainda

<sup>152</sup> <sup>152</sup> Segundo Roberto Wahrlich. Docente do Curso de Oceanografia – CTTMar, Laboratório de Tecnologia e Extensão Pesqueira da UNIVALI, Ganchos é a denominação popular das formações rochosas dos costões de Governador Celso Ramos. Embora não haja literatura que comprove esta nomenclatura, a cultura popular local entendeu, desde muitos anos atrás, o panorama geográfico como semelhante a um gancho/anzol e parece ser esta a denominação mais próxima da realidade. Os pescadores/moradores dizem que é por causa de uma visita que o capitão Ganchos (o personagem da Fábula), fez ao local. Porém falam isso com uma certa dose de humor, pois também sabem que se trata apenas de uma “história de pescador”.

<sup>153</sup> Pela Lei municipal nº. 98, de 30 de março de 1914, foi criado o Distrito de Ganchos, que passou a município através da Lei nº 929, de 06.11.1963.

aspiram à reversão do acontecimento, ou seja, a permanência do antigo nome: Ganchos<sup>154</sup>.

A região litorânea de Santa Catarina foi explorada a partir do interesse da coroa portuguesa na pesca da baleia, como afirma Célia Maria e Silva<sup>155</sup>:

*“No que concerne à área catarinense de produção baleeira, procuram aqueles capitais, edificar a primeira e mais importante armação do território de Piedade, cuja localização ocorrera num vale entre a Ponta da Mata-Mata e o morro do Tinguá<sup>156</sup>. Instalada num espaço privilegiado, fora a referida armação construída nas proximidades do oceano Atlântico e do canal norte, o último possuidor de grandes profundezas, o que lhe conferia a vantagem de assegurar a passagem de grandes embarcações, desembocando na ilha de Anhatomirim, que passou a figurar como sede portuária fortificada (Santa Cruz).*

Foi então que a partir de 1747, instalaram-se vários povoados ao longo da costa catarinense, formando núcleos a partir da Freguesia de São Miguel da Terra Firme, com destaque para Fazenda da Armação, Costeira da Armação, Palmas, Ganchos, Garoupa, Bombas, Tijuquinhas, ocupava-se assim a costa catarinense com o caráter político-militar aliado ao objetivo socioeconômico da pesca da baleia e da agricultura de subsistência.

A Freguesia de São Miguel da Terra Firme era considerado o ponto central da colônia, ali foram construídas, as senzalas, os armazéns de estocagem, hospital, botica, casa de tanques, capela, casa do capelão, ferraria, casa dos feitores e a casa do administrador.

---

<sup>154</sup> SILVA, Célia Maria e. *Ganchos/SC*. Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira. Florianópolis: UFSC, 1992. p.27.

<sup>155</sup> Op. cit, p.34

<sup>156</sup> Ver ilustração topográfica da região em anexo.

A mão de obra principal nestas armações baleeiras era escrava<sup>157</sup>, como esclarece Célia Maria e Silva<sup>158</sup>:

*Dentro deste contexto é que se pode desenhar a história da ocupação do município de Ganchos. Por um lado. Armação da Piedade evidenciou-se como palco de produção e entreposto comercial, entrelaçada aos capitais comerciais portugueses que se valiam de um modo de produção escravista, cujos trabalhadores eram provenientes do continente africano. Por outro lado, os territórios circunvizinhos – Costeira da Armação, Palmas e Ganchos – revestiam-se de pequenos produtores mercantis, provenientes das ilhas de Açores e Madeira, que se interpenetravam ao processo baleeiro nas épocas de safra...”*

Além dos escravos que habitavam as armações baleeiras, pequenos agricultores também se instalaram nas encostas dos morros e nos declives mais suaves, enquanto que os pescadores, em maior número, instalaram-se a beira-mar. Os agricultores familiares cultivavam o alimento de subsistência como: arroz, milho, feijão, banana, laranja, café e principalmente a mandioca de onde extraíam a farinha, enquanto que os pescadores retiravam do mar o sustento para suas famílias, porém esta comunidade estava direta ou indiretamente ligada às armações baleeiras.

Célia Maria e Silva<sup>159</sup> diz que na atividade pesqueira, ocorria a divisão sexual do trabalho, visto que somente os homens saíam para o mar em busca do peixe, confeccionavam as embarcações e as redes de pesca, enquanto que as mulheres cuidavam dos lares, limpavam, costuravam, fiavam e adornavam as peças de vestuário, colchas, lençóis e toalhas com crivo.

<sup>157</sup> Escravos trazidos da África. Ver SILVA, Célia Maria e. *Ganchos/SC. Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira*. Florianópolis: UFSC, 1992. p.34

<sup>158</sup> Op. cit. p 40

<sup>159</sup> “O Crivo é um tipo de bordado feito ainda hoje pelas mulheres de Ganchos e entorno”. Ver maiores informações em SILVA, Célia Maria e. *Ganchos/SC. Ascensão e decadência da pequena produção mercantil pesqueira*. Florianópolis: UFSC, 1992. p.42/43.

Concomitante às atividades dos pequenos agricultores e pescadores, no território de Piedade, o trabalho escravo era destinado à manufatura dos derivados da baleia. Uma grande ansiedade envolvia a pesca da baleia tanto para os escravos que estavam na baleeira, quanto para os homens brancos, que ocupavam cargos mais importantes na captura, fato descrito por Miriam Linz<sup>160</sup>, ao afirmar que:

*A perseguição às baleias era feita em lanchas (“baleeiras”, cujo formato até hoje é comum aos barcos de pesca artesanal catarinenses) impulsionadas a remo e a vela. Os animais eram arpoados com um arpão rudimentar de ferro batido com farpas e uma haste de madeira, preso à lancha por um cabo. Depois de arpoada, era comum que a baleia arrastasse a lancha por várias horas, antes de exausta, deixar-se aproximar pela embarcação, da qual se desferiam golpes hediondos com uma lança de ferro de uns 2 metros de comprimento, que sangrava mortalmente o animal.*

Na luta pela vida, as baleias não raro provocavam acidentes com as embarcações, assim sendo, não apenas a captura desta ceifava muitas vidas em alto mar com as exaustivas jornadas de trabalho, imposta aos escravos que passavam dias e dias no mar em busca do animal, mas também o trabalho nos engenhos de mandioca, até o nascer do dia.

Ao entrar em decadência a pesca da baleia, Armação da Piedade sofre uma grande evasão de trabalhadores e seus familiares. Esta migração estava destinada aos povoados vizinhos e o local que mais recebeu estes migrantes foi Ganchos, atingindo em 1883, 208 moradores entre brancos e negros.

---

<sup>160</sup> LINS, Miriam. *A Baleia*. A matança. Primórdios da caça à baleia no Brasil. [www.baleiafranca.org.br](http://www.baleiafranca.org.br), 2004.

Com término da pesca da baleia, a base econômica da região passa a ser os engenhos de farinha que abrigavam os escravos provenientes das armações. Nesta modalidade econômica, destacaram-se alguns fazendeiros, tais como: Inácio Vieira da Cunha, que se instalou em Canto dos Ganchos, construindo aí casa grande, senzala e engenho, fazendo pastagens à beira mar para a criação de gado. Em Ganchos foi a vez de Manoel José Sabino, que construiu, além de todos os itens citados acima, paióis para o beneficiamento da mandioca<sup>161</sup>; Em Palmas instalou-se o Cônsul Norte - Americano, Robert Sens Cathcart<sup>162</sup>.

Na atualidade, Governador Celso Ramos ou Ganchos como preferem os gancheiros<sup>163</sup>, vive da pesca industrial, do turismo, do comércio, do artesanato – mais preferencialmente do crivo. Os produtos advindos do mar, tais como camarões, lulas e peixes, são manufaturados nas salgas<sup>164</sup>, que utiliza mão-de-obra local e essencialmente feminina.

Para se chegar a Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Gancho de Fora<sup>165</sup> é preciso circundar os costões da Serra da Armação. A primeira localidade que se avista é Canto dos Ganchos, a seguir Ganchos do Meio, ou simplesmente Ganchos, um pouco mais a frente está Ganchos de Fora, todas localidades pertencentes à Enseada dos Ganchos.

---

<sup>161</sup> Recomenda-se ver FLORES, Maria Bernadete Ramos. (org.) *Povoadores da Fronteira*. Os casais açorianos rumo ao sul do Brasil. Florianópolis: EDIUFSC. 2000.

<sup>162</sup> Disponível em [www.Guialitoralsul.com.br/história](http://www.Guialitoralsul.com.br/história). Governador Celso Ramos. História do Município. 2005.

<sup>163</sup> Os moradores do município de Governador Celso Ramos preferem ser reconhecidos como Gancheiros, ao invés de qualquer outra denominação. Por respeito a vontade da comunidade vou adotar a denominação de Ganchos, na seqüência deste trabalho.

<sup>164</sup> Paióis destinados a limpeza, conservação e armazenamento de produtos derivados da pesca.

<sup>165</sup> O do município de Ganchos (Governador Celso Ramos), é integrante da microrregião de Florianópolis. Esta microrregião está localizada na parte central do litoral catarinense, com uma área de 2.515 km. Ver mapa em anexo.

É sem dúvida, lamentável o teor de poluição das praias do Canto dos Ganchos, Ganchos do Meio e Ganchos de fora. Não há saneamento suficiente e os esgotos são lançados diretamente ao mar, comprometendo a balneabilidade das praias e a qualidade da maricultura<sup>166</sup>. Há ainda o acúmulo de lixo nas encostas, proliferando um sem número de urubus, ratos etc. A natureza foi pródiga com esta região, mas a ocupação humana desde os tempos da colonização não tem dado trégua, transformando a biodiversidade destas localidades e todo o entorno.

Chegar aos Ganchos é bastante fácil, porém adentrar a comunidade, conhecer o cotidiano de seus moradores é um privilégio destinado a poucos. Por diversas vezes durante as entrevistas fui questionada como havia descoberto esta ou aquela história. Como afirma Triviños<sup>167</sup> *“Uma das situações mais difíceis que se apresenta ao pesquisador que quer estudar a realidade social é definir com clareza a sua função. Trata-se de uma pessoa (pesquisador) que deseja conhecer aspectos da vida de outras pessoas, e estas, como todos os grupos humanos, têm seus próprios valores que podem ser muito diferentes dos valores dos pesquisadores. Estas possuem interesses, inimizades, setores sociais constituídos por amigos, familiares, etc., ou estão unidas pelos mesmos anseios. O pesquisador torna-se um indivíduo que desperta curiosidade ou suspeita. Assim sendo, este é um momento crucial*

---

<sup>166</sup> Maricultura em Ganchos é o cultivo de mariscos (Bivalves) com área demarcada no oceano. Esta cultura é feita partir de técnicas próprias para o cultivo, alimentação e colheita destes moluscos. Os maricultores se agremiam em associações para realizarem este trabalho. Ver SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michele. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Paulo: Rima, 2003.

<sup>167</sup> Op. cit. p.141/142.

*para a sorte da pesquisa, fazendo com o que o pesquisador tenha que tomar resoluções que podem ser vitais para o futuro do trabalho”.*

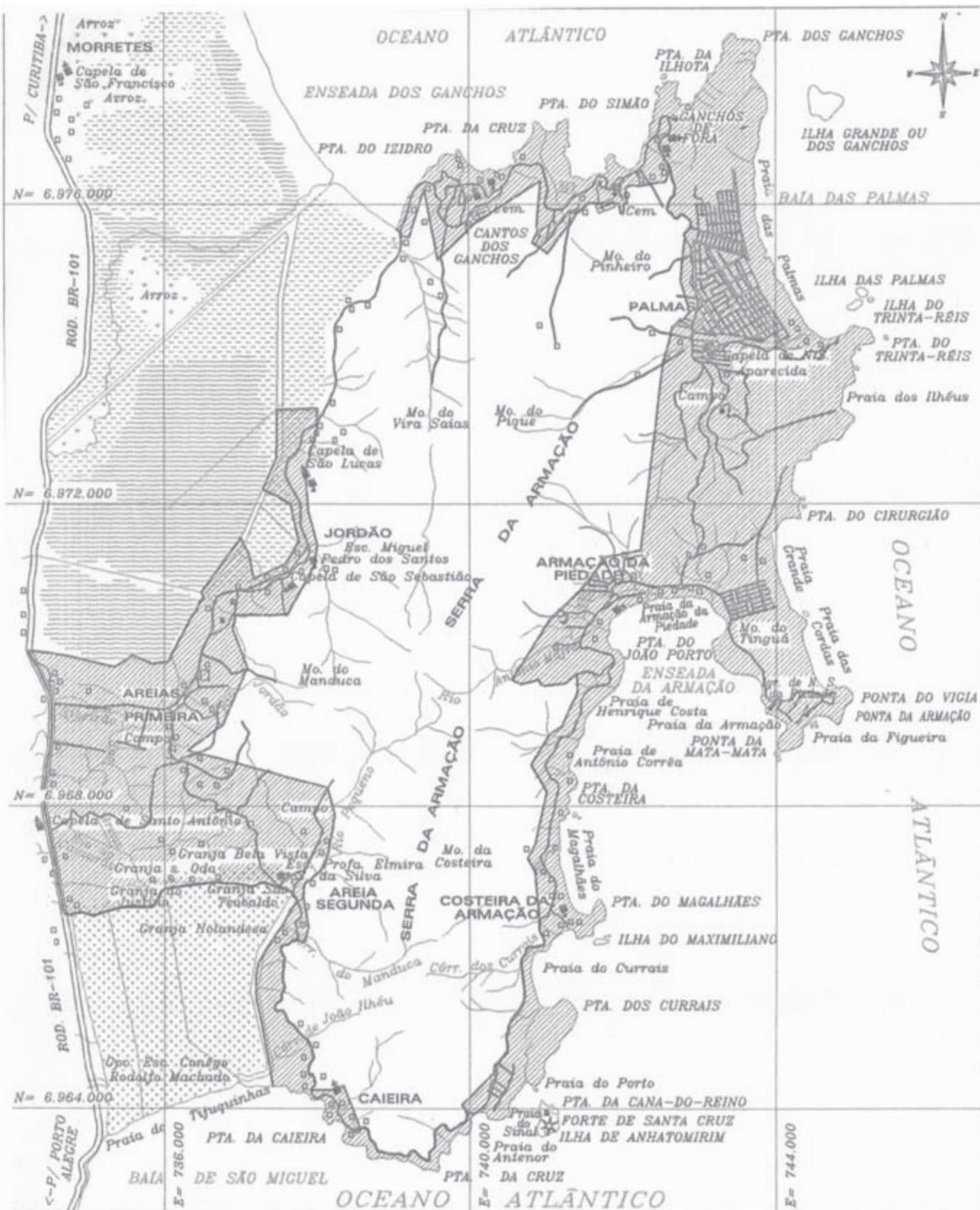
Na condição de “estranha”, tive inúmeras vezes que dar explicações referentes a minha procedência e com que autorização havia adentrado a comunidade, pois me inquiriam com desconfiança. Em alguns casos citei pessoas conhecidas ou me fiz acompanhar por alguém da comunidade. Para realizar a entrevista com seu Janguinha, optei por ser acompanhada pelo filho da Dona Rute, Amélio, que é pescador e conhece bem os moradores locais. Em nenhum caso fui barrada ou convidada a me retirar, apenas entendo e respeito a privacidade dos indicados, e quando sou apresentada por “um deles” percebo que há facilidade maior no acesso às histórias.

Seu Janguinha é uma pessoa que conhece várias histórias locais, e me foi indicada por Antonieta e Rosa Maria, como não o conhecia, me senti mais à vontade ao ser acompanhado por um morador local que pudesse me apresentar, neste caso o Amélio. Seu Janguinha é muito carismático e afável e o fato de ser apresentada por Amélio, tornou nosso encontro bem mais “amigável”.

Apesar dos moradores terem esta resistência aos estranhos, através das praias, do trabalho na pesca e das histórias é possível adentrar ao cotidiano da comunidade e vivenciar com eles, histórias de uma trajetória, feita por imigrantes que lutaram contra as agruras da vida, os dissabores de quem ao se estabelecer em terra estranha e inóspita teve que se adequar estas dificuldades e fazer de Ganchos um lar para seus descendentes.

Os relatos e narrativas apresentadas pelos entrevistados(as), através de indicação da própria comunidade, como portadores(as) do conhecimento referente ao tema em questão, apresento e analiso ao longo trabalho, dividindo-o em três capítulos.





PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

ESC.: 1 / 75.000



### D I S T Â N C I A S

Assunção.....	1.331 km	Florianópolis.....	50 km
Bal. Camboriú.....	40 km	Montevidéu.....	1.360 km
Blumenau.....	75 km	Porto Alegre.....	476 km
Buenos Aires.....	1.539 km	Rio de Janeiro.....	1.144 km
Curitiba.....	300 km	São Paulo.....	705 km



Secretaria de Turismo  
 Av. Garças, 694  
 Fone/Fax: (49) 262-2090  
 CEP: 88.190-000  
 Governador Celso Ramos - SC  
 E-mail: turismo@ranchocerto.com.br

### 3.1 - Ocupações

Tabela 2099 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência por cor, ou raça, sexo e posição na ocupação no trabalho principal

Município: Celso Ramos - SC

Variável	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocup. na semana de referência (Pessoas)		
Ano	2000		
Cor ou raça	Sexo	Posição na ocupação no trabalho principal	
Total	Total	Total	1235
Total	Total	Empregados	414
Total	Total	Conta própria	794
Total	Total	Empregadores	7
Total	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	21
Total	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Total	Homens	Total	844
Total	Homens	Empregados	266
Total	Homens	Conta própria	560
Total	Homens	Empregadores	7
Total	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	11
Total	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Total	Mulheres	Total	392
Total	Mulheres	Empregados	147
Total	Mulheres	Conta própria	234
Total	Mulheres	Empregadores	-
Total	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	11
Total	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Branca	Total	Total	1204
Branca	Total	Empregados	404
Branca	Total	Conta própria	779
Branca	Total	Empregadores	7
Branca	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	14
Branca	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Branca	Homens	Total	824
Branca	Homens	Empregados	257
Branca	Homens	Conta própria	550
Branca	Homens	Empregadores	7
Branca	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	11
Branca	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Branca	Mulheres	Total	380
Branca	Mulheres	Empregados	147
Branca	Mulheres	Conta própria	229
Branca	Mulheres	Empregadores	-
Branca	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	4
Branca	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Preta	Total	Total	-
Preta	Total	Empregados	-
Preta	Total	Conta própria	-
Preta	Total	Empregadores	-
Preta	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Preta	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Preta	Homens	Total	-
Preta	Homens	Empregados	-
Preta	Homens	Conta própria	-
Preta	Homens	Empregadores	-
Preta	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-

Preta	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Preta	Mulheres	Total	-
Preta	Mulheres	Empregados	-
Preta	Mulheres	Conta própria	-
Preta	Mulheres	Empregadores	-
Preta	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Preta	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Amarela	Total	Total	-
Amarela	Total	Empregados	-
Amarela	Total	Conta própria	-
Amarela	Total	Empregadores	-
Amarela	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Amarela	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Amarela	Homens	Total	-
Amarela	Homens	Empregados	-
Amarela	Homens	Conta própria	-
Amarela	Homens	Empregadores	-
Amarela	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Amarela	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Amarela	Mulheres	Total	-
Amarela	Mulheres	Empregados	-
Amarela	Mulheres	Conta própria	-
Amarela	Mulheres	Empregadores	-
Amarela	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Amarela	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Parda	Total	Total	27
Parda	Total	Empregados	5
Parda	Total	Conta própria	15
Parda	Total	Empregadores	-
Parda	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	7
Parda	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Parda	Homens	Total	15
Parda	Homens	Empregados	5
Parda	Homens	Conta própria	10
Parda	Homens	Empregadores	-
Parda	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Parda	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Parda	Mulheres	Total	12
Parda	Mulheres	Empregados	-
Parda	Mulheres	Conta própria	5
Parda	Mulheres	Empregadores	-
Parda	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	7
Parda	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Indígena	Total	Total	-
Indígena	Total	Empregados	-
Indígena	Total	Conta própria	-
Indígena	Total	Empregadores	-
Indígena	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Indígena	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Indígena	Homens	Total	-
Indígena	Homens	Empregados	-
Indígena	Homens	Conta própria	-
Indígena	Homens	Empregadores	-
Indígena	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Indígena	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Indígena	Mulheres	Total	-

Indígena	Mulheres	Empregados	-
Indígena	Mulheres	Conta própria	-
Indígena	Mulheres	Empregadores	-
Indígena	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Indígena	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Sem declaração	Total	Total	5
Sem declaração	Total	Empregados	5
Sem declaração	Total	Conta própria	-
Sem declaração	Total	Empregadores	-
Sem declaração	Total	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Sem declaração	Total	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Sem declaração	Homens	Total	5
Sem declaração	Homens	Empregados	5
Sem declaração	Homens	Conta própria	-
Sem declaração	Homens	Empregadores	-
Sem declaração	Homens	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Sem declaração	Homens	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-
Sem declaração	Mulheres	Total	-
Sem declaração	Mulheres	Empregados	-
Sem declaração	Mulheres	Conta própria	-
Sem declaração	Mulheres	Empregadores	-
Sem declaração	Mulheres	Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	-
Sem declaração	Mulheres	Trabalhadores na produção para o próprio consumo	-

**Fonte: IBGE - Censo Demográfico**

### 3.2 - Condição familiar/econômica

Tabela 2461 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade residentes em domicílios particulares por condição na família, situação do domicílio, sexo, cond. de atividade e cond. de ocupação

Município: Celso Ramos - SC

Variável		Pessoas de 10 anos ou mais de idade res. em domicílios particulares (Pessoas)	
Ano	2000		
Município	Sexo	Condição de atividade e condição de ocupação	
Celso Ramos - SC	Total	Total	2302
Celso Ramos - SC	Total	Economicamente ativas	1251
Celso Ramos - SC	Total	Economicamente ativas - ocupadas	1235
Celso Ramos - SC	Total	Economicamente ativas - desocupadas	15
Celso Ramos - SC	Total	Não economicamente ativas	1051
Celso Ramos - SC	Homens	Total	1178
Celso Ramos - SC	Homens	Economicamente ativas	859
Celso Ramos - SC	Homens	Economicamente ativas - ocupadas	844
Celso Ramos - SC	Homens	Economicamente ativas - desocupadas	15
Celso Ramos - SC	Homens	Não economicamente ativas	319
Celso Ramos - SC	Mulheres	Total	1124
Celso Ramos - SC	Mulheres	Economicamente ativas	392
Celso Ramos - SC	Mulheres	Economicamente ativas - ocupadas	392
Celso Ramos - SC	Mulheres	Economicamente ativas - desocupadas	-
Celso Ramos - SC	Mulheres	Não economicamente ativas	732

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

### 3.3 - População

Tabela 200 - População residente por sexo, situação e grupos de idade

Município		Celso Ramos - SC
Variável	População residente (Habitação)	
Situação do domicílio		Total
Ano	2000	
Sexo	Grupos de idade	
Total	Total	2844
Total	0 a 4 anos	237
Total	menos de 1 ano	45
Total	0 ano	-
Total	1 ano	37
Total	2 anos	68
Total	3 anos	32
Total	4 anos	55
Total	5 a 9 anos	305
Total	5 anos	64
Total	6 anos	46
Total	7 anos	60
Total	8 anos	57
Total	9 anos	78
Total	10 a 14 anos	291
Total	10 anos	58
Total	11 anos	80
Total	12 anos	46
Total	13 anos	54
Total	14 anos	53
Total	15 a 19 anos	316
Total	15 anos	106
Total	16 anos	65
Total	17 anos	60
Total	18 anos	44
Total	19 anos	42
Total	20 a 24 anos	207
Total	20 anos	28
Total	21 anos	57
Total	22 anos	65
Total	23 anos	25
Total	24 anos	32
Total	25 a 29 anos	189
Total	30 a 34 anos	194
Total	35 a 39 anos	211
Total	40 a 44 anos	186
Total	45 a 49 anos	166
Total	50 a 54 anos	120
Total	55 a 59 anos	139
Total	60 a 64 anos	89
Total	65 a 69 anos	78
Total	70 a 74 anos	31
Total	75 a 79 anos	33
Total	80 anos ou mais	-
Total	80 a 84 anos	24

Total	85 a 89 anos	28
Total	90 a 94 anos	-
Total	95 a 99 anos	-
Total	100 anos ou mais	-
Total	Idade ignorada	-
Homens	Total	1452
Homens	0 a 4 anos	122
Homens	menos de 1 ano	22
Homens	0 ano	-
Homens	1 ano	17
Homens	2 anos	41
Homens	3 anos	21
Homens	4 anos	21
Homens	5 a 9 anos	152
Homens	5 anos	37
Homens	6 anos	9
Homens	7 anos	32
Homens	8 anos	30
Homens	9 anos	44
Homens	10 a 14 anos	147
Homens	10 anos	25
Homens	11 anos	62
Homens	12 anos	14
Homens	13 anos	28
Homens	14 anos	18
Homens	15 a 19 anos	157
Homens	15 anos	78
Homens	16 anos	14
Homens	17 anos	20
Homens	18 anos	24
Homens	19 anos	20
Homens	20 a 24 anos	115
Homens	20 anos	17
Homens	21 anos	47
Homens	22 anos	28
Homens	23 anos	9
Homens	24 anos	15
Homens	25 a 29 anos	94
Homens	30 a 34 anos	93
Homens	35 a 39 anos	122
Homens	40 a 44 anos	98
Homens	45 a 49 anos	79
Homens	50 a 54 anos	41
Homens	55 a 59 anos	84
Homens	60 a 64 anos	42
Homens	65 a 69 anos	42
Homens	70 a 74 anos	23
Homens	75 a 79 anos	13
Homens	80 anos ou mais	-
Homens	80 a 84 anos	8
Homens	85 a 89 anos	21
Homens	90 a 94 anos	-
Homens	95 a 99 anos	-
Homens	100 anos ou mais	-
Homens	Idade ignorada	-
Mulheres	Total	1392

Mulheres	0 a 4 anos	115
Mulheres	menos de 1 ano	23
Mulheres	0 ano	-
Mulheres	1 ano	20
Mulheres	2 anos	27
Mulheres	3 anos	11
Mulheres	4 anos	34
Mulheres	5 a 9 anos	153
Mulheres	5 anos	27
Mulheres	6 anos	38
Mulheres	7 anos	27
Mulheres	8 anos	27
Mulheres	9 anos	34
Mulheres	10 a 14 anos	144
Mulheres	10 anos	33
Mulheres	11 anos	18
Mulheres	12 anos	32
Mulheres	13 anos	26
Mulheres	14 anos	35
Mulheres	15 a 19 anos	159
Mulheres	15 anos	28
Mulheres	16 anos	51
Mulheres	17 anos	39
Mulheres	18 anos	19
Mulheres	19 anos	21
Mulheres	20 a 24 anos	92
Mulheres	20 anos	11
Mulheres	21 anos	10
Mulheres	22 anos	37
Mulheres	23 anos	16
Mulheres	24 anos	17
Mulheres	25 a 29 anos	95
Mulheres	30 a 34 anos	101
Mulheres	35 a 39 anos	89
Mulheres	40 a 44 anos	88
Mulheres	45 a 49 anos	87
Mulheres	50 a 54 anos	79
Mulheres	55 a 59 anos	55
Mulheres	60 a 64 anos	47
Mulheres	65 a 69 anos	36
Mulheres	70 a 74 anos	8
Mulheres	75 a 79 anos	20
Mulheres	80 anos ou mais	-
Mulheres	80 a 84 anos	16
Mulheres	85 a 89 anos	8
Mulheres	90 a 94 anos	-
Mulheres	95 a 99 anos	-
Mulheres	100 anos ou mais	-
Mulheres	Idade ignorada	-

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

### 3.4 - Casamentos

Tabela 350 - Número de casamentos por grupos de idade da mulher e do homem

Município		Celso Ramos - SC				
Variável	Número de casamentos (Unidade)					
Grupos de idade da mulher	Grupos de idade do homem	Ano	Ano	Ano	Ano	Ano
		1999	2000	2001	2002	2003
Total	Total	19	26	19	13	14
Total	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
Total	15 a 19 anos	-	2	1	-	-
Total	20 a 24 anos	11	11	10	4	6
Total	25 a 29 anos	6	6	5	3	6
Total	30 a 34 anos	1	3	3	3	1
Total	35 a 39 anos	1	4	-	2	-
Total	40 a 44 anos	-	-	-	1	1
Total	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
Total	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
Total	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
Total	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
Total	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	Total	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
Menos de 15 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	Total	7	13	11	4	8
15 a 19 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	15 a 19 anos	-	1	-	-	-
15 a 19 anos	20 a 24 anos	4	9	6	1	4
15 a 19 anos	25 a 29 anos	3	2	5	2	4
15 a 19 anos	30 a 34 anos	-	1	-	-	-
15 a 19 anos	35 a 39 anos	-	-	-	1	-
15 a 19 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
15 a 19 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
20 a 24 anos	Total	8	7	5	4	4
20 a 24 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
20 a 24 anos	15 a 19 anos	-	1	1	-	-
20 a 24 anos	20 a 24 anos	7	1	2	3	2
20 a 24 anos	25 a 29 anos	1	3	-	1	1
20 a 24 anos	30 a 34 anos	-	-	2	-	1
20 a 24 anos	35 a 39 anos	-	2	-	-	-
20 a 24 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-

20 a 24 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
20 a 24 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
20 a 24 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
20 a 24 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
20 a 24 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	Total	3	5	3	4	1
25 a 29 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	20 a 24 anos	-	-	2	-	-
25 a 29 anos	25 a 29 anos	2	1	-	-	1
25 a 29 anos	30 a 34 anos	1	2	1	3	-
25 a 29 anos	35 a 39 anos	-	2	-	-	-
25 a 29 anos	40 a 44 anos	-	-	-	1	-
25 a 29 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
25 a 29 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	Total	1	-	-	-	-
30 a 34 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	35 a 39 anos	1	-	-	-	-
30 a 34 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
30 a 34 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	Total	-	1	-	1	1
35 a 39 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	20 a 24 anos	-	1	-	-	-
35 a 39 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	35 a 39 anos	-	-	-	1	-
35 a 39 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	1
35 a 39 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
35 a 39 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	Total	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
40 a 44 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-

40 a 44 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	Total	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
45 a 49 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	Total	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
50 a 54 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	Total	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
55 a 59 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	Total	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	15 a 19 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
60 a 64 anos	65 anos ou mais	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	Total	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	Menos de 15 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	15 a 19 anos	-	-	-	-	-

65 anos ou mais	20 a 24 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	25 a 29 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	30 a 34 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	35 a 39 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	40 a 44 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	45 a 49 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	50 a 54 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	55 a 59 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	60 a 64 anos	-	-	-	-	-
65 anos ou mais	65 anos ou mais	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE - Estatísticas do Registro Civil

### 3.5 - Casamentos por mês/ano

Tabela 707 - Número de casamentos por mês de ocorrência

Município: Celso Ramos

Variável	Número de casamentos (Unidade)				
	Ano	Ano	Ano	Ano	Ano
Mês de ocorrência	1999	2000	2001	2002	2003
Total	19	26	19	13	14
Meses de anos anteriores	-	1	-	-	-
Janeiro	2	2	2	-	-
Fevereiro	1	1	1	2	3
Março	2	-	2	-	1
Abril	-	4	1	1	-
Maiο	2	2	2	1	1
Junho	2	3	2	-	1
Julho	2	2	1	2	1
Agosto	-	-	-	-	-
Setembro	3	3	1	2	1
Outubro	1	-	2	-	1
Novembro	-	4	2	1	2
Dezembro	4	4	3	4	3

Fonte: IBGE - Estatísticas do Registro Civil

### 3.6 - Domicílio

Tabela 2460 - Pessoas residentes em domicílios particulares por cor ou raça e condição na família

Variável	Pessoas residentes em domicílios particulares (Pessoas)	
Ano	2000	
Cor ou raça	Condição na família	
Total	Total	169282561
Total	Pessoa responsável	48262786
Total	Cônjuge ou companheiro(a)	33551340
Total	Filho(a) ou enteado(a)	75545171
Total	Pai, mãe ou sogro(a)	1612203
Total	Neto(a) ou bisneto(a)	4344364
Total	Irmão ou irmã	1929164
Total	Outro parente	2793915
Total	Agregado(a)	687682
Total	Pensionista	154884
Total	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	401053
Branca	Total	90976475
Branca	Pessoa responsável	26332928
Branca	Cônjuge ou companheiro(a)	19246801
Branca	Filho(a) ou enteado(a)	39530623
Branca	Pai, mãe ou sogro(a)	1009333
Branca	Neto(a) ou bisneto(a)	2027025
Branca	Irmão ou irmã	962689
Branca	Outro parente	1331522
Branca	Agregado(a)	286802
Branca	Pensionista	99445
Branca	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	149305
Preta	Total	10499442
Preta	Pessoa responsável	3546274
Preta	Cônjuge ou companheiro(a)	1909411
Preta	Filho(a) ou enteado(a)	4126435
Preta	Pai, mãe ou sogro(a)	103500
Preta	Neto(a) ou bisneto(a)	278644
Preta	Irmão ou irmã	167160
Preta	Outro parente	218914
Preta	Agregado(a)	77437
Preta	Pensionista	11248
Preta	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	60418
Amarela	Total	758301
Amarela	Pessoa responsável	259470
Amarela	Cônjuge ou companheiro(a)	167790
Amarela	Filho(a) ou enteado(a)	270837
Amarela	Pai, mãe ou sogro(a)	18486
Amarela	Neto(a) ou bisneto(a)	13596
Amarela	Irmão ou irmã	12827
Amarela	Outro parente	11177
Amarela	Agregado(a)	2596
Amarela	Pensionista	905
Amarela	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	616
Parda	Total	65140321
Parda	Pessoa responsável	17649007
Parda	Cônjuge ou companheiro(a)	11883867
Parda	Filho(a) ou enteado(a)	30701424

Parda	Pai, mãe ou sogro(a)	46205
Parda	Neto(a) ou bisneto(a)	1960506
Parda	Irmão ou irmã	761779
Parda	Outro parente	1189392
Parda	Agregado(a)	308353
Parda	Pensionista	41277
Parda	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	184511
Indígena	Total	718309
Indígena	Pessoa responsável	219395
Indígena	Cônjuge ou companheiro(a)	143374
Indígena	Filho(a) ou enteado(a)	303881
Indígena	Pai, mãe ou sogro(a)	7707
Indígena	Neto(a) ou bisneto(a)	15720
Indígena	Irmão ou irmã	7592
Indígena	Outro parente	13482
Indígena	Agregado(a)	4427
Indígena	Pensionista	691
Indígena	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	2040
Sem declara	Total	1189715
Sem declara	Pessoa responsável	255711
Sem declara	Cônjuge ou companheiro(a)	200096
Sem declara	Filho(a) ou enteado(a)	611971
Sem declara	Pai, mãe ou sogro(a)	12971
Sem declara	Neto(a) ou bisneto(a)	48873
Sem declara	Irmão ou irmã	17117
Sem declara	Outro parente	29429
Sem declara	Agregado(a)	8066
Sem declara	Pensionista	1318
Sem declara	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	4163
Total	Total	2844
Total	Pessoa responsável	782
Total	Cônjuge ou companheiro(a)	647
Total	Filho(a) ou enteado(a)	1327
Total	Pai, mãe ou sogro(a)	22
Total	Neto(a) ou bisneto(a)	32
Total	Irmão ou irmã	14
Total	Outro parente	15
Total	Agregado(a)	-
Total	Pensionista	-
Total	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	3
Branca	Total	2711
Branca	Pessoa responsável	742
Branca	Cônjuge ou companheiro(a)	606
Branca	Filho(a) ou enteado(a)	1278
Branca	Pai, mãe ou sogro(a)	22
Branca	Neto(a) ou bisneto(a)	30
Branca	Irmão ou irmã	14
Branca	Outro parente	15
Branca	Agregado(a)	-
Branca	Pensionista	-
Branca	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	3
Preta	Total	13
Preta	Pessoa responsável	2
Preta	Cônjuge ou companheiro(a)	8
Preta	Filho(a) ou enteado(a)	-
Preta	Pai, mãe ou sogro(a)	-

Preta	Neto(a) ou bisneto(a)	2
Preta	Irmão ou irmã	-
Preta	Outro parente	-
Preta	Agregado(a)	-
Preta	Pensionista	-
Preta	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	-
Amarela	Total	7
Amarela	Pessoa responsável	-
Amarela	Cônjuge ou companheiro(a)	7
Amarela	Filho(a) ou enteado(a)	-
Amarela	Pai, mãe ou sogro(a)	-
Amarela	Neto(a) ou bisneto(a)	-
Amarela	Irmão ou irmã	-
Amarela	Outro parente	-
Amarela	Agregado(a)	-
Amarela	Pensionista	-
Amarela	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	-
Parda	Total	99
Parda	Pessoa responsável	33
Parda	Cônjuge ou companheiro(a)	22
Parda	Filho(a) ou enteado(a)	45
Parda	Pai, mãe ou sogro(a)	-
Parda	Neto(a) ou bisneto(a)	-
Parda	Irmão ou irmã	-
Parda	Outro parente	-
Parda	Agregado(a)	-
Parda	Pensionista	-
Parda	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	-
Indígena	Total	-
Indígena	Pessoa responsável	-
Indígena	Cônjuge ou companheiro(a)	-
Indígena	Filho(a) ou enteado(a)	-
Indígena	Pai, mãe ou sogro(a)	-
Indígena	Neto(a) ou bisneto(a)	-
Indígena	Irmão ou irmã	-
Indígena	Outro parente	-
Indígena	Agregado(a)	-
Indígena	Pensionista	-
Indígena	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	-
Sem declara	Total	14
Sem declara	Pessoa responsável	5
Sem declara	Cônjuge ou companheiro(a)	5
Sem declara	Filho(a) ou enteado(a)	5
Sem declara	Pai, mãe ou sogro(a)	-
Sem declara	Neto(a) ou bisneto(a)	-
Sem declara	Irmão ou irmã	-
Sem declara	Outro parente	-
Sem declara	Agregado(a)	-
Sem declara	Pensionista	-
Sem declara	Empregado(a) doméstico(a) e parente do(a) empregado(a) doméstico(a)	-

**Fonte: IBGE - Censo Demográfico**

### 3.7 - Fontes das Informações

As informações são oriundas de pesquisas e levantamentos correntes do IBGE e dados de outras instituições, como Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, Ministério da Educação e do Desporto - INEP/MEC; Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, Ministério da Saúde - DATASUS/MS; Tribunal Superior Eleitoral - TSE; Banco Central do Brasil - BACEN/MF, Secretaria do Tesouro Nacional, Ministério da Fazenda - STN/MF e Departamento Nacional de Trânsito - DENATRAN/MJ.

Informações Estatísticas	Origem dos Dados
População e Domicílios - Divisão Territorial 2001	IBGE
População e Domicílios - Censo Demográfico 2000	IBGE
Serviços de Saúde 2002	IBGE
Óbitos Hospitalares 2003	DATASUS/MS
Ensino - matrículas, docentes e rede escolar 2003	INEP/MEC
Estatísticas do Registro Civil 2002	IBGE
Representação Política 2000	TSE
Pecuária 2002	IBGE
Lavoura Permanente 2002	IBGE
Lavoura Temporária 2002	IBGE
Extração Vegetal e Silvicultura 2002	IBGE
Estrutura Empresarial 2001	IBGE
Instituições Financeiras 2003	BACEN/MF
Finanças Públicas 2001	STN/MF
Frota 2003	DENATRAN/MJ